



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ARTUR JORGE FARIA RIVERO GANILO

Quando o “eu” assume a condição de pobre

**Educar para a sobriedade da vida - um contributo da
disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica
sobre a unidade letiva “A Partilha do Pão” do 6º Ano
do Ensino Básico**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2019**

Primeiramente, e ao jeito de S. Francisco de Assis, “louvo e bendigo a Deus” por tudo, especialmente pela sua infinita misericórdia e por ter assumido a “condição de pobre”, ao encarnar. Depois, louvo-O em “todas a suas criaturas”, nomeadamente, os meus pais que tanto fizeram por mim e a quem tanto devo; a minha esposa pelo carinho e o suporte; o meu irmão e a minha Tia Conceição. A todos aqueles que estão bem presentes na minha mente e coração; aos professores, funcionários e à minha orientadora de Estágio, um bem-haja por tudo. Por fim, “louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam, pelo Teu Amor, e suportam as doenças e tribulações.”

RESUMO

Este relatório, que espelha o trabalho desenvolvido na prática de Ensino Supervisionado, visa a aproximação a uma das temáticas mais ressaltantes da atualidade social e religiosa: a misericórdia para com os de “condição de pobres” e a opção por um estilo de vida direcionado para a sobriedade.

O pretendido, ao longo dos três capítulos, é, sobretudo, despertar a consciência e o sentido prático para a misericórdia, tendo como horizonte aqueles que vivem em condições de pobreza e sofrem no mundo e na vida. De igual modo, procura-se sensibilizar para a importância de nos educarmos para um estilo de vida mais sóbrio, isto é, equilibrado e pensado, que, quando o “eu” assume a condição de pobre, é capaz de se abrir aos outros, especialmente aos mais necessitados, dispensando o fútil e valorizando o essencial.

Palavras-chave: Misericórdia, Condição de Pobre, Assumir, Sobriedade, Educar.

ABSTRACT

This report, which mirrors the work developed in the practice of Supervised Teaching, aims at approaching one of the most outstanding themes of social and religious actuality: the mercy towards those of "poor condition" and the option of a lifestyle directed towards the sobriety.

The purpose, throughout the three chapters, is, above all, to awaken the conscience and the practical meaning of mercy, with the horizon of those living in conditions of poverty and suffering in the world and in life. Likewise, we seek to raise awareness of the importance of educating ourselves to a more sober lifestyle, that is, balanced and thought, that when the "I" assumes the condition of poor, it is able to open to others, especially the most needy, dispensing the futile and valuing the essential.

Keywords: Mercy, Poor Condition, Assuming, Sobriety, Educating.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – O OLHAR MISERICORDIOSO DE DEUS PARA COM OS POBRES	8
1. Urge despertar para a Misericórdia	8
2. Mas, o que se entende por “Misericórdia”? Um estudo teológico-Bíblico	12
2.1. <i>A misericórdia é transversal a toda a Sagrada Escritura.....</i>	<i>12</i>
2.1.1. <i>A misericórdia como Rahamim</i>	<i>14</i>
2.1.2. <i>A misericórdia como Hesed</i>	<i>16</i>
3. A Misericórdia: “um olhar especial” para com os pobres e sofredores	17
4. A Misericórdia é, acima de tudo, a vontade salvífica de Deus para todos	26
5. Síntese	31
CAPÍTULO II – ASSUMIR A “CONDIÇÃO DE POBRE”. CONTRIBUÍDOS DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA PARA A SOBRIEDADE DA VIDA	33
1. A disciplina e o professor de EMRC	33
1.1. <i>Comprometido eclesialmente: uma missão com os de “condição de pobres”</i>	<i>37</i>
1.2. <i>Assumir a “condição de pobre” a partir do “bem-aventurados os pobres em espírito...”</i>	<i>43</i>
2. A Escola e a Família: dois espaços privilegiados para o cultivo da Sobriedade	48
3. Síntese	57
CAPÍTULO III – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA. A UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”	58
1. Caracterização da Conjuntura Escolar	58
1.1. <i>O Agrupamento e a Escola E.B. 2,3 de Nogueira</i>	<i>58</i>
1.2. <i>Caracterização da turma.....</i>	<i>62</i>
2. A Planificação e a leção das aulas da Unidade Letiva “A Partilha do Pão”	64

2.2. A planificação.....	64
2.2. A lecionação das aulas.....	67
2.2.1. Aula 1 – A importância da alimentação e da refeição	67
2.2.2. Aula 2 – O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição	69
2.2.3. Aula 3 – O significado do comércio justo	71
2.2.4. Aula 4 – A fome e a injusta distribuição de bens	72
2.2.5. Aula 5 – Instituições que procuram combater a fome	74
2.2.6. Aula 6 – Ser pão para os outros através da partilha.....	75
2.2.7. Aula 7 – A importância da alimentação no dia-a-dia e na perspectiva cultural	77
2.3. Avaliação da Unidade Letiva	99
3. Síntese	103
CONCLUSÃO.....	104
BIBLIOGRAFIA	107
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

O presente Relatório insere-se no âmbito do 2º Ciclo de Mestrado em Ciências Religiosas, variante em Educação Moral e Religiosa Católica, inserido na Prática de Ensino Supervisionada. Visa aprofundar os estudos teológicos na vertente prática e profissional, na preparação para a pesquisa, à luz da fé cristã, de soluções para os problemas humanos e para uma maior habilitação profissional para a docência de EMRC nos ensinos básico e secundário.

O tema apresentado e aprofundado é: “Quando o “eu” assume a condição de pobre”. Tem como subtema: “Educar para a sobriedade – um contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica sobre a unidade letiva “A Partilha do Pão” do 6º ano do Ensino Básico”.

A organização interna deste Relatório, que se encontra estruturado em três capítulos, articula e tem por base os diferentes domínios científicos que estruturam epistemologicamente o curso: os domínios da Teologia, nomeadamente a Bíblica e a Eclesial, as Ciências da Educação e Didática Específica de EMRC (no âmbito da Teologia Prática).

Assim sendo, a opção por este tema surge, não só de uma necessidade pessoal em querer aprofundar a temática da misericórdia divina (e similarmente humana), mas também por uma questão de preocupação social, concomitantemente religiosa, pela necessidade de nos sentirmos impelidos a olhar com os olhos misericordiosos de Deus os irmãos que vivem em condições de pobreza. Desta opção nasce o objetivo de apresentar alguns contributos educacionais no intuito de lermos a realidade circundante de uma forma mais límpida, isto é, mais sóbria, procurando caminhos que nos ajudem a uma práxis concreta na construção de uma civilização mais solidária, mais caritativa, mais voluntária, mais periférica (indo às diversas periferias existentes e existenciais), tocando com as mãos, vendo com os olhos, e assumindo, se assim podemos dizer, a “condição de pobre”, a qual nos permite ter uma maior consciência e experiência do que significa estar e viver nessa condição. Digamos que o cultivo da sobriedade nos permite uma maior perceção e noção dessa e desta realidade.

Deste modo, no primeiro capítulo, começa-se por sublinhar a urgência de nos despertarmos para a misericórdia, a misericórdia divina. Na tentativa de a definir, fazemos um estudo teológico-bíblico, que é a fonte basilar e primária para a sua compreensão. Dentro desta perspetiva, procuramos comprovar como Deus está sempre

“atento” e com um “olhar especial” para com os pobres e sofredores, pese embora a misericórdia seja, acima de tudo, a vontade salvífica de Deus para todos.

Sem nos desligarmos deste “olhar misericordioso de Deus para com os pobres”, no segundo capítulo é lançado o contributo da Educação Moral e Religiosa Católica, no sentido de demonstrar a importância de nos comprometermos e relacionarmos eclesialmente na missão com os de condição de pobres, como também a relevância de assumirmos essa condição por intermédio da bem-aventurança “felizes os pobres em espírito...” e de um estilo de vida sóbrio. O cultivo da sobriedade, julgamos, está ao alcance da sublime educação familiar, que é, sem dúvida, o primeiro espaço de educação, e pela escola, prolongamento dessa primeira educação, no horizonte de um futuro mais são e equilibrado.

No terceiro e último capítulo deste Relatório, entramos definitivamente no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, começando por contextualizar e caracterizar o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, bem como a Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Nogueira e ainda a turma A do 6º ano de escolaridade, por ter sido nessa turma desenvolvido o estágio. Ainda neste capítulo, serão apresentadas as propostas de planificação e a lecionação da Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”, num total de sete aulas de quarenta e cinco minutos. Na parte final, segue-se a avaliação das aulas lecionadas, da planificação, da turma onde se realizou o estágio e a apresentação da atividade de núcleo de estágio em articulação disciplinar com as atividades propostas no Plano de Atividades Anual da escola deste Agrupamento.

CAPÍTULO I – O OLHAR MISERICORDIOSO DE DEUS PARA COM OS POBRES

A misericórdia é “chave” de entrada para a salvação, o que, no fundo, todos nós procuramos e ansiamos alcançar. A vida cristã jamais poderá olvidá-la nem a omitir, pois é por meio dela que nos é revelado o mistério Uno e Trino de Deus. É por ela que Deus vem ao nosso encontro, que faz de nós Sua morada, no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Assim sendo, a misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Neste primeiro capítulo iremos abordar a importância da misericórdia para a atualidade, bem como o seu significado, a partir de um estudo teológico-bíblico. Uma vez que o termo misericórdia é tipicamente teológico e porta em si uma dimensão essencialmente relacional, iremos ver como a misericórdia divina é predileta para com os pobres e sofredores. Todavia, a misericórdia divina não é exclusivista, bem pelo contrário, ela é a vontade salvífica de Deus para todos, sem exceções.

1. Urge despertar para a Misericórdia

Partindo de uma visão objetiva da mundividência atual, até porque o mundo por si mesmo revela a sua própria “figura” e os seus “gritos exorbitantes” e, portanto, só quem é “cego e surdo” não consegue “ver e ouvir”, verificamos que a nossa “*casa comum*”¹ sustém, a seus pés, os mais variados, incomensuráveis e constantes devires² da humanidade.

Sabemos perfeitamente quão duros e difíceis foram e estão a ser estes dois últimos séculos. Desde os alvares do século XX que assistimos à primeira “grande” guerra e, num curto espaço de tempo, a uma segunda guerra mundial, arquitetadas pela ganância do poder. O ser humano jamais conseguirá esquecer e apagar a mancha impregnada na História da humanidade com a construção de campos de concentração, onde milhares de pessoas, cruel e friamente, padeceram os terrores da tortura, da fome, do frio. Inclusive, viram abertas as gélidas “portas desta vida para a outra”, por meio das

¹ Expressão peculiar da *Carta Encíclica “Laudato Si”*, do Papa Francisco.

² Os movimentos permanentes pelos quais as coisas passam de um estado a outro; transformando-se; mudando.

câmaras de gás. Do mesmo modo, será inesquecível a *cortina de ferro*³, que simbolizou a “desunião” entre o Mundo Ocidental e o Bloco do Leste.

O século seguinte, não foi melhor. Iniciou com um dos mais bárbaros ataques terroristas (11 de Setembro de 2001, *data memorável*), nos EUA, em Nova Iorque, e, quem fala deste, fala de muitos outros ataques terroristas bem como de várias formas de terrorismo sem piedade⁴, das perseguições religiosas, das diversas injustiças sociais e das inúmeras catástrofes naturais que desolam tudo e todos.

“Os sinais dos tempos”⁵ estão à vista de todos. Nunca a humanidade teve na sua posse tanto conhecimento e criatividade, tanta abundância de riqueza, bem como um leque vastíssimo de possibilidades, substancialmente económicas. Todavia, paralelamente a tudo isto, uma grande parte da humanidade é atormentada pela fome e a miséria⁶, vivem nas mais imagináveis condições de pobreza. As crianças são vítimas de abusos, os jovens e crescidos são explorados de formas inconcebíveis e os idosos são esquecidos e abandonados. As convicções políticas e religiosas geram conflitos e abalam a liberdade pessoal. As pessoas inocentes, na tentativa de procurarem melhores condições de vida, de liberdade, de direito e dignidade, acabam por ser, sem culpa nenhuma, “refugiados sem refúgio”. A sociedade contemporânea parece ter ultrapassado a escravatura de outrora⁷, mas inevitavelmente, criou outras formas de servidão social e psicológica. A verdadeira fome e sede parece ser, ainda hoje, a da liberdade, em todos os seus sentidos.

Os avanços acelerados e sistemáticos de uma sociedade do tipo industrial tem os seus aspetos positivos, no entanto, geram ou aumentam as contradições e desequilíbrios.⁸ É perceptível que o ritmo da vida humana não consiga acompanhar de forma linear este crescimento abrupto. A própria pessoa, perante as complexas circunstâncias, é incapaz de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os conjugar com a novidade. A inquietação e a perturbação vêm ao de cima. O *homo*

³ Ou Muro de Berlim, construído durante a guerra fria, pela República Democrática Alemã que separava a Alemanha Ocidental (capitalista) da Oriental (socialista). Além de dividir a cidade de Berlim a meio, simbolizava a divisão do mundo em 2 blocos: República Federal da Alemanha, constituída pelos países capitalistas liderados pelos Estados Unidos, e a República Democrática Alemã, constituída pelos países socialistas, sob o comando do regime soviético.

⁴ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 9.

⁵ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O.,1965) n. 4.

⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷ O direito de posse, ou de propriedade, sobre alguém designado por escravo, por meio da força. O(a) escravo(a) podia ser comprado, vendido ou trocado e exercia serviços a desejo do seu dono.

⁸ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O.,1965) n. 8.

*religiosus*⁹ é muitas vezes confrontado com o secularismo, o ateísmo moderno, o agnosticismo e pelagianismo atual¹⁰ e ainda a diversidade de opiniões.¹¹

E não é só o ser humano que sofre, mas também toda a “mãe terra”, que tem vindo a ser explorada de muitos modos e feitios, a belo prazer do *homo sapiens/faber*. A ecologia vai perdendo a sua biodiversidade, o “ócio comum vai-se contagiando”, isto é, vai-nos faltando o zelo e o cuidado para com aquilo que é de todos, que nos é comum, a nossa “casa comum”, deixando expandir a cultura do descarté e da indiferença.

Perante semelhante panorama, e entre muitos outros fatores, parece ser muito complexo falar e apresentar um Deus todo-poderoso, que no Seu “Mistério (...)”, chega a divisar alguns traços do seu rosto”¹² como a justiça e a misericórdia. Todo o sofrimento injusto dos inocentes parece constituir o alicerce e o argumento para a negação de Deus. Mesmo para o crente, o dia parece uma “noite escura”¹³ pois, diante da calamidade, a boca fica muda. Para outros, é melhor viver como *Etsi Deus non daretur*. A maioria das pessoas parece poder viver perfeitamente sem Deus, ou pelo menos não pior do que muitos cristãos. A própria consciência de “pecado” parece já não existir, sendo quase tudo, ou mesmo tudo, permissível.

Se as aflições corporais, por si só, já são insuportáveis, aglutinando-se a estas as aflições espirituais, a desorientação e a falta de sentido de vida, que “hospício” pode atender tal ser humano? Se o próprio não for capaz de questionar sobre o sentido da vida e da esperança, cai no “abismo”, agarra-se, unicamente, às coisas fugazes e superficiais, ou seja, à materialidade do mundo.

Por isso mesmo, ainda uma minoria (a continuação do “resto dos homens”¹⁴) reconhece que “Sem Deus ficamos completamente sem saída, à mercê dos destinos e dos azares do mundo e das tribulações da história. Sem Deus não existe instância alguma à qual possamos apelar, não existe qualquer esperança num último sentido e

⁹ Cf. BENTO XVI, *Audiência Geral* de 11 de Maio de 2011, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110511.html, acessado em 14/02/2019.

¹⁰ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 19 de Março de 2018, n.36 e n.47-48, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_gnosticismo_atual, consultado em 14-02-2019

¹¹ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 7

¹² PONTIFÍCIO CONSELHO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 20, Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A%20proximidade%20gratuita%20de%20Deus, consultado em 14-02-2019.

¹³ Dizia S. João de Cruz no seu belo poema “A noite escura da alma”.

¹⁴ Cf. Act 15,13-18.

numa justiça definitiva”¹⁵. Assim sendo, a plena valorização da dignidade ontológica do ser humano só acontece se existir Deus, e se Ele for um Deus de justiça e de misericórdia. Só havendo esperança e confiança num Deus misericordioso, clemente e compassivo, poderá brotar um novo começo, o alento e a força para tentar recomeçar novamente.

Vejam, precisamente, dois exemplos concretos de confiança neste Deus misericordioso, que, no meio da depravação, das angústias da vida e da realidade hostil das suas épocas, perceberam o quão importante é a misericórdia divina. Santo Agostinho, o grande Doutor da Igreja, nas *Confissões*, sentiu a misericórdia e a proximidade de Deus na sua vida quando mais afastado d’Ele se encontrava. Escreve ele: “A Ti o louvor e a glória, oh Deus fonte de misericórdia! Cada vez me tornava mais miserável e Tu cada vez me tornavas mais próximo.”¹⁶ E ainda refere ele: “Emudeça no seu louvor a Deus quem primeiro não tenha contemplado as provas da misericórdia divina”¹⁷.

Por sua vez, o Papa João Paulo II deu-nos o seu testemunho de sofrimento pessoal, uma autêntica homilia, “mais eloquente do que muitas homilias que proferiu e do que inúmeros documentos que escreveu”¹⁸. Ele cresceu e viveu nas proximidades de Auschwitz. Ainda como Bispo de Cracóvia, vivenciou os horrores das duas grandes guerras mundiais bem como dos sistemas totalitários e ainda as tribulações do seu povo e da sua vida pessoal. No entanto, fez do seu papado um autêntico *kerigma* da misericórdia.

Sequencialmente, como podemos perceber, a mensagem da misericórdia divina deve valer enquanto mensagem de esperança e de confiança, a muitos dos nossos contemporâneos que vivem sem margem de orientação e sem esperança. Não se trata, pois, de uma mensagem secundária, mas sim, de um tema fundamental do Antigo e do Novo Testamentos, para o século XXI, em resposta aos “sinais dos tempos”.

À luz da situação atual, urge despertar para a misericórdia!

¹⁵ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 13.

¹⁶ Ibidem, In STO AGOSTINHO, *Confessiones*, VI, 16, 26.

¹⁷ Ibidem, In STO AGOSTINHO, *Confessiones*, VI, 149.

¹⁸ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 17.

2. Mas, o que se entende por “Misericórdia”? Um estudo teológico-Bíblico

Não é por acaso que estes últimos 3 Papas – João Paulo II, Bento XVI e Francisco – nos tenham convidado a mergulhar na importância da compreensão da Misericórdia. O Papa João Paulo II intitulou o II Domingo da Páscoa, o *In Albis*, como o *Domingo da Divina Misericórdia*¹⁹, o dom que a Igreja recebe de Cristo ressuscitado e oferece à humanidade no alvorecer do terceiro milênio. Também o seu sucessor, Bento XVI, na mesma linha de pensamento, refere que “no nosso tempo, a humanidade precisa que seja proclamada e testemunhada com vigor a misericórdia de Deus (...) que é mais forte que todo o mal, e somente na Cruz de Cristo se encontra a salvação do mundo”²⁰. Por sua vez, o Papa Francisco, com a Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia, vem precisamente reforçar as ideias dos seus antecessores apontando para a necessidade de contemplarmos o mistério da misericórdia. Alude o próprio: “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia.”²¹

É precisamente com esta intenção, de aprofundar o seu significado e importância, que passaremos a “girar à volta” do conceito de misericórdia, com base na Sagrada Escritura, que é fonte primária e fundamental para a sua compreensão.

2.1. A misericórdia é transversal a toda a Sagrada Escritura

Apesar dos diversos contributos, muito úteis, ao longo dos séculos, por parte da filosofia e das religiões no que concerne à temática da *compaixão*, podemos constatar que a mensagem da Sagrada Escritura vai um pouco mais além, referindo-se, inclusive, à *misericórdia*. Aliás, o conceito «misericórdia», como iremos ver, porta, em si, um sentido especificamente bíblico.

Embora tenhamos a ideia e a sensação de que Deus, no Antigo Testamento, é punitivo e irado, ao passo que, no Novo Testamento, é bom e misericordioso, não é bem assim, ou melhor, não é mesmo assim. É verdade que existem textos no Antigo

¹⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Homilia do Domingo da Divina Misericórdia* de 22 de Abril de 2001, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010422_divina-misericordia.html, consultado em 16-02-2019.

²⁰ BENTO XVI, *Angelus* de 16 de Setembro de 2007, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20070916.html, consultado a 16-02-2019.

²¹ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* de 11 de Abril de 2015, n.3, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html, consultado em 16-02-2019.

Testamento que podem provocar tal sensação e nos levar a pensar desse modo. No entanto, esta perspectiva não é justa pois, ao fim e ao cabo, quer um, quer outro Testamento dão testemunho de um único e mesmo Deus.

Nesta ótica, a misericórdia é uma temática transversal a toda a Sagrada Escritura, quer no âmbito veterotestamentário, quer no neotestamentário. No Antigo Testamento são fundamentais os termos: *rahamim* (amor visceral), *hesed* (magnanimidade) e *hen* (cuidado, graça, favor). No texto grego, quer dos Setenta quer do Novo Testamento, as respetivas traduções de *splánchna* (entranhas), *éleos* (compaixão) e *oiktirmós* (piedade) representam o sentido fundamental com o qual é caracterizado o agir de Deus e de Jesus. Daí poder falar-se em ambos os Testamentos do ser de Deus como misericórdia.

A misericórdia, com origem no latim, é composta pelos termos latinos *miseratio*, derivado de *misere*, que significa, numa tradução à letra, “compaixão”, e *cordis*, derivado de *cor*, “coração”²².

O coração (*cor*) para os *miseri* (pobres e sofredores), isto é, “um coração compadecido”, “um coração que se dá àqueles que são vítimas da miséria”, é um dos sentimentos fulcrais atribuídos a Deus e prescritos à humanidade em toda a Sagrada Escritura. O Antigo Testamento é muito rico quanto a este termo e expressa-o por meio de vários sinónimos. Entre eles destacam-se os seguintes:

- *Rahamim*,²³ que designa um movimento íntimo, instintivo, que brota do amor e que se torna com-paixão, capacidade de sofrer com alguém, ternura. É um sentimento (feminino) próprio da maternidade, que nasce das vísceras, como uma mãe que padece com o seu filho nas entranhas. No grego, este termo é traduzido por *splánchna*.

- *Hesed*²⁴ é um sentimento mais amplo da compaixão, que significa amor, bondade, benevolência, piedade, graça. Este, por sua vez, tem características de um sentimento masculino. A misericórdia, aqui, torna-se fundamental, porque é um termo que exprime relação, que indica um comportamento: o mostrar amor, o fazer misericórdia. No Novo Testamento, *hesed* é traduzido por *éleos*.

Será perante estes dois termos hebraicos que iremos, de seguida, fazer uma aproximação àquilo que representa o amor misericordioso de Deus.

²² Cf. GRAMÁTICA, disponível online em <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-misericordia/>, consultado em 17-02-2019.

²³ Cf. Enzo Bianchi, *A misericórdia na Bíblia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 12.

²⁴ Cf. *Ibidem*, p.12

2.1.1 A misericórdia como *Rahamim*

“Como poderei abandonar-te, ó Efraim? Entregar-te, ó Israel? Como poderei Eu abandonar-te, como Adma, ou tratar-te como Seboim? O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas. Não desafogarei o furor da minha cólera, não voltarei a destruir Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira.” (Os 11,8-9)

Neste trecho bíblico de Oseias podemos destacar o coração terno e misericordioso de Deus, um sentimento próprio da misericórdia, aquilo a que designamos de *misericaordiae motus*, movido pela misericórdia.²⁵ O termo *rahamim* identifica que a misericórdia divina brota como o do amor materno, que na tradução latina se expressa por *viscera misericordiae*, ou seja, um amor movido pelas entranhas. Neste âmbito, discursamos acerca do Amor entranhado, ou visceral, de Deus para com o seu povo e, por conseguinte, para com cada um de nós.

O amor Deus para com os *miseri*, ação causada pela sua misericórdia, é totalmente gratuito como refere o livro do Êxodo: “concedo a minha benevolência a quem Eu quiser e uso de misericórdia – *rahamim* – com quem for do meu agrado” (Ex 33,19). Trata-se de um “movimento natural e necessário de Deus”, que ama eloquentemente, chegando ao ponto de se entregar totalmente, assim como acontece com o amor de mãe. E não é por acaso que o próprio Deus se entregou totalmente, ao ter enviado o seu próprio Filho ao mundo, chegando ao ponto de ser crucificado e morto, mas que ressuscitou ao terceiro dia?

Este trecho é o ápice deste sentimento, precisamente quando o povo de Israel, devido à sua infidelidade, merecia o castigo. Todavia, Deus mostra-se compassivo, existindo um sentimento que O vence, que vai contra Ele. Em Deus, a misericórdia vence a justiça.²⁶ E é vencida precisamente porque Deus é “Santo”, como refere o próprio profeta, pois Deus não é como ser humano, Ele é “Outro”, e a Sua justiça difere da dos homens. A Sua santidade é a misericórdia (*rahamim*) que perdoa, uma amor visceral, materno e uterino, que ama e perdoa eternamente.

O amor de mãe também é assim, capaz de perdoar sempre o seu filho. A passagem “sede santos, porque Eu, o Senhor, o vosso Deus, sou santo” (Lev 19,2) no

²⁵ Cf. Enzo Bianchi, *A misericórdia na Bíblia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p.13.

²⁶ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 68.

Novo Testamento, com Jesus, ganha este sentido “sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36), isto é, sermos capazes de amar a todos, até os nossos inimigos, pois Deus “(...) faz com que o sol se levante sobre bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores” (Mt 5,45). Destaca-se o caráter mais afetivo e emocional de Deus para com o seu povo.

Como podemos entender por estes versículos de Oseias, aquela ideia de que o Deus veterotestamentário é punitivo e irado, como referíamos anteriormente, é incorreta, pois Deus é antes de tudo misericordioso. Além disso, Deus não permanece apático à aflição e ao pecado do mundo. Na verdade, Ele se “inflama de ira, mas logo, por misericórdia, dá literalmente a reviravolta.”²⁷ A Sua misericórdia, para além de absolver o pecado, esquece-o, o que para nós é impensável. Mas lá está, “sou Deus e não um homem, sou o Santo...”. O próprio Papa Francisco refere: “a misericórdia será sempre maior do que o pecado, e ninguém pode impor um limite ao amor de Deus que perdoa.”²⁸

Apesar do antropomorfismo ou do antropopatismo - atribuição de figura de mãe ou do sentimento maternal a Deus -, o que aqui se pretende não é afirmar a dimensão feminina, ou o género de Deus, mas sim comparar teologicamente o amor fiel e invencível de Deus com a graça da força misericordiosa da maternidade.

Na sua misericórdia como *Rahamim*, Deus age com ternura, perdendo e curando as feridas mais íntimas do humano. Nesta dimensão da misericórdia, Deus restabelece a dignidade perdida pelo pecado, dando a possibilidade de um novo recomeço. Por outras palavras, Deus quer dar-nos um “coração de carne” (Ez 11,19), com espaço para a misericórdia, retirando o “coração de pedra”, desumano, sem misericórdia.

O amor misericordioso de Deus é operante na história por todo o ser vivente, por todos os necessitados e sofredores, por todos os pecadores. Por isso, a misericórdia – *rahamim* – é eterna, atual e escatológica.²⁹

²⁷ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p.68.

²⁸ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* de 11 de Abril de 2015, n. 3, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html, consultado em 16-02-2019.

²⁹ Cf. Enzo Bianchi, *A misericórdia na Bíblia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 18.

2.1.2 A misericórdia como *Hesed*

“Reconhece, pois, que o Senhor, teu Deus, é que é Deus, o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade para com os que o amam e observam os seus mandamentos até à milésima geração.” (Dt 7,9)

“Se confessamos os nossos pecados, Deus é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a iniquidade.” (1 Jo 1,9)

Estamos perante dois trechos, um do Antigo Testamento e outro do Novo Testamento,³⁰ que nos remetem para a Misericórdia Divina como *hesed*, isto é, a fidelidade que Deus manifesta, pelo próprio amor, ao povo.

A misericórdia como *hesed* revela, em primeiro lugar, a essência de Deus, como Ele vive o amor que Ele é, que é “força permanente”, “intensidade”. No livro do Êxodo, Deus exprime o seu comportamento, o mostrar amor, o fazer misericórdia: “Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egipto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sentimentos, e descerei a libertá-lo” (Ex 3,7-8). O próprio Deus vê, porque tem um olhar; escuta, porque se deixa tocar pelos que sofrem; conhece, porque no seu mistério se faz próximo; e relaciona-se porque quer acabar com o mal de quem o pratica.³¹ Referimo-nos à solidariedade, à “bondade” de Deus.

O termo *hesed*, como podemos entender, revela também a graça, que vai para além da mera tristeza pela aflição do ser humano e designa a solicitude livre de Deus. No Novo Testamento, este termo, traduzido por *éleos*, denota a disponibilidade de Deus, em Jesus Cristo, para redimir os pecados, como vemos no trecho acima da primeira carta de S. João. Portanto, *hesed* aponta para a salvação anterior a qualquer vontade ou mérito humano. Deus, antes de ser fiel para com o ser humano é-o primeiramente consigo mesmo, é algo que faz parte da sua natureza.

Também podemos depreender que *hesed* remete para o âmbito relacional, que se prolonga no tempo³², Deus permanece sempre fiel à sua Aliança com o seu povo, “ontem, hoje e por toda a eternidade”. É a compaixão, a bondade e benevolência que, diante da humanidade, não pode deixar de amar, mesmo quando a mesma se encontra em estado de pecado. Esta compaixão pela vida humana aclara que *hesed* é a vontade de

³⁰ Realça-se a temática da transversalidade da misericórdia na Sagrada Escritura.

³¹ Cf. Enzo Bianchi, *A misericórdia na Bíblia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 14.

³² Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 60.

salvação divina, embora o homem merecesse o justo castigo, devido à sua infidelidade. Todavia, Deus perdoa-lhe e concede-lhe uma nova oportunidade. Isto acontece porque Deus, no seu mistério, vai mais além das nossas capacidades de compreensão. Deus se inclina face ao homem para que ele seja capaz de compreender a palavra da salvação que lhe foi destinada. Assim sendo, é a ação amorosa de Deus que trata os homens como filhos, que não os julga de acordo com os seus erros, mas que permite, primeiramente, o pecador sentir-se amado e acolhido e, conseqüentemente, desperte o desejo de arrependimento e de conversão.

Hesed, portanto, é este amor que, mesmo não sendo correspondido, permanece, porque faz parte da essência de Deus, que ultrapassa a mera justiça retributiva, é mais forte que a traição e a infidelidade do seu povo e, por fim, mais forte que o pecado.

Por último, poderíamos dizer que *Hesed* diz respeito a uma relação de direitos e de deveres, distinguindo-se de *Rahamim*, pois não nasce de um sentimento espontâneo, mas de uma deliberação, como consequência de uma relação de direitos e deveres, que geralmente se dá por parte do superior para com o inferior³³.

3. A Misericórdia: “um olhar especial” para com os pobres e sofredores

O ponto de partida para melhor entendermos a misericórdia é o *coração*³⁴, que é um conceito tipicamente bíblico (*leb, lebab, kardía*). O coração, na Bíblia, não é simplesmente um órgão, que bombeia e palpita. É o “espaço” antropológico dos sentimentos e das emoções. A pessoa, pelo coração, manifesta o “estado do seu espírito”, as alegrias e as tristezas.

Além disso, a Bíblia fala teologicamente do coração de Deus. Coração, este, que não só evidencia um misto de emoções e de sentimentos, mas sobretudo um “espaço” onde se encontra o amor, o amor verdadeiramente apaixonado pelo ser humano. Este amor divino, que brota do Seu *coração*, não é indiferente ao coração humano, até porque Deus é um Deus de relação, que se relaciona amorosamente com a Criação e, de modo particular, com a humanidade.³⁵ É pelo amor intrínseco à humanidade e pela fidelidade à Aliança que Deus busca a humanidade e se faz

³³ Cf. José Pedro Lopes Angélico, *Horizonte teologal e racionalidade teológica – Uma reflexão teológico-fundamental sobre a misericórdia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 129.

³⁴ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 59.

³⁵ Cf. Alexandre Freire Duarte, *A misericórdia com os demais a partir da misericórdia com Deus*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 63.

companheiro das nossas vicissitudes (cf. Gn 3,9; Ex 34,12; Lc 19,10). De livre vontade, Ele é “Emanuel” (Is 7,14 e Mt 1,23), “Deus conosco”, que caminha sempre ao nosso lado, em todos os momentos das nossas vidas, não de uma maneira apática e indiferente, como vimos, mas fazendo do nosso coração o Seu, isto é, partilhando o que de melhor e de menos bom temos e somos. O próprio Papa Francisco refere: “Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso.”³⁶ Paralelamente, este amor infinito que Deus possui pelo ser humano, fá-Lo respeitar a liberdade humana. O Amor é assim mesmo, ama só quem é livre, livre de poder amar.

Pelo fato da pessoa ser livre, ela tem a possibilidade de corresponder ao Amor livremente. Como sabemos, nem sempre a pessoa corresponde com amor ao Amor. Ela é capaz exatamente do oposto, do desamor, da injustiça e da infidelidade. São sempre os mais fracos, frágeis e os pobres as maiores vítimas do mau uso da liberdade humana. Todavia, na Sua infinita misericórdia, Deus compadece-se³⁷ profundamente, devido a um amor de intimíssima identificação com aqueles que padecem. As próprias histórias bíblicas dão-nos prova disso. Vejamos no livro dos Juízes: “é que o SENHOR deixava-se comover pelos seus lamentos frente aos que os oprimiam e humilhavam” (Jz 2,18). Podemos constatar a misericórdia da salvação levada a cabo por Deus, a Sua Compaixão para com os *miseri*, os que sofriam injustiças e opressões.

A mensagem veterotestamentária da misericórdia, além da sua dimensão espiritual, tem também esta dimensão social, como podemos depreender. Deus mostra-se com um olhar especialmente misericordioso para com os pobres e sofredores. Ele mesmo libertou o seu povo da escravidão e da pobreza do Egito, como podemos constatar em Ex 22,20 e Ex 6,6. Ele demonstra um carinho especial pelos pobres e sofredores que se espelham no órfão, na viúva e no estrangeiro: “faz justiça ao órfão e à viúva, ama o estrangeiro e dá-lhes pão e vestuário” (Dt 10,18). Inclusive, podemos verificar este “olhar misericordioso” na voz de todos os profetas que, com palavras de alento, demonstravam que Deus os escutava, que n’Ele podiam encontrar o refúgio, o direito, o consolo e a compaixão.³⁸

³⁶ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* de 11 de Abril de 2015, n. 6, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html, consultado em 16-02-2019.

³⁷ Cf. Alexandre Freire Duarte, *A misericórdia com os demais a partir da misericórdia com Deus*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 66.

³⁸ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 75.

É evidente que Deus sente um afeto pelo ser humano, Ele sofre connosco, isto é, compadece-se, alegra-se e entristece-se por nós e connosco. Por isso mesmo, Ele não reina apaticamente na glória e na beatitude do seu trono perante um mundo cheio de injustiças. Na carta aos Filipenses é referido que Deus “esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2,6), na pessoa de Jesus Cristo. Por isto, podemos dizer que Deus sente connosco, é igual em tudo a nós, exceto no pecado. Pela união hipostática da segunda Pessoa da divindade com a humanidade, os afetos e sofrimentos da natureza humana de Jesus também são afetos e sofrimentos da Pessoa divina. Desta feita, aquilo que Jesus sofre como homem, também é o sofrimento de Deus³⁹. “Em Jesus Cristo, Deus fez-se homem, a fim de que não falte à misericórdia divina o verdadeiro co-sofrimento.”⁴⁰

Do mesmo modo, podemos dizer que Deus não é alheio nem indiferente ao sofrimento de todos os seres humanos. Todavia, na sua misericórdia, Deus sofre livre e gratuitamente pelo mal e pelo sofrimento humano, pois Ele não está condicionado pela necessidade e a aflição humana. É algo inerente a Ele, que O faz sofrer e compartilhar o nosso sofrimento.

A mensagem neotestamentária reflete também este olhar misericordioso de Deus para com os pobres e sofredores. Jesus comprova ser o *rostro da misericórdia do Pai*.⁴¹ N’Ele encontramos um amor visível e palpável, que se entrega gratuitamente a todos, em especial aos pobres, pecadores e sofredores. N’Ele não há nada que seja desprovido de compaixão.

O evangelista Mateus, no *sermão da Montanha*, que poderia perfeitamente chamar-se também de sermão da Misericórdia, faz realçar precisamente este Jesus que se comove: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.” (Mt 11,28-30). No mesmo evangelho, Jesus encheu-se, no fundo do seu coração, “de compaixão” vendo que a multidão de pessoas que O seguia estava cansada e abatida (cf. Mt 9,36). O próprio Mateus viu o olhar misericordioso de Jesus que ao passar junto do posto de cobrança dos impostos o escolheu (perdoou os seus pecados) e tornou-o um

³⁹ PIO XII, Carta Encíclica *Sempiternus Rex Christus* – Sobre o XV Centenário do Concílio Ecuménico de Calcedónia (Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1951), n. 25.

⁴⁰ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 151.

⁴¹ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* de 11 de Abril de 2015, n. 1, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html, consultado em 16-02-2019.

dos doze (cf. Mt 9,9). O pecador também é este pobre sofredor carenciado da misericórdia divina.

A compaixão e a solidariedade de Jesus para com os pobres, brota da sua íntima experiência como pobre, pois como vimos “Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo.” (Fl 2,6-7). Jesus identifica-se com os necessitados e sofredores ao ponto de dizer: “Em verdade vos digo: Sempre que fizeste isto a um destes meus irmãos mais pequenitos, a mim mesmo o fizeste” (Mt 25,40). Estas palavras de Jesus são um apelo à misericórdia humana, para sermos misericordiosos como Ele também o é.

Portanto, as palavras de Jesus mostram-nos o sentido último do amor ao próximo e da misericórdia. Daí que a misericórdia não seja simplesmente uma questão moral, mas a fé em Jesus, de seguimento a Cristo, de encontro com Cristo,⁴² de encontrar Cristo nos pobres e necessitados. No pobre e no sofredor, é o próprio Jesus Cristo que vem ao nosso encontro.

As obras de misericórdia, corporais e espirituais, apontam para este caminho, de solicitude para com os mais necessitados, tal como Jesus sempre se mostrou solícito com quem se cruzava com Ele.⁴³ Trata-se não só de uma questão de justiça, mas sobretudo de abrir o “coração”, isto é, de prestar atenção e ser sensível às necessidades dos demais. Em Mateus, Jesus alude: “Portanto, o que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12). Não é, pois, só uma questão de olhar para as necessidades dos outros, mas de vermos Cristo neles, como também de pensarmos logicamente que nos poderemos deparar perante tais situações de auxílio, necessitando das “obras de misericórdia” dos outros. Todos nós somos necessitados de algo, daí o provérbio português: “Ninguém é tão rico que não possa receber, assim como ninguém é tão pobre que não possa dar”. Por outras palavras, é termos um coração de “carne”, capaz de misericórdia, de compaixão pelos *mais pequenitos*, independentemente de quem quer que seja.

⁴² Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 183.

⁴³ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 184, Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A%20proximidade%20gratuita%20de%20Deus, consultado em 14-02-2019.

Podemos entender que as obras de misericórdia⁴⁴ corporais e espirituais nos advertem para a questão da pobreza. Primeiramente, elas apontam para a pobreza física ou económica: não ter casa, comida com que saciar a fome nem com que beber para saciar a sede, não ter o que vestir nem abrigo para se proteger do tempo. E ainda as enfermidades e incapacidades graves de se poder tratar medicinalmente. Em segundo lugar, remetem para a pobreza cultural, precisamente quando as pessoas não têm oportunidades de formação, de ter um futuro promissor, chegando ao ponto da exclusão da vida social e cultural. Outra forma de pobreza patente nas obras de misericórdia é a pobreza relacional. As pessoas deparam-se com a solidão e a falta de introversão, ou pela morte do cônjuge ou de familiares ou amigos, perante a discriminação e a marginalização, até o isolamento na prisão. Por fim, deparamo-nos com a pobreza espiritual, que constitui um grande drama, perceptível na desorientação, no vazio interior, no desconsolo e na falta de esperança, no desespero existencial, na confusão moral e espiritual.⁴⁵

Devemo-nos questionar seriamente sobre a nossa maneira de agir e de proceder, como vemos e olhamos a realidade, nos dias de hoje, perante um mundo onde se propaga a indiferença, onde muitos são descartados como se não tivessem utilidade nenhuma, onde a lei do mais forte parece ser imperial perante os mais fracos, onde existe clara e visivelmente uma desigualdade planetária, sendo os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Por isso mesmo, Jesus Cristo é paradigma por excelência para nós, pois Ele *é o homem perfeito*,⁴⁶ que se uniu de certo modo a cada um de nós. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Ele era verdadeiramente um de nós (relembrando: exceto no pecado). Mais do que ninguém, Ele era perfeitamente consciente da realidade do seu contexto socio-político-cultural, e se movia por uma *práxis* concreta (movido por misericórdia) falando e procedendo com autoridade, pregando e vivendo a misericórdia. Ele *cumpr*e com a sua palavra e com a *Sagrada Escritura*.⁴⁷ “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação

⁴⁴ A tradição da Igreja especificou, com base no Evangelho, o que significa em concreto as obras de misericórdia, que são 14: 7 corporais: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pausada aos peregrinos; assistir os enfermos; visitar os presos; e enterrar os mortos. E 7 espirituais: dar o bom conselho; ensinar os ignorantes; corrigir os que erram; consolar os tristes; perdoar as injúrias; suportar com paciência as fraquezas do próximo; e rezar a Deus por vivos e defuntos.

⁴⁵ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 176-177.

⁴⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O., 1965) n. 22.

⁴⁷ Cf. Lc 4, 21.

da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4,18-19).

Jesus, com as suas palavras, os seus gestos e toda a sua pessoa, revela a misericórdia de Deus. Ele é a “imagem de Deus invisível” (Col 1,15). Neste sentido, o amor, que vem do seu coração para com os pobres e sofredores, nunca é abstrato. “Por sua natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos.”⁴⁸ Por conseguinte, a misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós, que nos torna conscientes da nossa (co-)responsabilidade para conosco e para com os outros. Jesus veio ao mundo precisamente para dar testemunho deste coração misericordioso de Deus, que jamais nos abandonará, mas que, todavia, precisa de nós, como “instrumentos” de misericórdia, pois sem nós e através de nós a misericórdia fica no vazio.

As “Bem-Aventuranças”, ou os “Felizes...”, proclamadas por Jesus (cf. Mt 5, 3-12; Lc 6,20-23) patenteiam este seu coração afável, amoroso e misericordioso, que sente compaixão e alegria por aqueles que são *pobres, mansos, que choram, que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacificadores e os que sofrem perseguição por causa da justiça*. Ele não se alegra pelo simples fato de padecerem ou por passarem por tribulações, mas precisamente por serem aqueles que gozarão eternamente da misericórdia divina. Estas palavras de Jesus são claramente uma *contracorrente*⁴⁹ ao que já era habitual na sua época e, obviamente, ao que sucede ao longo dos tempos, como hoje em dia na nossa sociedade. Jesus, o *rosto da misericórdia do Pai*, torna-se o consolador misericordioso de todos aqueles que passam pela tribulação, pois estes serão, como dissemos, os bem-aventurados da glória que há-de vir.

São Paulo, o grande convertido pelo encontro misericordioso com Jesus a caminho de Damasco, conhecido como o perseguidor, mas que, depois, veio a ser perseguido, alude: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão na tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus” (2 Cor 1,3-4). Este ser consolado por Jesus é um estímulo para nós, de *imitatio Christi*, que, quando nos

⁴⁸ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* de 11 de Abril de 2015, n. 9, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html, consultado em 16-02-2019.

⁴⁹ Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 19 de Março de 2018, n. 63, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_gnosticismo_atual, consultado em 14-02-2019.

liberamos da fraqueza do egoísmo, da preguiça e do orgulho, podemos consolar também os demais.

Na lógica desta misericórdia de Jesus para com os pobres e os sofredores, o “*Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu*”, é um convite misericordioso de Jesus para reconhecermos que não é na riqueza (do mundo) e no acumular que está a nossa segurança, até porque é *insensato*: “Deus, porém, disse-lhe: “Insensato! Nesta mesma noite, vai ser clamada a tua vida; e o que acumulaste para quem será?” Assim acontecerá ao que amontoa para si, e não é rico em relação a Deus.” (Lc 12,16-21). Como podemos constatar, as riquezas não dão segurança alguma. O coração fica impedido de partilhar o que há em abundância com aqueles que necessitam. Jesus, portanto, convida à misericórdia, ou seja, à compaixão, à partilha com aqueles que são realmente pobres. Por sua vez, os “pobres em espírito” são os que têm um coração misericordioso, um coração pobre, capaz de se abrir à misericórdia, ao “Reino do Céu”.

O “*Felizes os mansos, porque possuirão a terra*”, alerta-nos para este mundo onde existe inimizades, ódios e litígios. Jesus, que é “manso e humilde de coração” (Mt 11,29) diz-nos para aprendermos com Ele (“Aprendei de mim”) e propõe-nos um estilo de misericórdia específico: a mansidão, uma forma de irmos contracorrente, demonstrando ternura e mansidão, sem nos sentirmos superiores, evitando inimizades, ódios e litígios, pois, assim, “possuímos a terra”.

O “*Felizes os que choram, porque serão consolados*”, é uma grande realidade patente no mundo. Mundo este que nos propõe precisamente o oposto: o entretenimento, o prazer e o divertimento, ignorando os problemas reais que existem. É o mundo que “não quer chorar”⁵⁰ e quer procurar, a todo o custo, passar ao lado do sofrimento, quando na realidade, a “cruz” do dia-a-dia nunca pode faltar. Portanto, Jesus tem um olhar misericordioso para com aqueles que realmente “choram” e dá-lhes o seu consolo, não como a dá este mundo, mas compadecendo-se vivamente do sofrimento alheio, socorrendo os que estão em aflição. É nosso dever também, como vimos nas obras de misericórdia espirituais, “sofrer com paciência as fraquezas do próximo”, ou seja, não ignorando, mas fazendo-se presente, compadecendo-se e aliviando-os.

O “*Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados*”, demarca precisamente a injustiça de muitos que padecem a real “fome e sede” das necessidades

⁵⁰ Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 19 de Março de 2018, n.75, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_gnosticismo_atual, consultado em 14-02-2019.

básicas, com o instinto de sobrevivência. As pessoas aspiram à justiça com um desejo forte.⁵¹ Jesus é aquele que sacia, pois Ele é justo, “dá-se como verdadeiro alimento e verdadeira bebida”, e nós podemos colaborar, nesta obra de misericórdia, “dando de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede”, como vimos, fazendo justiça a estes oprimidos. Todavia, a justiça e a misericórdia de Jesus, ultrapassam as deste mundo, porque mais cedo ou mais tarde “serão saciados”.

O “*Felizes os misericordiosos, porque alcançaram misericórdia*”, aponta para um duplo aspeto: Jesus que dá, ajuda, serve, mas também que perdoa e compreende.⁵² O ser humano, para além das necessidades corporais, vê-se carecido de compaixão espiritual. Dar e perdoar é reflexo da perfeição de Deus na sua infinita misericórdia. Ter um coração e um olhar misericordioso ao jeito de Jesus é ter esta capacidade, não só de dar, mas de perdoar e compreender até “setenta vezes sete” (Mt 18,22), pois é “perdoando que somos perdoados”, ou seja, que alcançamos misericórdia.

O “*Felizes os puros de coração, porque verão a Deus*”, diz respeito aos que têm um coração simples, puro, capaz de amar. Jesus é precisamente aquele que tem um “coração puro”, ou seja, um coração misericordioso cheio de verdadeiras intenções. Ao jeito de Jesus também somos impelidos a ter um coração puro (cheio de boas e verdadeiras intenções) capaz de olhar para os pobres e sofredores, onde o próprio Deus se espelha, pois é assim que “veremos a Deus”, nos irmãos mais pequenitos, sem perversidade, pois “o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração” (1 Sam 16,7).

O “*Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus*”, é um louvor àqueles que procuram a paz, construir a paz e a amizade social.⁵³ Jesus viveu de forma pacífica e misericordiosa: “Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz” (Jo 14,27). Mesmo na hora em que foi entregue, Ele se entregou de forma pacífica: “(...) todos os quantos se servirem da espada morrerão pela espada” (Mt 26,52). A misericórdia de Jesus é também este apelo a termos um coração reconciliado com o mundo, diante das situações de guerra e de conflito. Somos chamados a ser “instrumentos da paz” (“dou-vos a minha paz”) a todos os corações contritos e conturbados.

O “*Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu*”, alude àqueles que foram e são perseguidos por terem defendido a

⁵¹ Cf. *Ibidem*, n.77.

⁵² Cf. *Ibidem*, n.81.

⁵³ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 19 de Março de 2018, n. 88, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco-esortazione-ap-20180319-gaudete-et-exsultate.html#O_gnosticismo_atual, consultado em 14-02-2019.

justiça. O próprio Jesus foi “vítima” de perseguição, foi preso, crucificado e morto pela justiça. No entanto, a misericórdia sobressaiu, pois ressuscitou ao terceiro dia, Jesus venceu a morte, e aqueles que, por defenderem a justiça, também vencerão a morte, pois deles é o “Reino do Céu”. Jesus demonstra que, quem O segue, não terá uma vida facilitada, cómoda e fácil. No entanto, Ele mesmo está sempre connosco e Ele será a recompensa, pois “quem perder a sua vida por minha causa há-de encontrá-la” (Mt 16, 25). A cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da misericórdia, é fonte de amadurecimento. Existem perseguições inevitáveis, pelas quais as pessoas sofrem de forma cruenta, como tantos mártires contemporâneos, tantos homens e mulheres refugiados, mas existem aquelas perseguições provocadas por nós próprios, que poderiam ser perfeitamente evitadas, quando tratamos de modo errado os outros. Aqueles que procuram proceder ao jeito de Jesus misericordioso e justo, devem fazê-lo com simpatia para com “todo o povo”⁵⁴, evitando qualquer tipo de “perseguição” e “escândalo”.

O amor da Igreja, que é o prolongamento da misericórdia de Jesus pelos pobres e sofredores, inspira-se precisamente no Evangelho das bem-aventuranças, na pobreza de Jesus e na Sua atenção aos pobres. A Igreja, “desde as suas origens, apesar das falhas de muitos de seus membros, não deixou nunca de trabalhar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los”.⁵⁵ Baseando-se no preceito evangélico “recebeste de graça, dai de graça” (Mt 10,8) a Igreja ensina a socorrer o próximo nas suas várias necessidades e difunde na comunidade humana a prática das obras de misericórdia corporais e espirituais.

Como podemos constatar, a misericórdia divina é uma Boa-Nova consoladora, animadora e cheia de esperança que se torna palpável, que se faz *carne*, que encarna, na Segunda Pessoa, e que pode repercutir em nós, pela ação da Terceira Pessoa. Sob o Seu manto misericordioso há lugar para toda a humanidade, pois Ele é para nós refúgio, esperança e consolo.⁵⁶

⁵⁴ Cf. *Ibidem*, n. 93.

⁵⁵ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO «JUSTIÇA E PAZ». *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n.184.

⁵⁶ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 141.

4. A Misericórdia é, acima de tudo, a vontade salvífica de Deus para todos

Toda a Sagrada Escritura, grosso modo, revela uma História de amor entre Deus e a humanidade. Deus, sem esgotar o seu Mistério, autorrevela-se na história da Salvação como sendo o Deus do Amor e da infinita Misericórdia. A “misericórdia expressa a essência divina, que se encontra graciosamente virada para o mundo e para os seres humanos e que se torna para eles uma e outra vez na história, isto é, a bondade e o amor inerentes a Deus. A misericórdia é a *caritas operativa e efetiva* de Deus.”⁵⁷ O evento salvífico é, por assim dizer, o “grande drama de acontecimentos de que advêm histórias, a contar e recontar, a transmitir e a traduzir uma (comum)unidade na percepção e expressão da fé”⁵⁸, sendo que o que salta à vista é a misericórdia.

Como vimos anteriormente, a misericórdia – *Rahamim* – é este amor movido pelas entranhas (*viscerae misericordiae*), pela qual Deus quer, desde toda a eternidade, em seu Filho Jesus, a salvação do *género humano*, “pois o Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10) “e não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar” (Lc 4,12).

Ao longo da sua vida pública, Jesus não se manteve exclusivamente a fazer um simples *kerigma* da misericórdia, mas, mais do que isso, viveu-a, demonstrou-a e deu-a de forma concreta através da Sua *praxis* existencial a todos os que O circundavam, como também tivemos anteriormente a oportunidade de testemunhar. Ele trouxe consigo a misericórdia definitiva, para todos, abrindo assim o caminho de acesso a Deus, não apenas para os justos, mas a todos, sem exclusões. Portanto, independentemente de se vincar o “olhar” misericordioso de Deus para com os pobres, e os sofredores, a misericórdia não se restringe apenas a estes, mas a todos, sem exceções.

Independentemente da misericórdia divina estar ao “dispor” de todos, sem exceções, ela não se impõe, porque Deus leva-nos a sério e, por isso, Ele respeita a nossa liberdade. No entanto, ela apela à responsabilidade do ser humano,⁵⁹ exige uma opção que, em última instância, nos pode levar à “vida” ou à “morte”, pois “Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós.”⁶⁰

⁵⁷ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 112.

⁵⁸ José Pedro Lopes Angélico, *Horizonte teologal e racionalidade teológica – Uma reflexão teológico-fundamental sobre a misericórdia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 134.

⁵⁹ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 138.

⁶⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), n.1847.

A História da Salvação é precisamente construída com base no princípio salvador de Deus em relação a todo o ser humano, deste Deus que se compadece da vulnerabilidade humana. Ele centra-se no resgate da pessoa, na orientação da sua vida, não “segundo a carne”, mas de acordo com o “Espírito”, levando-o a refazer a sua vida, uma *vida nova*, convidando-o incansavelmente à conversão. Nesta lógica, Deus é o protagonista e a pessoa é o objeto do mover divino. Nesta relação, Jesus, o Deus encarnado, torna-se o mediador, Aquele que revela e dá a conhecer a misericórdia divina, que vem até nós pela fé, que nos dá a plenitude de sermos pessoas, que é a certeza de sermos filhos(as) de Deus, como refere o Evangelista João: “Mas, a quantos receberam, aos que nele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1,12).

O ser humano, enquanto ser criado à imagem de Deus, é chamado a ser “perfeito, como ele é perfeito” (Mt 5,8). “Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura vontade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada.”⁶¹ Não obstante a condição de pecador, o homem é movido pela graça que a misericórdia – *Hesed* – divina lhe concede. “Por isso, sempre e em toda a parte, Ele está próximo do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-Lo, a conhecê-Lo e a amá-Lo com todas as suas forças.”⁶² Assim sendo, a misericórdia torna-se um lugar de acontecimento escatológico salvador, onde Deus permite o ser humano regressar à sua origem, realizada por meio de Cristo, através de uma transformação interior. Deus “convoca todos os homens, dispersos, pelo pecado, para a unidade da sua família (que é a Igreja), mediante seu Filho, que Ele enviou como redentor e salvador na plenitude dos tempos. N’Ele e por Ele, chama os homens a tornarem-se, no Espírito Santo, seus filhos de adoção e, portanto, herdeiros da sua vida bem-aventurada.”⁶³

Como é perceptível, a Misericórdia de Jesus é uma misericórdia intimamente relacionada com a redenção dos pecados, uma vez que o pecado é “uma falta contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo”⁶⁴, que nos distancia e divide desse amor. Pela misericórdia, ação de Deus, é restabelecida a ordem. Vemos que a obra conduzida por Cristo dá pleno sentido à condição do homem, tornando-o participante da filiação de Jesus, na medida em que “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rom 5,20).

⁶¹ Ibidem, n.1.

⁶² Ibidem.

⁶³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), n.1.

⁶⁴ Ibidem, n.1849.

A vontade salvífica de Deus é inclusiva e abraça todos, ninguém está excluído à priori, ressaltando sempre o caráter da liberdade humana, pois para todo aquele(a) que está disposto à conversão e que se arrependa dos seus pecados, Deus na sua misericórdia, mantém aberta a possibilidade de salvação, por muito grande e grave que seja a culpa.⁶⁵ Desta maneira, compreendemos que o conceito de misericórdia é profundamente Cristológica, uma vez que todos os homens são chamados à salvação segundo o desígnio de Deus na configuração com Cristo, sendo Cristo o primogênito de muitos irmãos.

O Catecismo da Igreja Católica menciona que “o Evangelho é a revelação, em Jesus Cristo, da misericórdia de Deus para com os pecadores”,⁶⁶ o que quer dizer que a misericórdia é a aceitação da obra de Cristo, como a única fonte de salvação. Pelo fato de Jesus ter assumido a nossa condição, Ele percebe o quão vulneráveis nós somos e quanto necessitamos da Sua misericórdia. Deus, que é de condição divina, revelou-se na sua pequenez para receber a debilidade humana. A misericórdia divina é assim mesmo, como refere o profeta Ezequiel: “Porventura me hei-de comprazer com a morte do pecador – oráculo do Senhor Deus – e não com o fato de ele se converter e viver?” (Ez 18,23). Portanto, a misericórdia é um momento fulcral para o ser humano, que é vulnerável, mas não impotente de força divina, perante este Deus que é capaz de perdoar eternamente o pecado em vez de castigar, porque Deus é Amor e deseja que o homem se converta, viva e O ame.

Jesus, é este Deus que encarna, que se faz um de nós, é em tudo igual a nós, exceto no pecado. Todos nós, ao contrário d’Ele, somos pecadores porque faz parte da nossa condição. “Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos, e a verdade não está em nós. Se confessamos os nossos pecados Ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda a maldade” (1 Jo 1,8-9). Em Cristo reside a nossa justiça, isto é, o poder salvador que vence o poder do pecado, reconciliando-nos com Deus. Na Cruz, e na Ressurreição, está a Nova Aliança, a Fidelidade de Cristo aos homens e a Deus. Cristo entregou-se voluntariamente por nós todos, pelos nossos pecados: “Isto é o meu sangue, o Sangue da Nova Aliança, que vai ser derramado por todos para a remissão dos pecados” (Mt 26,28). E, na Sua Ressurreição, está a nova vida, que venceu a morte (o pecado, o sofrimento), dando-nos esta possibilidade de

⁶⁵ Cf. Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 139.

⁶⁶ *Ibidem*, n.1846.

ressuscitar com Ele, não só na “última vinda”, mas todos os dias da nossa vida, pela graça da sua misericórdia.

Embora Cristo nos tenha redimido de uma vez para todos, Ele sabe perfeitamente o quão vulneráveis, o quão débeis somos, e a necessidade constante da sua *perfecta misericordiae*. Com esta noção, A Igreja, que é o corpo de Cristo, que é sua Cabeça (cf. Ef 4,15-16), é “sacramento da permanente e eficaz presença de Cristo no mundo e, por último, sacramento da misericórdia.”⁶⁷ É-o como *Christus totus*. Desta maneira, a Igreja encontra-se com o próprio Cristo nos seus próprios membros e nas pessoas necessitadas. Pelo sacramento e pelo anúncio da palavra, a Igreja mantém presente Jesus, o “Evangelho da Misericórdia” e a “chave da vida cristã”. Todavia, a Igreja é objeto da misericórdia divina, porque, embora tenha sido salva por Jesus Cristo, é teândrica, ou seja, é divina, formada por Cristo, mas também humana, constituída por homens com debilidades e defeitos e, por isso, necessita de ser continuamente purificada, a fim de ser pura e santa, cada vez mais configurada com Cristo.

No que se refere ao anúncio da misericórdia, a Igreja tem um papel fundamental, sobretudo, nos dias atuais, em que muitos vivem descartando Deus, como “algo secundário”. É neste sentido que a Igreja tem de “intervir”, reforçando a centralidade e a importância de Deus e da Sua misericórdia nas vidas de cada um. No anúncio, a Igreja deve expressar que a misericórdia de “outrora” é a mesma de hoje e tão necessária, que a “história da salvação da época transforma-se de certo modo em história de salvação no presente e, por último, na história da nossa vida e da vida dos nossos contemporâneos.”⁶⁸

A atualização desta mensagem não significa uma mensagem nova. Pelo contrário, é a adaptação e a atualização numa nova situação, pois o Evangelho (da misericórdia) é sempre o mesmo (é único), os problemas é que vão variando, sendo outros. Neste anúncio, é primordial, primeiramente, o exemplo, “pregar o que se vive de verdade de coração”. Não se pode esquecer o serviço caridoso e caritativo e da justiça, pois nestas coisas “reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,25) e prestaremos contas Àquele que a todos julgará no último dia.⁶⁹ Nem todos os que dizem “Senhor, Senhor” entrarão no reino dos céus, mas aqueles que cumprem a vontade do Pai (cf. Mt 7,21). A vontade do Pai, revelada pelo Filho, é que

⁶⁷ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 191.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 195.

⁶⁹ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O., 1965) n. 93.

reconheçamos e amemos em todos as pessoas Cristo, por palavras e por obras, dando testemunho de um amor misericordioso.

Depois, é necessário anunciar exatamente o que a misericórdia significa: Deus é Amor, “é o amor que se dá a Si mesmo e está sempre disposto a perdoar (...) que nos criou – a todos – milagrosamente e que depois, quando nos afastamos d’Ele, não nos deu por perdidos, mas, antes pelo contrário, nos restabeleceu e restabeleceu a nossa dignidade do modo mais milagroso. Deus desceu até nós na nossa mais profunda humilhação, a fim de nos elevar até Ele e de nos atrair ao seu coração.”⁷⁰

No que concerne aos Sacramentos, todos eles são manifestação da misericórdia de Deus.⁷¹ Todavia, para sermos mais precisos nesta via da misericórdia, o Sacramento da Reconciliação é-o por excelência.

O pecado é, antes mais, a ofensa a Deus e um atentado contra a comunhão com a Igreja.⁷² É por isso, que a conversão traz consigo o perdão de Deus e a reconciliação com a Igreja, por meio do Sacramento da Reconciliação. É evidente que só Deus perdoa os pecados, mas Jesus que é o “Filho do Homem tem na Terra o poder de perdoar os pecados” (Mc 2,10) e exerce esse poder divino: “os teus pecados são-te perdoados” (Mc 2,5). Mais do que isso, também pelo Seu poder divino, Ele concede esse poder aos seus discípulos, para que o exerçam em seu nome. Neste sentido, Cristo quis que a sua Igreja fosse “sinal e instrumento do perdão e da reconciliação que Ele nos adquiriu pelo seu Sangue.”⁷³ Este poder é o presente pascal do Senhor Ressuscitado aos seus discípulos, que nos perdoa e nos concede, admiravelmente, todas as oportunidades necessárias para “ressuscitarmos novamente para a vida”.

Hodiernamente, perante uma grave crise deste sacramento, a Igreja tem um papel fundamental. Torna-se necessário vincar a importância deste Sacramento “em decadência e em desuso”, que é o *refúgio* dos pecadores, onde encontramos um porto de abrigo para nos libertar dos nossos pesos de consciência.

Em nenhum momento “experimentamos a compaixão de Deus de forma tão imediata, tão direta, tão concreta como quando, em nome de Jesus”⁷⁴, nos é dito: “vai em paz, os teus pecados estão perdoados”. É precisamente a paz e a tranquilidade da consciência, e a consolação divina, que este sacramento nos proporciona, e o que falta a

⁷⁰ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 196.

⁷¹ *Ibidem*, p. 198.

⁷² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), n. 1440.

⁷³ *Ibidem*, n. 1442.

⁷⁴ Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015), p. 201.

muitos dos nossos contemporâneos. De facto, existem muitos cristãos que vivem as suas vidas, e até participam na Eucaristia, sem esta “ressurreição espiritual”⁷⁵, ou seja, sem se prepararem para viver o seu dia-a-dia na presença de Deus nem terem reta consciência de serem verdadeiramente “os convidados para a ceia do Senhor”. Embora, existam múltiplas formas de penitência na vida cristã, especialmente, o *jejum, a oração e a esmola*,⁷⁶ e na própria Eucaristia esteja patente o ato penitencial, estes apenas são uma forma de nos preparar, acompanhar e prolongar para o sacramento da Penitência, pois não pretendem nem podem substituí-lo.

Outro aspeto a sublinhar é que o sacramento da Penitência é a manifestação específica essencial na vida da Igreja, uma vez que os pecados do dia-a-dia são as manchas e as rugas da Esposa de Cristo, que atenuam a força da irradicação e afetam a vida da Igreja em geral. Por isso, a confissão é um voltar-se visivelmente para o corpo visível de Cristo, que é a Igreja.

Este Sacramento responde, hoje como ontem, a uma profunda necessidade de nos convertermos, de nos curarmos, o que O torna atual. Assim como “o médico cura o corpo, Deus, em Jesus Cristo, por meio da Igreja, cura-nos espiritualmente”. Em última instância, o sacramento da misericórdia é verdadeira possibilidade de reencontrar a graça da justificação,⁷⁷ que é o *olhar misericordioso de Deus para com os pobres, os sofredores e (a vontade salvífica) para com todos*.

5. Síntese

Como verificámos neste primeiro capítulo, a misericórdia é realmente a condição fundamental e a chave da vida cristã. Jesus Cristo, o Verbo encarnado, é o “rosto da misericórdia”, o qual, pelo Espírito Santo, nos revela o Pai como cheio de misericórdia. É por Jesus misericordioso que chegamos ao Pai misericordioso (“Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém pode ir até ao pai se não por mim” (Jo 14,6). É fixando o olhar n’Ele que podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. O mistério do amor divino é revelado, de forma visível e palpável, em Jesus. A sua pessoa é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizados, doentes e

⁷⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), n. 1468.

⁷⁶ Cf. Ibidem, n.1434

⁷⁷ Cf. Ibidem, n.1446.

atribulados, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n'Ele fala de misericórdia, e não há nada n'Ele que não seja desprovido de compaixão.

Todo o cristão (seguidor de Cristo), numa tentativa de *imitatio Christi*, é convidado justamente a ser misericordioso, isto é, a ter um coração capaz de bater ao ritmo do coração do d'Ele, de Deus. Um coração apaixonado, seráfico, sensível, cheio de compaixão e de perdão, um coração, não solitário, mas solidário com todos, sem exceções, essencialmente com os mais pobres e sofredores.

Esta misericórdia que aqui tratámos, é o ponto de partida para o próximo capítulo.

CAPÍTULO II – ASSUMIR A “CONDIÇÃO DE POBRE”. CONTRIBUIÇOS DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA PARA A SOBRIEDADE DA VIDA

A Escola também é aquele espaço onde os atos, os gestos, as palavras e todo o ser deve ser movido pela misericórdia – misericórdia esta que, como vimos, tem a sua gênese em Deus, e que repercute em nós, no nosso testemunho – indo ao encontro de todos, mas, com maior incidência, sobre aqueles que, por diversas razões, vivem em “condições de pobreza”, partilhando o que somos e temos. As boas relações entre comunidade escolar, comunidade familiar e comunidade local, fundadas na caridade recíprocas e na sobriedade de vida, são fundamentais para a sã convivência e a mudança de paradigma, na perspectiva de criar um futuro mais solidário e consciente.

Dentro desta linha de pensamento, começaremos por abordar o papel e a importância da disciplina e do professor de EMRC na Escola. De seguida, são apresentados alguns contributos para os professores de EMRC com o intuito de fazer despertar a consciência para o compromisso eclesial: uma missão junto daqueles que vivem na “condição de pobres”. Posteriormente, é lançado o desafio de assumirmos a “condição de pobres” a partir da bem-aventurança “felizes os pobres em espírito...”. Para ultimar, faremos referência à Escola e à Família como espaços privilegiados para o cultivo da sobriedade, numa ótica educacional.

1. A disciplina e o professor de EMRC

No Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho, referente ao *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, encontramos um quadro de referências que visa formar, fundamentalmente, pessoas, “pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos.”⁷⁸ É um perfil com bases humanistas, o que “significa a consideração de uma sociedade centrada na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais”⁷⁹.

⁷⁸ Guilherme d’Oliveira Martins, Prefácio ao *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação: Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 5.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 6

As *Aprendizagens Essenciais*⁸⁰ da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, bem como todas e as demais disciplinas, estão em articulação com o perfil dos alunos. Isto significa, grosso modo, que a escola se configura como “escola para a pessoa e das pessoas.”⁸¹

A Educação Moral e Religiosa Católica, portanto, na sua missão educativa, como disciplina curricular, porém de caráter facultativo, dá prioridade a uma formação para a pessoa sobre a pessoa, porque o que está em causa é a pessoa humana, vincando a importância do *anthropos* na cultura religiosa. Ela está ao serviço da educação integral dos alunos e, por conseguinte, ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que o “Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores da fé e da humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa.”⁸²

A pessoa humana é constituída por diversas dimensões, sendo, por natureza, *homo religiosus*. Nesta ótica, haverá uma educação integral se a dimensão religiosa for tomada em consideração. A realidade social será mais bem compreendida se aprofundarmos o fenómeno religioso e as suas expressões e influências culturais.

Para além do alcance cultural, a EMRC tem um claro valor educativo, uma vez que tem como objetivo “formar personalidades ricas em interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade.”⁸³ É propícia para a abertura ao transcendente, aos outros e ao mundo a que é chamado a construir. Por outras palavras, a EMRC “pode ser uma boa ajuda para educar no humanismo e no bom relacionamento, para edificar uma civilização mais solidária e mais pacífica.”⁸⁴ Por estas razões, ela distingue-se claramente da catequese, pois não visa a educação da fé, mas a educação moral alicerçada na cultura cristã, permitindo a compreensão da matriz cristã do mundo e da vida, da pessoa e da sociedade. Os valores morais que a disciplina propõe são o alicerce da convivência

⁸⁰ Cf. Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais/Articulação com o Perfil dos Alunos – 6º Ano/2º Ciclo do Ensino Básico* (julho de 2018).

⁸¹ Cf. Joaquim Azevedo, *I Congresso das Escolas Católicas – Escola Católica e a Integração aos Sistemas Educativos* (Fátima, 2013), p. 2.

⁸² JOÃO PAULO II, *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu da Religião Católica na Escola Pública* (In L’Observatore Romano, ed. Semanal em português, 1991), n. 16.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ Comissão Episcopal, Nota Pastoral *A EMRC na Escola Pública: Um Contributo para a Civilização e para a Cultura* de 11 de Maio de 2001, Texto disponível online em <http://www.educris.com/v2/102-comissao-episcopal/901-nota-pastoral-a-emrc-na-escola-publica-um-contributo-para-a-civilizacao-e-para-a-cultura---2001>, consultado em 1-05-2019.

social e o caminho integral da pessoa: “a igual dignidade de todo o ser humano, a solidariedade, a confiança e a ajuda mútua, a boa relação, a liberdade responsável, a honestidade, o espírito de serviço e de colaboração, o voluntariado...”⁸⁵.

Tal é possível se também o professor da disciplina, que é proposto pelo Bispo da Diocese e nomeado pelo Ministério da Educação, reunir as condições essenciais, tais como: primeiramente, a legalidade da qualificação científica e pedagógica e, por conseguinte, o precioso jeito e gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino.⁸⁶

Evidentemente que o professor de EMRC comunga do mesmo perfil comum a todos os outros professores, todavia, é imprescindível, dado o caráter específico da disciplina que leciona, três dimensões ou funções inseparáveis e fundamentais. Primeiramente, ser um bom educador. Isto significa que o professor de EMRC é uma pessoa coerente com a vida que leva, dando testemunha daquilo que comunica e vive. O Papa Francisco, em *Resposta às perguntas dos representantes das escolas dos Jesuítas na Itália e na Albânia*, aludiu que “um educador (...) transmite conhecimentos e valores com as suas palavras, mas só será incisivo sobre os jovens se acompanhar as palavras com o testemunho, com a sua coerência de vida. Sem coerência não é possível educar.”⁸⁷ Portanto, ser educador requer e contém uma vocação especial. A este respeito, o Papa Francisco acrescenta: “educar não é uma profissão, mas uma atitude, um modo de ser; para educar é preciso sair de si mesmo e permanecer no meio dos jovens, acompanhá-los nas etapas do seu crescimento, pondo-se ao seu lado.”⁸⁸

A segunda dimensão requerente é a de ser testemunha de fé. Um bom professor de EMRC deve procurar a excelência⁸⁹ pois, sendo um profissional exemplar, deve sentir-se responsabilizado em dar testemunho de uma autêntica vivência cristã. Tem,

⁸⁵ Comissão Episcopal, Nota Pastoral Sobre a EMRC *Alicerce da Convivência Social* de 20 de Maio de 2003, Texto disponível online <http://www.educris.com/v2/102-comissao-episcopal/904-nota-pastoral-sobre-a-emrc-alicerce-da-convivencia-social---2003> consultado em 1-05-2019.

⁸⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *A Educação Moral e Religiosa Católica: Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade*, Texto disponível online <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/891-a-educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade> consultado em 1-05-2019.

⁸⁷ FRANCISCO, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, de 7 de junho de 2013, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html, consultado em 1-05-2019.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da fé, *Ser Professor de ERMRC*, Texto disponível em <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>, consultado em 1-05-2019.

igualmente, consciência da sua vocação e missão, tornando-se presença evangelizadora da Igreja na Escola.⁹⁰ A este respeito a Congregação para a Educação Católica, no documento *Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos*, aponta para este sentido, dos professores darem testemunho concreto da e na sua vida aos alunos: “como testemunhas, cada um dos professores deve dar razão da sua esperança, vivendo a verdade que eles mesmo propõem aos seus estudantes.”⁹¹

A outra dimensão fundamental é a de ser fonte de dinamismo de conversão. O professor de EMRC “é um cristão que compreende as mutações tecnológicas, económicas e sociais e que perscruta os sinais dos tempos neles contidos; bem como é um cristão que reforça os valores morais e na atuação concreta.”⁹² Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit*, de 25 de Março de 2019, o Papa Francisco diz que os jovens precisam de “bons guias”, que os saibam acompanhar na vida, pelo que, destaca como qualidades, neste processo dinamizador de conversão: “ser um cristão fiel comprometido na Igreja e no mundo; uma tensão contínua para a santidade; não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens; responder com gentileza; conhecer-se; saber reconhecer os limites; conhecer as alegrias e as tribulações da vida espiritual. Uma qualidade de primária grandeza é saber reconhecer-se humano e capaz de cometer erros: não perfeitos, mas pecadores perdoados. (...) Os guias não devem levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os a ser protagonistas do seu próprio caminho.”⁹³

Ser professor, independentemente da área disciplinar que ocupa, não é uma mera profissão, é uma (co)responsabilidade e uma resposta aos pedidos dos Pais e da sociedade para apoiar e orientar a formação/educação das gerações futuras, na educação da pessoa.⁹⁴ Por isso mesmo, o professor é um profissional que fomenta a autonomia dos alunos em ordem à inclusão na sociedade, identifica e respeita as diferenças dos alunos, combatendo a exclusão social e a discriminação e assume as exigências éticas e deontológicas associadas à prática profissional.⁹⁵ É um profissional que procura o

⁹⁰ Ibidem.

⁹¹ Congregação para a Educação Católica, *Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos*, n.28, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html#*, consultado em 1-05-2019.

⁹² Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da fé, *Ser Professor de EMRC*, Texto disponível em <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>, consultado em 1-05-2019.

⁹³ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, de 25 de março de 2019, n. 246, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html, consultado em 1-05-2019.

⁹⁴ Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da fé, *Ser Professor*, Texto disponível em <http://www.educris.com/v2/120-perfil/919-ser-professor>, consultado em 1-05-2019.

⁹⁵ Cf. Ibidem.

desenvolvimento do ensino/aprendizagem no âmbito dos objetivos do projeto curricular, desenvolvendo as competências essenciais que o integram, bem como integra os saberes específicos da sua área com os saberes transversais e multidisciplinares. Colabora com todos os intervenientes do processo educativo (docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente, assim como outras instituições da comunidade). É alguém que deve ter o cuidado em desenvolver as suas competências pessoais, sociais e profissionais, numa perspetiva de formação ao longo da vida.⁹⁶

É este o propósito e a grande missão que o professor, e a disciplina, de EMRC tem ao seu encargo: estar ao serviço da escola, das famílias, da comunidade e, fundamentalmente, dos alunos. Todos são compostos por pessoas, e a pessoa, portanto, é a primazia desta unidade curricular.

1.1. Comprometido eclesialmente: uma missão com os de “condição de pobres”

O professor de EMRC é, antes de mais, um cristão que deve dar testemunho de uma vida cristã coerente e comprometido eclesialmente, como mencionamos anteriormente. Ele é, sem dúvida, um dos protagonistas mais importantes na área da educação e, por sê-lo, tem de dar conteúdo prático à sua teoria e vice-versa, isto é, aquilo que ensina, transmite e procura educar deve estar em consonância com o seu *modus vivendi*. A Congregação para a Educação Católica, sobre a *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica Orientações para a Reflexão e a Revisão*, a respeito do professor de religião refere que “a incidência do seu ensino está, porém, conexa com o seu testemunho de vida, que aos olhos dos alunos atua eficazmente o seu ensino. Espera-se, pois, que ele seja uma pessoa rica de dons da natureza da graça; capaz de testemunhá-los na vida;”⁹⁷. Não podemos cair no esquecimento que o professor de EMRC é, claramente, um leigo (membro da Igreja) “que é ao mesmo tempo fiel e cidadão, (e, por isso) deve guiar-se sempre pela consciência cristã em ambas as ordens”⁹⁸, nunca descorando da sua ação pastoral.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*.

⁹⁷ Congregação para a Educação Católica, *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica Orientações para a Reflexão e a Revisão*, n. 96, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html, consultado em 1-05-2019.

⁹⁸ Sagrada Congregação para a Educação Católica, *A escola Católica*, n. 78, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html, consultado em 1-05-2019.

Portanto, o professor de EMRC, como cristão que é, deve procurar imitar e ser imagem, certamente imperfeita, mas não afastada, do *Rabi*, de Jesus Cristo, o Mestre por excelência, o qual, ao longo da sua vida se dedicou à missão, sobretudo, com os de “condição de pobres”, com a pessoa e para a pessoa, com gestos e palavras concretas de misericórdia. O Papa João Paulo II disse que “a pessoa de cada um, nas suas necessidades materiais e espirituais, é o centro do magistério de Jesus.”⁹⁹ Jesus Cristo é paradigma para o professor de EMRC que contacta e convive, diária e sistematicamente, com pessoas, mostrando o caminho da humildade e da simplicidade, não por meio do poder e da riqueza do mundo, mas pela pobreza. São Paulo refere: “Conheceis bem a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8,9), isto é, o próprio Deus, na pessoa de Jesus, despojou-se, “esvaziou-se”, para se tornar semelhante a nós.

Na realidade, Jesus “trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Ele era verdadeiramente um de nós, exceto no pecado.”¹⁰⁰ A finalidade de Jesus se tornar pobre não foi a pobreza em si mesma, mas, como diz São Paulo, “para vos enriquecer com a sua pobreza”. Jesus fá-lo para se colocar no meio do povo, por amor, para nos consolar, salvar e libertar da pobreza e da miséria. Ele comunica-nos a misericórdia infinita de Deus.

É nesta lógica, de seguimento ao bom Mestre, sensível e misericordioso com os de condição de pobres, que os cristãos se devem sentir comprometidos eclesialmente. O professor de EMRC, como cristão, é chamado, na sua comunidade, “a ser instrumento de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo.”¹⁰¹ Tal como Jesus, o cristão é convidado, portanto, a ver as misérias dos irmãos, a tocá-los, a ocupar-se delas e a trabalhar concretamente para os aliviar. Ser sinal e instrumento da misericórdia de Deus para cada ser humano faz parte da identidade e missão da Igreja, a qual tem “consciência de ser chamada a situar toda a

⁹⁹ JOÃO PAULO II, *Discurso ao Encontro Nacional da Escola Católica na Itália* (L’Observatore Romano, 24-12-1991), p. 4.

¹⁰⁰ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O., 1965) n.22.

¹⁰¹ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 187, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o%20a%20uma%20economia%20da%20exclus%C3%A3o, consultado em 2-05-2019.

sua vida em relação com os mais pobres deste mundo, qualquer que seja a forma de pobreza que esteja em causa.”¹⁰²

Os pobres estiveram sempre no centro da atenção de Jesus, que procurou dar-lhes dignidade, vida, possibilidade de viver em plenitude a sua humanidade. De certo modo, podemos dizer que a vida cristã é comparada a uma escola, na qual cada cristão é chamado a frequentar para toda a vida. Com efeito, ter Jesus como Mestre é ter os mesmos sentimentos que Ele, aprender d’Ele, a ter um coração semelhante ao d’Ele, manso e humilde. Quer dizer deixar-se *educar* por Ele e escolher precisamente a sua *forma* de vida. É, portanto, uma vida *educativa-formativa*, que educa na verdade da vida e forma na liberdade do dom de si.¹⁰³

O Papa Francisco, desde que assumiu o seu pontificado, tem vindo a dar ênfase a esta proposta no seu Magistério. Começou-o precisamente através da escolha do nome para o seu Pontificado: Francisco (de Assis), reconhecendo no *Povorello* de Assis a exemplaridade de uma vida pobre e humilde. Depois, pedindo imperativamente uma Igreja serva e pobre; uma Igreja pobre para os pobres, “ah como, eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!”¹⁰⁴. “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de mais” a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a terem os mesmos sentimentos de Jesus (Fl 2,5)”¹⁰⁵.

Esta mensagem tem sido, evidentemente, não só proclamada e difundida, como também, posta em prática por parte do Santo Padre, com palavras, atos e gestos concretos. Desde o seu primeiro dia de pontificado, até hoje, vimo-lo a dirigir-se a toda a Igreja, e a todo o mundo, aos mais jovens e aos adultos, com mensagens específicas nesta ótica. Destacam-se, entre muitas, a mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (JMJ), realizada no Rio de Janeiro em 2014, que vinca a importância de sermos “pobres em espírito”, a bula de proclamação do jubileu extraordinário da

¹⁰² José Eduardo Borges de Pinho, *A Igreja, casa da Misericórdia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p.37.

¹⁰³ Cf. Congregação para a Educação Católica, *As Pessoas Consagradas e a sua Missão na Escola*, n. 9-10, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20021028_consecrated-persons_po.html, consultado em 2-05-2019.

¹⁰⁴ FRANCISCO, *Discurso aos representantes dos meios de comunicação social* (Roma, 2013), Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html, consultado em 2-05-2019.

¹⁰⁵ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n.198, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o_a_uma_economia_da_exclus%C3%A3o, consultado em 2-05-2019.

misericórdia – *Misericordiae Vultus* – que culminou, posteriormente, com a instituição do dia mundial dos pobres. Como podemos verificar, a importância demonstrada para com os de condição de pobres não se reflete apenas nas suas palavras e mensagens, mas também na sua praxis e modo de viver.

A Igreja, com estas linhas de orientação, de igual modo, abraça e difunde a misericórdia “com amor a todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo.”¹⁰⁶ A proximidade e a atenção aos pobres, aos que sofrem, aos marginalizados e a todos aqueles que vivem em situações de precariedade e sofrimento, privados até da dignidade humana, carentes de sinais de acolhimento e proximidade efetiva é aspeto decisivo do verdadeiro testemunho de ser Igreja, da misericórdia Divina, pois “não só edifica Cristo na comunidade, mas também o irradia, tornando-se sinal para todos.”¹⁰⁷ É nos gestos e sinais do seu viver pessoal e comunitário que os cristãos e a Igreja podem e devem sinalizar a Igreja como casa de misericórdia, casa “de”, “com” e “para” os pobres.

É fundamental, entre outros aspetos, adquirir a dimensão do acolhimento e do serviço. O “acolhimento é mais do que a disponibilidade de quem espera (...) pressupõe a capacidade de ir ao encontro (...), mais ainda, a capacidade de saber escutar o outro com a sua sensibilidade, a sua experiência, a sua visão do mundo, as suas questões (...).¹⁰⁸ O acolhimento exige pessoas (para pessoas), estruturas, todavia, é mais um modo de entender e praticar a vida comunitária. O acolhimento é algo que deve brotar naturalmente e, por conseguinte, ser incondicional. No que toca ao serviço, remetemo-nos para o trabalho realizado nas instituições sociais cristãs. Aqui, há dois aspetos a serem sublinhados. Primeiro, a dimensão da *diaconia*, do serviço fraterno, a qual não consiste na vanglória nem permanece na consciência pessoal, mas sim na consciência e serviço comunitário.¹⁰⁹ Depois, é necessário perceber que existe uma consciência humana e uma responsabilidade à luz dos critérios evangélicos que não podem ser subvalorizados na sua importância. Portanto, “não basta estar, é preciso ver como se

¹⁰⁶ José Eduardo Borges de Pinho, *A Igreja, casa da Misericórdia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 38.

¹⁰⁷ Sagrada Congregação para a Educação Católica, *A escola Católica*, n. 61, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html, consultado em 3-05-2019.

¹⁰⁸ José Eduardo Borges de Pinho, *A Igreja, casa da Misericórdia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 48.

¹⁰⁹ José Eduardo Borges de Pinho, *A Igreja, casa da Misericórdia*. In Revista Humanística e Teológica – *O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016), p. 49.

está e como se age: (...) – ser – sinal inequívoco do amor misericordioso de Deus por cada homem e cada mulher, sobretudo os mais fracos, desprezados e abandonados.”¹¹⁰

No âmbito escolar, o professor de EMRC, guiado sempre pela consciência cristã, como referimos, deve exercer um trabalho profissional que agrupe todos estes aspetos, particularmente, o do acolhimento e do serviço. “A escola é um espaço para todos, especialmente para os mais débeis, aqueles a que as sociedades vão excluindo chamando-lhes desde logo excluídos.”¹¹¹

Ao longo da história, verificamos que a maior parte das instituições educativas escolares católicas surgiram como resposta às necessidades dos setores socialmente mais desfavorecidos, resultando da obra da caridade e do amor.¹¹² Tal como outrora, hoje a escola católica também tem em conta os novos pobres da sociedade: “essas crianças abandonadas por pais que seguem os caminhos da droga, ou da delinquência, as crianças sem amparo familiar adequado e, por isso, sem apoio nuclear do amor que apenas brota na família, as crianças e jovens que vivem em situações de pobreza extrema, sem condições para chegar em condições dignas a qualquer escola e a qualquer educação, as crianças e os jovens que se deixam escravizar pelos novos ídolos do consumo, desprovidos de uma palavra e de um exemplo que a oriente para um ideal humano e digno de vida.”¹¹³ Esta abertura a todos, quer aos mais favorecidos como aos mais desfavorecidos, evidencia uma escola de excelência e de qualidade em cada ato, que a todos educa com a mesma atenção e perseverança, sob a orientação do mesmo Mestre, que a ninguém rejeita e a todos oferece um caminho.¹¹⁴

Este compromisso eclesial prolonga-se também no ambiente escolar, pois o professor de EMRC, é este profissional e cristão que é capaz de perscrutar com um olhar atento a todos, deixando-se tocar, naturalmente, por aqueles que se encontram em condições de maior pobreza, quer material quer espiritual.

No *Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, nomeadamente na secção dos *princípios*¹¹⁵ que orientam, justificam e dão sentido ao mesmo documento, a este propósito, sublinha que, dentro de uma base humanista, “a escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ Joaquim Azevedo, *I Congresso das Escolas Católicas – Escola Católica e a Integração aos Sistemas Educativos* (Fátima, 2013), p. 3.

¹¹² Cf. Ibidem, p. 3.

¹¹³ Ibidem, p. 4.

¹¹⁴ Cf. Ibidem, p. 4.

¹¹⁵ Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 13.

pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar.”¹¹⁶

O professor de EMRC é este educador que transmite conhecimentos e valores também direcionados e em prol de uma sociedade mais justa, onde os pobres são, por vezes, os mais desfavorecidos e que, por ser assim, merecem, da nossa parte, uma ação e uma tomada de atitude, solidária e voluntária.

Ainda na mesma secção, o mesmo documento menciona a *inclusão*, referindo que “a escolaridade obrigatória é de e para todos (...). Todos os alunos têm direito ao acesso e à participação de modo pleno e efetivo em todos os contextos educativos”¹¹⁷, independentemente do seu estrato socioeconómico e cultural. O professor de EMRC, portanto, é este pedagogo que procura educar para a sobriedade e sustentabilidade, um dos maiores desafios existenciais do mundo contemporâneo, “que consiste no estabelecimento, através da inovação política, ética e científica, de relações de sinergia e simbiose douradoras e seguras entre os sistemas sociais, económicos e tecnológicos e o Sistema Terra, de cujo frágil e complexo equilíbrio depende a continuidade histórica da civilização humana.”¹¹⁸

Em articulação com este perfil, estão as *Aprendizagens Essenciais* da disciplina de EMRC, expressamente no 6º ano de escolaridade, que na Unidade Letiva 3 (A Partilha do Pão), destaca a importância dos alunos serem capazes de identificar situações de fragilidade (...) e de assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.”¹¹⁹

Assim sendo, o sentido de compromisso eclesial leva o professor de EMRC também a criar momentos em que possa passar da teoria à prática com os alunos, assumindo com eles, momentos sérios e profundos, conscientes e sólidos de acolhimento e de serviço, colaborando, por exemplo, numa instituição de cariz social desfavorecido.

¹¹⁶ Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 13.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 14.

¹¹⁹ Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais/Articulação com o Perfil dos Alunos – 6º Ano/2º Ciclo do Ensino Básico* (julho de 2018), p. 8.

1.2. Assumir a “condição de pobre” a partir do “bem-aventurados os pobres em espírito...”

Para melhor compreendermos aqueles que vivem na “condição de pobre”, diríamos que seria necessário, ou até fundamental, assumir a mesma “condição”, ou pelos menos, fazer uma experiência mais radical de sobriedade na nossa vida, procurando viver com o útil e dispensando o acessório. Por isso mesmo, nada melhor do que se espelhar na bem-aventurança dos pobres em espírito... (Cf. Mt 5,3).

Será necessário, antes de mais, fazer uma aproximação àquilo que significa ser pobre e o que é a pobreza.

Se formos à língua hebraica, encontraremos as palavras *Dalim* e *Anawim*¹²⁰ para “falar de duas categorias diferentes de pessoas no que diz respeito não só ao seu estatuto social, como, sobretudo, à atitude de fundo diante da vida”¹²¹.

Na língua grega, segundo o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, pobre deriva da raiz *Penés* que está em relação com *Ponos*, “fardo”, “peso”, referindo-se à pessoa que não pode viver das suas próprias rendas, mas que precisa trabalhar com as mãos. Desta forma, *penés* é diferente de *ptokós*, que significa ser indigente, viver na penúria e que precisa de socorro. O oposto de *penés* é *plousios*, “opulento”, “rico” (de posses). O termo designa “trabalhador manual” ou “pequeno camponês”¹²². O pobre, por esta lógica, é aquele sem forças para suportar o fardo pesado que carrega, que precisa de ser amparado e socorrido nas suas necessidades.

Falar de “pobres”, no grego, é falar de “pessoas a quem falta, pelo menos, o mínimo com que viver com dignidade.”¹²³

No latim, utiliza-se, com maior frequência, a palavra *pauper*, que designa aquele que possui pouco.¹²⁴

Já na língua portuguesa, “pobre” tem um conjunto de sinónimo e de adjetivos, como indigentes, miseráveis, sem teto, sem abrigo, mendigos, etc., que “qualificam um determinado tipo de pessoas às quais, objetivamente, não podemos dizer que são

¹²⁰ FRANCISCO, Mensagem para XXIX Jornada Mundial da Juventude “*Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu*”, de 13 de Abril de 2014, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, consultado em 30-05-2019.

¹²¹ Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 28.

¹²² Cf. Colin Brown, *Pobre*. In Lothar Coenen, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Shown (São Paulo: Vida Nova, 2000), p. 1682.

¹²³ Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 28.

¹²⁴ Cf. LAROUSSE CULTURAL, *Grande dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa* (São Paulo: Nova Cultural, 1990), p. 722.

“felizes”¹²⁵. Também “pobre” é a pessoa a quem não só falta as condições para o seu sustento, mas que possui necessidades de ordem moral e espiritual.

Segundo o *Dicionário de Mística*, Jesus é o místico da pobreza por excelência. Ele revela a realidade do homem diante de Deus, um pobre completamente voltado para o Criador. Entende-se, aqui, que “Deus é a riqueza do homem”. São Francisco de Assis, melhor do que ninguém, “foi capaz de entender tudo isto até às últimas consequências”¹²⁶, passando a ser conhecido como o místico da pobreza¹²⁷. O Papa Francisco, na carta encíclica *Laudato Si'*, salienta que “a pobreza e austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio.”¹²⁸

No *Dicionário de Espiritualidade* verificamos que a prática da pobreza, como desapego do mundo e dos bens, é tão antiga como o cristianismo e até como o ascetismo. Na idade média, no século XI, a pregação da pobreza não teve em conta apenas os monges, mas todo o clero, e toda a Igreja, assumindo, de certo modo, um caráter quase anti hierárquico e herético, como nos cátaros, albigenses e valdenses.¹²⁹

Por sua vez, no *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, verificamos que não é possível um conceito definitivo de “pobreza”, uma vez que ela designa muitos fenômenos sociais, culturais e religiosos. Desta feita, defini-la implicaria estudar a atitude que a sociedade, o sujeito cultural e o portador da mensagem religiosa assumem perante o fraco, onde quer que se encontre as causas da sua fraqueza.¹³⁰

No seu magistério, o Papa Francisco tem-nos dado um precioso contributo para melhor entendermos a expressão “pobre”. Ele tem vindo a utilizar muitas vezes a palavra “periferia” para se referir ao mundo dos pobres como destinatários privilegiados da ação evangelizadora. Deste modo, a Igreja é convidada seriamente a se voltar para as periferias do mundo, e tornar-se numa Igreja “em saída”¹³¹, a todas as periferias: as periferias sociais e as periferias existenciais. É dever da Igreja “cuidar dos mais frágeis

¹²⁵ Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 28.

¹²⁶ Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 28.

¹²⁷ Cf. P. Cabra, *Pobreza*. In L. Borriello e E. Caruana, *Dicionário de mística* (São Paulo: Paulus, 2003), p. 881.

¹²⁸ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 11.

¹²⁹ Cf. Ermanno Ancilli; D. Pablo de Maroto, *Pobreza*. In Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum – *Dicionário de Espiritualidade*. Tradução Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite (São Paulo: Paulinas e Loyola, 2012), p. 2025.

¹³⁰ Cf. Rogério Almeida, *Pobre*. In Peter Eicher, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia* (São Paulo: Paulus, 1993), p. 702.

¹³¹ Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 20, Texto disponível em [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o a uma economia da exclus%C3%A3o](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o%20a%20uma%20economia%20da%20exclus%C3%A3o), consultado em 30-05-2019.

da terra.”¹³² Falando das “novas formas de pobreza e de fragilidade”, referimo-nos aos sem abrigo, aos toxicodependentes, aos refugiados, aos povos indígenas, aos idosos, aos migrantes, às mulheres, aos nascituros e ao conjunto da criação.¹³³ Portanto, quando o Papa Francisco fala de “pobre” e/ou de “periferia” ele refere-se aos excluídos (económica, social, política, culturalmente...) dos pequenos, dos que sofrem, em suma, “dos mais frágeis da terra”.

Com base no trecho “bem-aventurados os pobres em espírito...” (Cf. Mt 5,3) podemos perceber melhor como e o que significa “assumir a condição de pobre”. Com efeito, tudo se joga a partir da palavra “pobres”. São realmente estes a chave de leitura e de interpretação de todo o trecho.

Todavia, em ralação ao trecho, esclarece-se que o termo grego usado no Evangelho é *makarioi*, que significa “felizes” ou “bem-aventurados”¹³⁴. Bem-aventurados os pobres em espírito, os pobres motivados pelo espírito, os pobres levados ou conduzidos pelo espírito...todas estas expressões são traduções possíveis desta expressão grega (é o famoso “dativo de relação” – *tô pneumati* – usado por Mateus) para falar e entender Deus no seu “ser” e “agir” connosco, mas, sobretudo, através de nós.¹³⁵

Em hebraico, utiliza-se a palavra *ruah*, para dizer “vento/sopro”¹³⁶, que requer “força” e “interioridade vital”. O pobre em espírito, portanto, é aquele que é capaz de superar a pobreza material, pois aquilo que o move é a força do próprio Deus, a força do Espírito de Jesus. “Assume a condição – verdadeiramente – de pobre”, e portanto, “felizes ou bem-aventurados”, “nãos os que têm o mínimo com que viver com dignidade, mas sim os que reconhecem que tudo o que têm provém de Deus (do Seu Reino) e, por isso, se abrem incondicionalmente aos outros.”¹³⁷ A atitude fundamental da pobreza é o reconhecimento e a entrega livre de si a fim de viver na dependência do

¹³² Ibidem, n. 209, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o_a_uma_economia_da_exclus%C3%A3o, consultado em 30-05-2019.

¹³³ Cf. Ibidem, n. 210-215, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o_a_uma_economia_da_exclus%C3%A3o, consultado em 30-05-2019.

¹³⁴ FRANCISCO, Mensagem para XXIX Jornada Mundial da Juventude “*Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu*”, de 13 de Abril de 2014, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, consultado em 30-05-2019.

¹³⁵ Cf. Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 29.

¹³⁶ Cf. FRANCISCO, Audiência Geral, de 19 de Junho de 2019, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20190619_udienza-generale.html, consultado em 30-05-2019.

¹³⁷ Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 31.

amor e providência de Deus. Trata-se, pois, não da injustiça daqueles que não tiveram a possibilidade nem a felicidade de terem nascido numa outra “condição”, nem se trata de uma imposição, mas uma disposição de alma, uma atitude interior. Esses colocam todas as suas “riquezas”, sejam elas de que tipo forem, ao serviço dos outros, dos pobres material e espiritualmente também. Assim sendo, desses será o Reino dos céus porque são esses os desafiados a construir um mundo melhor, são esses os desafiados a alicerçar o reino da justiça e do direito. Pois, à medida que o pobre é pobre por opção (assume a condição de pobre), e não por imposição, testemunha o Reino de Deus, a Sua misericórdia pelos “outros pobres”, vive impulsionado pelo Seu Espírito.

“A pobreza para a qual Deus desafia nas bem-aventuranças, não é nem de longe a pobreza do “não ter” bens materiais ou outros, mas a pobreza do “não ter a mania” que somos donos do mundo (...), detentores das verdades absolutas acerca da vida, da morte e da eternidade”¹³⁸. Ser pobre não é não “ter”, mas, essencialmente, não “ser”. O que está em causa é a pobreza de serviço, da abertura ao outro, àquele que me pede, que necessita de mim. O que está em causa é a construção de uma sociedade que saiba “ser pão”, uns para os outros. Como dizia António Aleixo:

O pão que sobra à riqueza,
Distribuído pela razão,
Matava a fome à pobreza
E ainda sobrava pão.¹³⁹

É esta a distribuição do pão das várias abundâncias que o mundo precisa, de corações abertos ao mundo e à vida.

A pobreza bem-aventurada é a que torna interiormente livre a pessoa e lhe permite crescer na caridade, a caridade que tem os olhos abertos às necessidades dos outros e o coração misericordioso para socorrê-los.¹⁴⁰ Assumir a condição de pobre remete, igualmente, para a sobriedade, um estilo de vida concreto¹⁴¹. O Papa Francisco

¹³⁸ Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), p. 32.

¹³⁹ Cf. António Aleixo, *O Poeta Popular*, Texto disponível online em <https://pt.toluna.com/opinions/4108837/Ant%C3%B3nio-Aleixo-o-Poeta-Popular>, consultado em 30-05-2019.

¹⁴⁰ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao Serviço do carisma e da Missão*. Tradução Pe. João Chaves (Prior Velho: Paulinas, 2018), n. 8.

¹⁴¹ Podemos, concomitantemente, frisar a importância que o “jejum” (nos seus vários aspetos) tem para a sobriedade da vida. O padre Carlos Maria Antunes, atualmente monge Cisterciense, demonstra a importância desta como um contributo para uma um estilo de vida sóbrio: “Associamos facilmente o jejum a uma prática – em desuso e, geralmente, mal-entendida – característica do tempo quaresmal. Importa ampliar esta visão. Sendo um gesto – ainda que pontual – importante no assinalar de algumas etapas do nosso percurso espiritual, ganha um outro sentido quando traduzido num estilo de vida, onde a

sublinha-o na *Laudato Si*: “A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade, que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos.”¹⁴² O que vive de forma “pobre em espírito” torna-se testemunha vivo e credível de que “a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário.”¹⁴³

No fundo, este estilo de vida é a opção de seguir Cristo pobre, que leva à opção pelos pobres. A pobreza de Cristo “recorda a todos a urgência de libertar-se da economia da exclusão e da iniquidade, porque esta economia mata (...). Assim teve início a cultura do “descartável” (...) os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.”¹⁴⁴ Não podemos esquecer as palavras do Papa Bento XVI que, na Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, menciona: “o primeiro capital a preservar e valorizar é o homem, a pessoa, na sua integridade”¹⁴⁵, pois a pessoa é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida económica. Para entender isto, será necessário basear-se no “critério da caridade e da verdade”¹⁴⁶ pois, em cada verdade, há sempre mais do que nós mesmos teríamos esperado, e na caridade, há sempre qualquer coisa que nos surpreende¹⁴⁷. Assim sendo, o amor cheio de verdade – *Caritas in Veritate* – é indispensável para transformar o coração, assumir uma outra condição, transformar o “coração de pedra”

sobriedade é reconhecida como valor. A capacidade de contenção rasga caminhos para a procura interior e, num mesmo movimento, abre-nos ao exterior com renovada capacidade de implicação. O jejum gera um espaço de abertura, de silêncio, introduz uma pausa na voracidade que tantas vezes caracteriza a nossa relação com a comida e com o mundo que nos rodeia. O jejum deixa-nos indefesos (...), expondo a pobreza radical que habita cada ser humano. Revela qua a nossa fome não é só de pão e que o nosso desejo mais profundo é sempre desejo do outro. Ampliando o nosso espaço interior, transforma-se numa forma singular de hospitalidade, que permite o acolhimento de si próprio e do outro, na sua mais genuína originalidade e verdade. A casa vazia é sempre um espaço privilegiado para o agir de Deus. Quanto mais nos expomos à nossa própria pobreza, mais cresce o espaço para o acolhimento do outro na sua pobreza. Só o pobre vê o pobre. A compaixão não nasce de cima ou de fora. Nasce de um encontro de olhares que se revelam mutuamente. Quando a nossa carência é reconhecida e aceite, torna-se decisiva na construção da fraternidade. Há uma possibilidade de multiplicação inscrita na nossa indigência. Só o pobre se faz pão!” (Carlos Maria Antunes, *Só o Pobre se faz Pão* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), p. 7-8.

¹⁴² FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si’ – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 222.

¹⁴³ *Ibidem*, n. 223.

¹⁴⁴ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao Serviço do carisma e da Missão*. Tradução Pe. João Chaves (Prior Velho: Paulinas, 2018), n. 12.

¹⁴⁵ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, n. 25, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, consultado em 1-06-2019.

¹⁴⁶ *Ibidem*, n. 55.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, n. 77.

em “coração de carne”, para “tornar “divino” e conseqüentemente mais digna do homem a vida sobre a terra”¹⁴⁸

A pobreza de Cristo, dos pobres em espírito (daqueles que assumem a condição de pobres), “é solidária, partilha e caridade, enquanto se manifesta na sobriedade, na busca da justiça e na alegria do essencial, para alertar contra os ídolos materiais que ofuscam o sentido autêntico da vida.”¹⁴⁹

Assumir a “condição de pobre” a partir do “bem-aventurados os pobres em espírito” é um desafio a todos, aos professores de EMRC e aos seus alunos, a toda a comunidade escolar, aos encarregados de educação e às famílias, pois o processo formativo da vida “educa para se ver a realidade do ponto de vista dos pobres, para se desenvolver uma eficaz compaixão por eles, para se preocupar com o sofrimento e para se empenhar na promoção da justiça, da paz e da integridade da criação.”¹⁵⁰

2. A Escola e a Família: dois espaços privilegiados para o cultivo da Sobriedade

As crianças, os adolescentes e os jovens, em especial os que sofrem a pobreza nas suas várias expressões, têm necessidade do amor incondicional dos educadores e têm necessidade de ter provas, para que, como dizia S. João Bosco, grande pedagogo educacional, “os jovens não só sejam amados, mas reconheçam também que são amados.”¹⁵¹

Este trabalho educacional, de conjunto, entre Escola e Família e vice-versa, deve basear-se nas relações fundadas no princípio da comunhão, que se baseia sobre a “fraternidade” e sobre o “fazer juntos”. “É necessário sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo.”¹⁵² Isto significa que temos de valorizar os dons de todos, sem descuidar o papel e a unicidade irrepetível de cada qual.

Os pais, enquanto pessoas comprometidas e responsáveis, têm a “obrigação de educar os seus filhos (...) e, por isso, devem ser reconhecidos como os seus primeiros e

¹⁴⁸ Ibidem, n. 79.

¹⁴⁹ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao Serviço do carisma e da Missão*. Tradução Pe. João Chaves (Prior Velho: Paulinas, 2018), n. 14.

¹⁵⁰ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao Serviço do carisma e da Missão*. Tradução Pe. João Chaves (Prior Velho: Paulinas, 2018), n. 19.

¹⁵¹ Carta da Congregação para a Educação Católica, *O Apostolado do Ensino Religioso nas Escolas Católicas*, Texto disponível em <http://www.educris.com/v2/100-santa-se/888-carta-da-congregacao-para-a-educacao-catolica-o-apostolado-do-ensino-religioso-nas-escolas-catolicas>, consultado em 1-06-2019.

¹⁵² FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 228.

principais educadores.”¹⁵³ Esta função educativa é de sublime importância, que, onde não existir, dificilmente pode ser suprimida. A família, além disso, é a “primeira escola dos valores civis”, a primeira comunidade “na qual se ensina e se aprende a amar. E é o âmbito privilegiado no qual se ensina e aprende também a fé, onde se aprende a fazer o bem. Estas coisas (...) só se aprendem “em dialeto”, no dialeto da família.”¹⁵⁴

Portanto, a família é a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. É na família que encontramos a primeira experiência de “tudo”. A família continua a ser o principal ponto de referência para os jovens. “Os filhos apreciam com amor e os cuidados recebidos dos pais, têm a peito os laços familiares e esperam conseguir, por sua vez, formar uma família.”¹⁵⁵

Ainda assim, o dever de educar, que pertence primeiramente à família, precisa da ajuda da sociedade. Para além dos direitos dos pais e de outros a quem os pais confiam uma parte do trabalho da educação, há certos direitos e deveres que competem à sociedade civil. Por isso mesmo, faz parte dos seus deveres, promover de vários modos a educação da juventude: “defender os deveres e direitos dos pais e de outros que colaboram na educação e auxiliá-los.”¹⁵⁶ As escolas e as instituições estão em prol desta. Porém, mesmo que os pais precisem que a escola ofereça uma educação básica para os seus filhos, eles nunca poderão delegar completamente a sua educação moral, porque o desenvolvimento na íntegra de uma pessoa requer uma experiência fundamental, que, acredita-se, só os pais a podem transmitir.¹⁵⁷ A tarefa dos pais e da família deve incluir uma educação para a sobriedade, para o desenvolvimento de bons hábitos e inclinações em favor do bem.¹⁵⁸ Isto implica que os comportamentos a serem aprendidos e as inclinações a serem amadurecidas se tornem desejáveis.

O Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'*, menciona que são vários os âmbitos educativos: “a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese e os

¹⁵³ PAULO VI, *Gravissimum Educationis*, n. 3, Texto disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html, consultado em 2-06-2019.

¹⁵⁴ FRANCISCO, *Primeira Escola dos Valores Civis*. In *L'osservatore Romano* (Vaticano, 2018), p. 3.

¹⁵⁵ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, de 25 de março de 2019, n. 261, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html, consultado em 1-05-2019.

¹⁵⁶ PAULO VI, *Gravissimum Educationis*, n. 3, Texto disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html, consultado em 2-06-2019.

¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁵⁸ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, n. 264, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, consultado em 2-06-2019.

outros.”¹⁵⁹ Mas, salienta ele, a família tem uma grande importância e centralidade, porque “é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico.”¹⁶⁰ É nesta, na família, que se cultivam os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como por exemplo, “o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas.”¹⁶¹ Tudo isto exige amadurecimento por parte dos pais, na transmissão ética que implica mostrar aos filhos que pedir algo exige esforços e renúncias. Os hábitos, neste sentido, têm de ser amadurecidos pelas crianças, permitindo que os grandes valores apreendidos sejam traduzidos em comportamentos externos saudáveis e estáveis.¹⁶² Os filhos podem ter sentimentos sociáveis e uma boa disposição para com os outros mas, se ao longo do seu crescimento não forem bem acompanhados e não se acostumarem com a insistência dos adultos a “agir” e a “fazer” de determinado jeito, como por exemplo a dizer “obrigado”, “por favor”, “com licença”, “perdão”, a sua boa disposição interior não irá traduzir facilmente essas expressões. Por isso mesmo, quando os pais reforçam, com vontade, e repetem determinadas ações, ajudam a construir uma boa conduta moral.

Na mesma encíclica – *Laudato Si'* – o Papa Francisco refere que a “família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspetos, intimamente relacionado entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura de vida compartilhada e do respeito pelos que nos rodeia.”¹⁶³

Da mesma forma, é fulcral os pais demonstrarem o valor da sanção como estímulo, consciencializar a criança e/ou o adolescente que as ações menos boas têm consequências. É necessário despertar a capacidade de se colocar no lugar do outro e de

¹⁵⁹ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 213.

¹⁶⁰Cf. *Ibidem*.

¹⁶¹ *Ibidem*.

¹⁶² Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, n. 266, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, consultado em 2-06-2019

¹⁶³ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 213.

se arrepende das coisas que causaram prejuízo.¹⁶⁴ Neste sentido, quando o percurso educacional vai produzindo frutos de amadurecimento na liberdade pessoal, a própria criança/adolescente começa a reconhecer com gratidão que foi bom para ela crescer em família e também suportar as sanções. No entanto, a disciplina e a correção, por parte dos pais, nunca pode transformar-se em raiva, mas apenas num estímulo para que a criança possa ir mais longe. De facto, uma criança que é corrigida com amor sente-se considerada, percebe que é alguém com valor e que lhe é reconhecido o seu potencial.

Fundamental será, também, no meio das dificuldades patentes, hoje, na ação educativa, “formar os filhos para os valores essenciais da vida humana.”¹⁶⁵ Os filhos devem crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, percebendo a importância de levarem, pela vida a fora, um estilo de vida sóbrio, simples e mais austero, convencidos de que “o homem vale mais pelo que é do que pelo que tem.”¹⁶⁶

Na imprecisão de diagnosticar as coordenadas da cultura atual, devido ao aceleração da mesma, verificamos diversos tipos de individualismos e egoísmos. Todavia, é preciso enriquecer os filhos, não só do sentido da verdadeira justiça que, por si só, conduz ao respeito pela dignidade pessoal de cada um, mas também e, ainda mais, “do sentido do verdadeiro amor, como solicitude sincera e serviço desinteressado para com os outros, em particular os mais pobres e necessitados.”¹⁶⁷ A família, por assim dizer, é a “porta” de entrada para a boa convivência social, pois é a “escola” vital e fundamental que guia e faz crescer.¹⁶⁸

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit*, Francisco frisa: “Cada idade tem a sua beleza, e à juventude não pode faltar a utopia comunitária, a capacidade de sonhar juntos, os grandes horizontes que contemplamos juntos”¹⁶⁹ e ainda propõe: “que a espontaneidade e o impulso da tua juventude se transforme sempre mais na

¹⁶⁴ Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, n. 268, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, consultado em 2-06-2019

¹⁶⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 37, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html, consultado em 3-06-2019.

¹⁶⁶ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II – Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O.,1965) n. 35.

¹⁶⁷ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, n. 37, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html, consultado em 3-06-2019.

¹⁶⁸ Na mesma Exortação Apostólica, João Paulo II saliente que “a comunhão e a participação quotidianamente vividas na casa, nos momentos de alegria e de dificuldade, rerepresentam a mais concreta e eficaz pedagogia para a inserção ativa, responsável e fecundados filhos no mais amplo horizonte da sociedade” (Ibidem.)

¹⁶⁹ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, de 25 de março de 2019, n. 166, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html, consultado em 3-06-2019.

espontaneidade do amor fraterno, no frescor que nos faz reagir sempre com perdão, o desejo de construir comunidade.”¹⁷⁰ É importante dar estes “pequenos passos” corajosos em família, em direção ao “encontrar-se” e “fazer juntos”, de modo a que não seja apenas um *slogan*, mas um programa para o presente e o futuro.

A escola, por sua vez, “coloca-se ao lado da família como espaço educativo comunitário, orgânico e intencional e apoia o seu empenho educativo, segundo a lógica da subsidiariedade.”¹⁷¹ É uma comunidade, por sua vez, também educadora, que visa formar a “pessoa na unidade integral do seu ser”, intervindo com os instrumentos do ensino e da aprendizagem onde se formam “os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida. Mas sobretudo envolvendo-a na dinâmica das relações interpessoais que constituem e vivificam a comunidade escolar.”¹⁷²

A comunidade escolar procura, de igual modo, criar relações de comunhão, daí as dimensões relacional e da fraternidade serem indispensáveis. O próprio processo de integração pessoal passa primeiramente pela procura do acolhimento das diferenças, as “minhas diferenças” e as “diferenças dos outros”. É importante, neste sentido, redescobrir a “economia do rosto humano”¹⁷³, isto é, a centralidade da pessoa, da sua dignidade e do bem comum. *O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, a este propósito, ressalta: “respeitar a si mesmo e aos outros; saber agir eticamente, consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum.”¹⁷⁴ Isto exige que os educadores saibam educar para a sobriedade da vida, ou seja, que saibam fazer ecoar e repercutir nos educandos uma mensagem eficaz, exemplificando e tornando-se verdadeiros testemunhas, de modo a lhes proporcionar a uma libertação da ideologia do *homo economicus*, que é insaciável no seu desejo de bens e cujas escolhas são determinadas pela maximização do interesse pessoal, relançando o desafio do *homo fraternus*, que nunca se cansa de optar pela fraternidade.

¹⁷⁰ Ibidem, n. 167.

¹⁷¹ Congregação para a Educação Católica, *Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos*, de 8 de Setembro de 2007, n. 12, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html, consultado em 3-06-2019.

¹⁷² Ibidem, n. 13. Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html, consultado em 3-06-2019.13.

¹⁷³ Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao Serviço do carisma e da Missão*. Tradução Pe. João Chaves (Prior Velho: Paulinas, 2018), n. 36.

¹⁷⁴ Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 17.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), como Unidade Curricular de oferta facultativa, torna-se um complemento importante e indispensável na educação das crianças e jovens, uma vez que esta procura educar e ensinar a viver com os outros à luz dos princípios e valores éticos próprios da Religião Cristã Católica, proporcionando, na troca de saberes e diálogo, uma cultura com horizontes cristãos. Uma vez que a disciplina procurar abarcar e desenvolver todas as dimensões da pessoa humana, é preciso sublinhar que é na relação interpessoal com a entidade sobrenatural que o ser humano (em particular, os educandos) acede ao mais alto nível da realidade que lhe é dada, pois a melhor prova de transcendência absoluta é o amor e o serviço aos outros¹⁷⁵, pautado sempre pela estima por aqueles que vivem em condições mais desfavorecidas e carenciadas. Por isso mesmo, apostar num estilo de vida sóbrio pode ajudar a perceber melhor a realidade envolvente, olhando o mundo com mais equilíbrio, contenção, espírito generoso e sensibilidade ecológica. Desta forma, a sobriedade é um caminho e “um desafio educacional.”¹⁷⁶

Se formos concretamente às *Aprendizagens Essenciais* do 6º ano, do 2º Ciclo do Ensino Básico, no *Domínio da Partilha do Pão*, verificamos que os alunos devem ser capazes de “descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si”¹⁷⁷, e não há maior experiência, ou melhor, aprendizagem essencial, para vivenciarmos e descobrirmos o sentido da sobriedade, do que esta. Este conhecimento, capacidade ou atitude de sair de si mesmo rumo ao “outro” permite reconhecer o valor das criaturas, uma vez que há uma atitude de autotranscendência, que rompe com a consciência isolada e a autorreferencialidade, sendo assim a raiz que possibilita todo o cuidado com os outros e do meio ambiente.¹⁷⁸ Quando os alunos são capazes de superar o individualismo, é possível desenvolver um estilo de vida alternativo e contribuir para uma mudança relevante na sociedade.

A educação ambiental, diríamos, seria o grande salto para uma vida mais sóbria, uma vez que permite um grande equilíbrio a vários níveis: interior, consigo mesmo; exterior, com os outros, através da solidariedade; natural, com todos os seres

¹⁷⁵ Cf. Juan Martin Velasco, *Religião e Dimensão Humana de Transcendência*, in *Communio*, 6 (1989/1), p. 6-7.

¹⁷⁶ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 209.

¹⁷⁷ Direcção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais/Articulação com o Perfil dos Alunos – 6º Ano/2º Ciclo do Ensino Básico* (julho de 2018), p. 8.

¹⁷⁸ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 208.

vivos; e o espiritual, com Deus (ou o transcendente).¹⁷⁹ Dar este salto permite entrar no Mistério, “do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo.”¹⁸⁰ Os educadores, tanto os professores, como os pais, os familiares ou os encarregados de educação, são convidados, de uma ou de outra maneira, a criar itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, que ajudem a crescer os seus educandos na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão.

Dentro deste itinerário pedagógico, a Escola procura oferecer uma educação com vista a esta consciência ecológica, como pauta o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*: todas as crianças e jovens devem ser encorajados a “demonstrar respeito pela diversidade humana e cultural e agir de acordo com os princípios dos direitos humanos; negociar a solução de conflitos em prol da solidariedade e da sustentabilidade ecológica; ser interventivo, tomando a iniciativa e sendo empreendedor.”¹⁸¹

A disciplina de EMRC, nas *Aprendizagens Essenciais*, em articulação com o mesmo perfil dos alunos, propõe alguns caminhos pedagógicos de iniciativa e ação concreta, como “colaborar com outros, apoiar terceiros em tarefas e em situações úteis para os outros (trabalhos de grupo)”¹⁸², levando os educandos a “assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade”¹⁸³.

Para que haja uma mudança de paradigma, um compromisso ecológico, com sobriedade, é preciso que cada um cultive virtudes sólidas. Quer em casa, ou em família, ou na escola, ou seja onde for, todos nós podemos educar-nos e aos outros, através de “pequenos grandes” gestos de sobriedade, tais como: “se uma pessoa habitualmente se resguarda um pouco mais, em vez de ligar o aquecimento, embora as suas economias lhe permita consumir e gastar mais, isso supõe que adquiriu convicções e modos de sentir favoráveis ao cuidado do ambiente”¹⁸⁴; evitar o uso de plástico; reduzir o consumo de água; separar os lixos nos ecopontos; cozinhar apenas aquilo que poderemos comer, evitando desperdícios alimentares; tratar os outros seres vivos com apreço e carinho; servir-se dos transportes públicos ou partilhar o carro com outras pessoas; plantar árvores, ao invés da desflorestação; apagar as luzes desnecessárias... Podemos,

¹⁷⁹ Cf. FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 210.

¹⁸⁰ *Ibidem*.

¹⁸¹ Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 17.

¹⁸² Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais/Articulação com o Perfil dos Alunos – 6º Ano/2º Ciclo do Ensino Básico* (julho de 2018), p. 9.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 8.

¹⁸⁴ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 211.

também, perfeitamente voltar a utilizar algo em vez de desperdiçá-lo. Isto pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade, aquilo que somos, a nossa educação.¹⁸⁵

Embora já saibamos e tenhamos ouvido falar disto, nunca é de mais voltar a frisar estes aspetos, consciencializando-nos de forma séria acerca deles. É relevante voltarmos a pô-los em prática. A educação passa por dar exemplo e testemunho nestas coisas, o que pode incentivar os bons comportamentos, de forma direta ou indireta os outros.

O exercício da sobriedade, por meio destes “gestos”, permite-nos uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem pela terra, que é o espaço comum a todos e, que devido a isso, todos temos de a cuidar de forma consciente.

Quando percebemos que “quanto menos, tanto mais”, começamos a educar-nos, começamos a verificar que a acumulação e o consumir distrai e impede o coração de apreciar cada coisa e cada momento.¹⁸⁶ Esta predisposição, livre e desinteressada pelo “ter”, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal, porque não há “muitas coisas” a ofuscar-nos a realidade. O equilíbrio, isto é, o “justo meio” (evitando os extremos ou as extremidades) foi sempre o recomendável e o agradável.

A espiritualidade cristã, por sua vez, também nos educa para um crescimento na sobriedade e para a capacidade de se alegrar com pouco. Ela permite-nos perceber que, através da simplicidade, podemos saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos àquilo que temos. Todavia, isto exige “evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres.”¹⁸⁷ O Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, menciona:

“A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de abdicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar-se com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número de necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível ter necessidade de pouco e viver muito,

¹⁸⁵ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 211.

¹⁸⁶ *Ibidem*, n. 222.

¹⁸⁷ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n. 222.

sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no encontro com a natureza, na oração. A felicidade exige limitar algumas necessidades que nos entropescem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece.”¹⁸⁸

Esta perspectiva, ou proposta, de sobriedade, de consciência ecológica interpela-nos no nosso relacionamento interpessoal. A própria Escola, no que diz respeito à interação com os outros, que ocorre em diferentes contextos sociais e emocionais, permite a cada aluno reconhecer, expressar e gerir emoções, construir relações, estabelecer objetivos e dar respostas a necessidades pessoais e sociais. A sobriedade, por assim dizer, é uma forma de se relacionar com os outros, uma vez que “quanto menos, tanto mais”, ou seja, vivendo uma vida equilibrada, optando por um estilo de vida sóbrio, podemos dar mais valor à nossa vida e, conseqüentemente, abrimo-nos generosamente aos “outros”, essencialmente aos de condição de pobres, e ao mundo, em geral.

Tudo isto faz parte do “desenvolvimento das novas formas de estar, olhar e participar na sociedade”¹⁸⁹. É fundamental que os alunos, à saída da escolaridade obrigatória, consigam adotar comportamentos que promovam a saúde e o bem-estar nos hábitos quotidianos, como também compreender os equilíbrios e as fragilidades do mundo natural na adoção de comportamentos que correspondam aos grandes desafios globais do ambiente. É importante que saibam manifestar consciência e responsabilidade ambiental e social, trabalhando colaborativamente para o bem comum, com vista à construção de um futuro sustentável.¹⁹⁰

Numa “era” em que tanto falamos e temos de contribuir para o *cuidado da casa comum*, o grande desafio cultural, espiritual e educativo, de hoje, é o de despertar para a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos, com mais sobriedade.

O segredo está no amor, no amor social que “é chave para um desenvolvimento autêntico (...) fazendo dele a norma constante e suprema do agir”¹⁹¹.

¹⁸⁸ Ibidem, n. 223.

¹⁸⁹ Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 25.

¹⁹⁰ Cf. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017), p. 27.

¹⁹¹ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si' – Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015), n 231.

3. Síntese

É mais do que fundamental, hoje, todos nós nos educarmos para um estilo de vida sóbrio, abrindo o coração, a mente e o espírito ao mundo, mas de forma particular àqueles em que, na sua condição, requerem e necessitam de um outro tipo de atenção, de um olhar solidário e caritativo.

Converter a lógica do “ter” e “possuir” em lógica do “ser” e “prescindir” exige uma caminhada, não estática, mas dinâmica, em que cada um e cada qual torna-se, ou poderá tornar-se, “peça” fundamental na mudança de certos hábitos e, naturalmente, na maneira de ver e viver na nossa casa comum.

Os mais novos precisam dos mais velhos como bons guias, bons mestres e bons educadores que os saibam acompanhar e educar em direção a um *modus vivendi* e a uma *praxis* mais consciente. O ambiente familiar, o primeiro de todos, e o ambiente escolar, como prolongamento do primeiro, caracterizam a cultura juvenil. Por isso mesmo, todos os gestos e exemplos concretos em direção a um estilo de vida mais equilibrado pode marcar e fazer a diferença nos gestos e nos exemplos dos educandos.

O grande desafio é a de nos predispor a uma “conversão ecológica” a qual, mais do que qualquer outra, requererá exemplos práticos de uma (con)vivência na simplicidade e na solidariedade com o mundo, com os outros e com aqueles que vivem na “condição de pobres”.

CAPÍTULO III – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA. A UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”

Neste último capítulo, iremos debruçar-nos, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), sobre a contextualização do local de estágio, fazendo uma caracterização genérica do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e da turma onde foi realizada a lecionação das aulas.

À *posteriori*, será apresentada a planificação e a lecionação das aulas da Unidade Letiva “A Partilha do Pão”.

Para finalizar, será feita uma avaliação das aulas lecionadas e apresentada a atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio na Escola E.B. 2,3 de Nogueira.

1. Caracterização da conjuntura escolar

Iremos neste primeiro ponto começar por caracterizar o local de estágio, Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, como também a turma onde se realizou o estágio. As lecionações das aulas foram realizadas na turma A do sexto ano de escolaridade, da Escola E.B. 2,3 de Nogueira, durante o ano escolar 2018/2019.

1.1. O Agrupamento e a Escola E.B. 2,3 de Nogueira

O núcleo da Prática de Ensino Supervisionada teve lugar na escola básica dos 2º e 3º ciclos de Nogueira, sendo que a sede do Agrupamento é a Escola Secundária de Alberto Sampaio (ESAS), que transporta o nome do Patrono do Agrupamento.

Historicamente, e de acordo com o *Projeto Educativo* deste Agrupamento, Alberto Sampaio “é assumido pela nova comunidade, sem hesitação, sendo, inclusive, a sua data de nascimento, 17 de novembro, definida consensualmente como o Dia do Agrupamento”¹⁹². Foi um homem culturalmente apetrechado, com grande destaque na década de 70, e grande projeção a nível nacional, nas áreas de História e de Etnografia.¹⁹³ Nasceu em Guimarães, no ano de 1841.

¹⁹² Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo – Triénio 2016-2018*. (Braga: AESAS, 2015), p. 5.

¹⁹³ Cf. *Ibidem*.

Depois de ter estudado Direito em Coimbra, dedicou-se, na sua terra natal, aos trabalhos agrícolas e à pesquisa histórica. Recusou o convite para ser deputado, devido a razões de temperamento e de enraizamento à região onde nasceu. No entanto, viria a “desempenhar o cargo de Procurador à Junta Geral do Distrito de Braga, em representação do concelho de Guimarães.”¹⁹⁴ Publicou alguns livros ao longo da sua vida, mas ganhou destaque o seu primeiro livro, intitulado *A Propriedade e a Cultura do Minho*, que o colocou no “primeiro plano dos economistas rurais, valendo-lhe o convite de Oliveira Martins para colaborar no seu projeto-Lei do Fomento Rural.”¹⁹⁵ Veio a falecer no ano de 1908, devido a uma doença de algumas semanas.

De entre alguns célebres pensamentos seus, achamos pertinente o seguinte:

“Nunca se perde tempo com aquilo que amamos
– e que – fazer pensar é tudo; e a agitação a
única alavanca que pode deslocar esse mundo:
pois que agitar que dizer – instruir, ensinar,
convencer e acordar.”¹⁹⁶

O *Projeto Educativo* é “o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escola ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais (...) se propõe a cumprir a sua função educativa.”¹⁹⁷ Toda a dinâmica e orgânica de um Agrupamento, ou de uma escola não agrupada, parte deste documento na tentativa de definir o rumo da melhor resposta possível a todos aqueles e àquelas que, identificando-se com o mesmo, a ele se queiram associar nas suas diversas dimensões. Todavia, este deve traduzir mudanças nas atitudes e práticas de toda a comunidade.

O Agrupamento (ESAS), tendo por base o seu Projeto Educativo, com estatuto identitário, centra-se na construção de uma educação integral, antes de tudo para a cidadania, promovendo o desenvolvimento da autonomia pessoal, com base num sistema de valores e práticas que permita aos indivíduos a interpretação crítica e fundamentada do mundo atual e de uma ação concreta.

Geograficamente falando, o Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, situa-se no Distrito e concelho de Braga, e possui unidades em oito freguesias: Esporões, Fraião, Lomar, Morreira, Nogueira, S. José de São Lázaro, São Paio d’Arcos e

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ Ibidem.

¹⁹⁶ Ibidem.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 3.

Trandeiras, num raio aproximadamente de cinco quilómetros. São trezes as unidades existentes: três jardins de infância, três escolas do 1º ciclo, cinco escolas do 1º ciclo com jardim de infância, uma escola básica com 2º e 3º ciclos e uma escola com 3º ciclo e ensino secundário.

A ESAS encontra-se num contexto urbano/semiurbano e, pontualmente, rural. Assim como a sua envolvente física, o público de cada uma das unidades educativas é distinto, encontrando-se algumas implantadas em zonas já predominantemente rurais, no limite da periferia do concelho, e outras em contexto fortemente urbano.

A Abrangência da população de crianças e jovens do concelho, pelo Agrupamento, é distinta em cada ciclo e, quanto ao género, verifica-se um grande equilíbrio, com 50,8% do sexo feminino e 49,2% do sexo masculino, exceto nos cursos profissionais, onde 30,37% são do sexo feminino e 69,63% do sexo masculino. No que se refere à nacionalidade, 98% são portugueses, sendo 0,3% (11 alunos) oriundos do Brasil e 0,2% (7 alunos) de Angola. Os restantes advêm de países tão distintos como Afeganistão, Alemanha, Bulgária, Canadá, Colômbia, Espanha, França, Guiné-Bissau, Luxemburgo, Moldávia, Roménia, Ucrânia e Venezuela¹⁹⁸.

No que diz respeito às famílias, nomeadamente à habilitação dos pais, nas escolas mais urbanas, a percentagem de pais com licenciaturas é superior a 25%, sendo que a percentagem de pais com, pelo menos, o ensino secundário é superior a 50%. Relativamente ao emprego, 12,5% das mães estão em situação de desemprego e 52,2% empregadas por conta de outrem. Cerca de 4,7% são domésticas, 1,2% indicam ser empregadoras e 3,2% trabalham por conta própria; 25,8% das mães não indica a profissão. Quanto aos pais, 6,5% estão em situação de desemprego e 50,9% empregados por conta de outrem. Cerca de 3,5% indicam ser empregadores e 5,8% trabalham por conta própria; 31,5% dos pais também não refere a profissão¹⁹⁹.

Em termos de pessoal docente contam-se 271 docentes de carreira que se encontram desde 2015 no Agrupamento. Um dos docentes é doutorado, 46 possuem mestrado, 6 são pós-graduados, 193 são licenciados e 25 são bacharéis.²⁰⁰

Os *Princípios e Valores Orientadores* resumem-se na “Liberdade e Responsabilidade”, “Humanismo e Equidade”, “Qualidade e Transparência”, “Conhecimento e Inquietação”, “Fraternidade e Sustentabilidade” e “Participação e Motivação”²⁰¹.

¹⁹⁸ Cf. Ibidem, p. 13.

¹⁹⁹ Cf. Ibidem, p. 14.

²⁰⁰ Cf. Ibidem.

²⁰¹ Cf. Ibidem, p. 16-17.

Como já foi mencionado, o núcleo da Prática de Ensino Supervisionada teve lugar na escola básica dos 2º e 3º ciclos de Nogueira. É um edifício tipo T24. Possui dois pisos, dispostos em três alas separadas e ligadas por uma quarta. Os balneários constituem os anexos junto aos campos de jogos e tem um Pavilhão Gimnodesportivo inaugurado em 2004. O edifício central é rodeado de espaços abertos e de zonas ajardinadas que têm vindo a ser melhoradas e onde foram criados espaços de lazer. Podemos encontrar as seguintes valências: 21 Salas de aulas; 2 Salas específicas; 2 Salas de Projeto; 1 Sala de Música; 2 Laboratórios de Ciências Experimentais; 2 Salas de Desenho; 2 Salas de EVT; 1 Sala de Estudo; 1 Centro Escolar de Informática; 1 Sala de TIC; 1 Biblioteca; 1 Sala do aluno; 1 Bar dos alunos; 1 Sala de Professores com Bar; 1 Sala de Professores junto aos Balneários; 1 Gabinete – Serviço de Psicologia e Orientação; 1 Gabinete Médico; 1 Cantina; 1 Pavilhão Desportivo com Balneários; 1 Sala de Repouso para pessoal não docente; 2 Gabinetes de Direção de Turma; 1 Gabinete da Associação de Estudantes; 1 Estúdio de Rádio; e 1 Gabinete da Direção.²⁰²

Nesta escola é captada quase metade dos seus alunos nas freguesias de Nogueira (29,37%) e Lomar (11, 99%), seguidos de Esporões 8,61%), São José de S. Lázaro (7,24%) e São Vítor (5,33%).²⁰³

Quanto à disciplina de EMRC, esta encontra-se verdadeiramente enraizada e tem um lugar preponderante no seio da mesma. A professora titular, e do quadro do Agrupamento, exerce um trabalho magnífico, em todos os âmbitos e sentidos. Os próprios princípios e valores descritos no Projeto Educativo vão de encontro com a identidade da disciplina de EMRC, a qual se adequa aos objetivos específicos desta escola.

É de realçar que a escola “respira” um ambiente acolhedor e seguro. Desde o entrar na portaria, passando pelos espaços recreativos e pelos espaços internos, como também na sala de professores e nos corredores, verificamos um excelente envolvimento e relacionamento entre alunos, docentes e não docentes. É notório, e notável, o bom relacionamento entre pares, nomeadamente entre os professores, uma vez que procuram interagir uns com os outros, trocando ideias e saberes, criando atividades extracurriculares que envolvam todos.

²⁰² Ibidem, p. 8-9.

²⁰³ Ibidem, p. 11.

1.2. Caracterização da turma

A PES decorreu na turma A do 6º ano de escolaridade, na Escola Básica do 2º e 3º ciclos de Nogueira, do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, conforme já mencionado. Para a realização da caracterização da turma, recorri a informações facultadas pela professora cooperante, dado já ser professora destes discentes desde o início do ciclo, e ainda à observação direta atenta que se foi fazendo ao longo do processo de ensino/aprendizagem.

Esta turma é constituída por 21 alunos, sendo que, 11 são raparigas e 10 são rapazes. Têm idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos.

Todos os alunos da turma frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, à exceção de um aluno, que tem a mais valia de frequentar o serviço de Necessidades Especiais. Por sua vez, este apoio coincide com o tempo em que a aula EMRC decorre para a restante turma.

As famílias dos alunos pertencem a um nível socioeconómico médio-alto, com profissões diferentes e habilitações literárias que oscilam entre o ensino de escolaridade obrigatória (12º ano concluído) e/ou ensino superior.

De acordo com as expectativas de futuro, os alunos demonstram gosto e interesse em diversas áreas, demonstrando uma autoestima acima da média.

Fazendo uma revisão do percurso escolar, não existe qualquer tipo de retenções por parte dos alunos. Como já referimos, apenas um aluno está referenciado com Necessidades Especiais. E apenas um aluno não transitou uma vez no seu percurso escolar.

No que diz respeito à PES, e na globalidade das aulas, que foram seis, de quarenta e cinco minutos cada, o núcleo foi muito bem acolhido pelos alunos desta turma. Revelaram, à exceção de dois elementos, serem pontuais, mas todos assíduos. Demonstraram ao longo das aulas uma postura positiva, apesar de haver um ou outro aluno, com maior dificuldade de concentração. Todos apresentam bons ritmos de trabalho, no entanto, alguns alunos revelaram uma maior rapidez na execução de algumas tarefas propostas. Por isso, o tempo para a realização das tarefas teve em conta a diferenciação pedagógica. Realça-se que todos foram transparecendo interesse nos conteúdos abordados e nas diversas atividades apresentadas e propostas. No geral, a turma demonstrou um coeficiente de inteligência acima da média, uma vez que participavam, de forma positiva e ordenada, com grande capacidade de articular os

conteúdos transmitidos com conhecimentos já adquiridos. Havia muito empenho e vontade de trabalhar e aprender.

A turma revelou uma maior quietude aquando da utilização de recursos atrativos, como a utilização de vídeos e atividades de caráter mais lúdico. No entanto, revelaram um espírito competitivo, ao invés de cooperativo, quando lhes era apresentada uma atividade/jogo de grupo. No entanto, não deixaram de ser muito ativos, dinâmicos e empenhados. Foram comunicativos e gostaram de participar, demonstrando que sabem e que conhecem.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada procurou-se, através do rigor e da didática pedagógica, criar um ambiente propício para a aprendizagem. Os alunos foram demonstrando à vontade para colocar questões, para participar e interagir com os colegas. O Professor estagiário procurou ser e estar sempre solícito para tentar esclarecer ideias ou dúvidas, criando, inclusive, um ambiente mais descontraído.

Ao nível disciplinar, podemos dizer que são uma turma exemplar, onde o funcionamento das aulas decorre de forma boa, permitindo a execução das planificações na sua íntegra.

Com base nas informações fornecidas pela professora cooperante, os alunos desempenham atividades extracurriculares de cariz social, manifestando sentido de entreatajuda, responsabilidade e espírito de solidariedade com determinadas instituições.

Torna-se igualmente importante referir, aqui, que houve uma sétima aula a ser preparada e lecionada, também de quarenta e cinco minutos, que ocorreu e decorreu por necessidade de ser assistida e avaliada pela professora orientadora, Doutora Isabel Varanda. Esta teve lugar na turma D, do 6º ano, na mesma escola, no dia 25 de abril, do mesmo ano. Foi uma aula introdutória à, também, Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”, visto já terem terminado a Unidade letiva anterior, número 2 (“Jesus, um Homem para os Outros”). Uma vez já termos, também, introduzido os alunos do 6º A nesta matéria, esta permitiu-me aperfeiçoar algumas nuances e apostar numa didática pedagógica diferente, embora as metas de aprendizagem, os objetivos a atingir e os conteúdos a desenvolver estivessem sempre em conformidade com o programa.

Embora tenha sido uma única aula, e na impossibilidade de reunir informações mais detalhadas e precisas, notou-se, no geral, ser uma turma pontual e assídua. Ao longo da aula, manifestaram interesse, participando quando lhes era pedido, e de forma ordenada. Realizaram as tarefas propostas com prontidão, demonstrando um certo à vontade e rapidez na concretização das mesmas. Os alunos revelaram possuir

conhecimentos adquiridos anteriormente, o que lhes permitiu uma maior facilidade na assimilação dos conteúdos, conjugando elementos transversais aos abordados.

A nível disciplinar, não se constata dados a serem reportados, pese embora, alguns alunos gostem de ter conversas paralelas e, um ou outro aluno, esteja mais desatento. Paralelamente a estes factos, houve um esforço por parte do professor estagiário para chamar a atenção destes alunos, que captaram a informação com prontidão e bom discernimento.

2. A Planificação e a lecionação das aulas da Unidade Letiva “A Partilha do Pão”

Uma vez feita a caracterização do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e da Escola Básica do 2º e 3º ciclos de Nogueira, bem como da turma A do 6º Ano de escolaridade, passaremos, em seguida, por apresentar a planificação e a lecionação da Unidade letiva 3 “A Partilha do Pão”.

Partindo do *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*²⁰⁴, verificamos que no 2º ciclo do Ensino Básico, precisamente no 6º ano, são apresentadas três Unidades Letivas, sendo que a lecionada foi a Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”, na turma A, do sexto ano de escolaridade, da escola E.B. 2,3 de Nogueira, como já foi mencionado.

2.1. A planificação

Para haver uma boa gestão do programa, requer-se uma adequação eficaz e equilibrada das competências e saberes, tendo em conta as especificidades de cada aluno e de cada turma. Isto requer, por parte do professor, um trabalho de diagnose e de aprofundamento para melhor conhecer os alunos. Por este caminho, é possível planificar, ou replanificar, o processo de ensino-aprendizagem de acordo com as necessidades concretas e de antemão.

A planificação é um processo de pensar, ou repensar a aula, de modo a torná-la mais clara ou evidente. Por isso mesmo, ela é pensada e trabalhada anteriormente, projetando-se a prática antes de a realizar, na qual estão refletidas as decisões do planificador. De acordo com o *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*,

²⁰⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014).

planificar “corporiza a conceção que o professor constrói e fundamenta do processo de ensino que vai desenvolvendo ao longo de cada unidade e na articulação entre elas. A clareza dessa conceção – finalidades, modos de as alcançar, opções estratégicas e modos de avaliar a adequação do ensino e o grau de consecução da aprendizagem – deverão ser parte visível de qualquer planificação, independentemente dos diversos formatos de apresentação que possam ser adotados.”²⁰⁵

Desta feita, a planificação anual torna-se o principal objetivo para o professor, a fim de poder gerir de forma mais segura o programa com as suas unidades letivas, tendo presente o número de aulas previstas. Embora esta planificação seja fundamental, é perceptível que ela irá sendo adaptada devido às circunstâncias, aos imprevistos e mesmo às capacidades/dificuldades apresentadas pelos alunos. Por isso, além desta planificação anual, será necessário, e até fulcral, planificar semestral, semanal e/ou diariamente, ou por unidades letivas, “adequando-se a um conhecimento da turma mais aprofundado, responder às necessidades e ter uma especificação mais pormenorizada da planificação anual.”²⁰⁶

Trata-se de uma ferramenta pela qual o professor traça caminhos por onde ele e os alunos podem caminhar, sem perder a tónica ou norte, mantendo o foque no objetivo principal. Por meio desta, o professor evita “aprofundar exaustivamente um determinado tópico (...) sem que o tempo escasseie para a abordagem de outros tópicos e desenvolvimento de outras competências importantes para a formação dos alunos.”²⁰⁷ Não podemos descorar a importância que esta tem na conceção do tempo, na escolha dos métodos pedagógicos e de ensino, das ferramentas de avaliação, e de toda a envolvência da sala de aula no processo de ensino-aprendizagem produtivo.

Podemos fazer uma observação quanto à planificação na disciplina de EMRC. A disciplina deve ter sempre em conta o carácter aberto do programa, sendo compreensível, por este mesmo fato, que a sua planificação poderá estar sujeita a alterações significativas. Esta dificuldade acentua-se pelo fato da disciplina só ter um tempo letivo e se dirigir a alunos que, normalmente, têm interesse em aprofundar certos subtemas ligados aos temas gerais. Poderão desenvolver-se outras atividades de acordo com os conteúdos desenvolvidos e as necessidades/especificidades da turma.

Posto isto, iremos incidir sobre a planificação a curto prazo que define os planos para cada uma das aulas.

²⁰⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos Básicos e Secundários* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2007), p. 23.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 24.

²⁰⁷ *Ibidem*.

Como mencionamos, esta unidade letiva foi lecionada em seis aulas (mais uma, que serviu de introdução aos alunos do 6º D), como podemos analisar pelos planos de aula, no ponto seguinte deste capítulo (2.2.). O esquema ou a grelha de cada aula, como também podemos observar no ponto 2.2., encontra-se repartido em sete colunas com diversos elementos estruturantes, tais como: as metas de aprendizagem; os objetivos a atingir; os conteúdos a desenvolver; as estratégias de ensino; os recursos; o tempo; e a avaliação. Em cada uma das grelhas de planificação, encontramos uma secção para o registo do sumário.

Tivemos por base, na planificação, os diversos pressupostos teóricos do programa da disciplina de EMRC: as finalidades, os domínios, as metas curriculares, os objetivos e conteúdos.²⁰⁸

Toda a Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão” foi lecionada num total de 6 tempos (mais um tempo, como já referimos, para a turma D do 6º ano), de quarenta e cinco minutos. Deu-se início à leção das aulas no dia 7 de novembro de 2018, portanto ainda no primeiro semestre, do ano letivo 2018/2019, finalizando as mesmas, no início do segundo semestre, mais precisamente no dia 9 de janeiro. Embora o previsto para o término da leção fosse na última semana do primeiro semestre, tal não aconteceu por questões de atividades extracurriculares, nas quais a turma do 6º A participou e que coincidiu portanto na hora em que a aula de EMRC costuma decorrer. Todas as aulas lecionadas decorreram às quartas-feiras, das 10h05m às 10h50m.

A aula lecionada na Turma D do 6º ano, a sétima aula lecionada, ocorreu e decorreu no dia 29 de abril de 2019 (segunda-feira), das 8h20m às 9h05m.

Para as aulas, e, portanto, na preparação das planificações, as estratégias de ensino e os recursos pedagógico-didáticos foram diversificando, de modo a ir ao encontro das temáticas abordadas e das características dos alunos. Assim foi possível um enriquecimento e desenvolvimento maior por parte dos alunos.

As aulas, desta unidade letiva, assentam em quatro grandes temas:

1. A importância da alimentação e o seu significado simbólico-religioso;
2. Comércio Justo, a fome e a injusta distribuição de bens;
3. Instituições que procuram combater a fome;
4. Ser pão para os outros através da partilha.

²⁰⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014), p. 5-8.

Por intermédio destes quatro temas, que traduzimos na nossa planificação e concretização da lecionação da unidade letiva, foi feita uma seleção dos conteúdos a desenvolver que permitisse alcançar os objetivos propostos.

2.2. A lecionação das aulas

Neste segundo ponto do capítulo iremos fazer uma descrição de cada uma das aulas lecionadas, implementadas na Prática de Ensino Supervisionada, tendo em conta as metas de aprendizagem, os objetivos a atingir, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino, os recursos e a avaliação formativa.

Posteriormente, são apresentados os planos/grelhas de aula.

Para concluir, faremos uma avaliação das aulas lecionadas.

2.2.1. Aula 1 – A importância da alimentação e da refeição

A primeira aula da unidade letiva realizou-se a 7 de novembro de 2018. Teve como sumário: “Introdução à Unidade Letiva “A Partilha do Pão”. A importância da alimentação e da refeição.”

As metas de aprendizagem refletidas e apresentadas pretendem que os alunos amadureçam a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Os objetivos a atingir são essencialmente dois: reconhecer a importância da alimentação e da refeição e reconhecer a alimentação com elemento cultural.

Os momentos iniciais destinam-se à receção aos alunos, com uma breve apresentação do professor e dos alunos, registando-se, de seguida, o sumário no quadro e nos respetivos cadernos diários.

Por ser a primeira aula, ela tem, fundamentalmente, uma função introdutória ao estudo a que nos propusemos. Assim sendo, e após a apresentação da Unidade Letiva “A Partilha do Pão”, começo por explicar a importância da alimentação no nosso dia-a-dia, partindo de ocorrências concretas do quotidiano, sublinhando que ela surge, primeiramente, como necessidade biológica, essencial à nossa sobrevivência. Depois, friso que a refeição é um momento de confraternização e de encontro com os outros.

Partindo desta última temática, e por meio do diálogo, questiono os alunos acerca da refeição, perguntando-lhes, concretamente, o que consideram de importante

no momento da refeição, bem como se denotam alguma diferença entre comer em casa ou fora. Com estas perguntas, pretende-se “provocar” os alunos, de modo a que eles percebam que a refeição em casa é, ou pelo menos deve ser, um momento familiar, de aconchego, de intimidade, onde se partilham sentimentos, pensamentos, amizade e carinho de uma forma mais especial.

No sentido de fazer perceber que a refeição é uma experiência de encontro e de festa, refiro ainda que a mesa é um local onde nos reunimos com os outros, especialmente com as pessoas que nos são mais queridas e especiais, como por exemplo, na celebração de um aniversário, de um casamento, num convívio com amigos, etc.

No mesmo enredo, dou ênfase ao sentido ético-axiológico que a refeição porta em si e, fazendo apelo às virtudes e às qualidades de cada um, salientando que é importante cada um de nós termos gestos de generosidade e de ajuda em casa, ajudando de diversas formas e modos os nossos pais, evitando o egoísmo.

Posto isto, no momento seguinte da aula, apresento, em suporte PowerPoint, imagens alusivas à evolução dos costumes alimentares, nomeadamente no que diz respeito à passagem do nomadismo à sedentarização. Visualizando as mesmas, pergunto se os alunos denotam algumas diferenças entre uma e outra época. Após os seus pontos de vista, em relação às imagens, digo que é importante percebermos que as realidades nem sempre foram as mesmas e que, com o passar dos tempos, o mundo foi evoluindo, assim como os costumes alimentares, a alimentação e a forma de confeccionar os alimentos.

Em conformidade com aquilo que foi apresentado anteriormente, e para terminar, proponho a realização de um jogo intitulado “memoriza o alimento”. O objetivo deste jogo é fazer os alunos pensarem e partilharem a abundância e a vastíssima riqueza de alimentos existentes, que o ser humano tem ao seu dispor. Hoje, mais do que nunca, a diversidade de alimentos é maior do que outrora, devido aos diferentes progressos do ser humano em diversos âmbitos. Neste sentido, o jogo desencadeia-se da seguinte forma: o primeiro aluno dá início ao jogo dizendo o nome de um alimento, o segundo aluno, memorizando-o e dizendo o nome desse alimento, menciona o nome de um novo alimento. O terceiro colega, memoriza os dois primeiros alimentos e tem de os dizer pela mesma ordem pela qual começou, e também diz o nome de um novo alimento, e assim sucessivamente, até que algum colega não consiga memorizar pela sequência com que se iniciou o jogo. O jogo termina quando todos os

colegas não conseguirem memorizar a ordem e o nome dos alimentos, exceto um, que é o vencedor.

Em jeito de conclusão, reforço a ideia e a importância de todos ajudarmos os nossos pais em casa, sensibilizando cada um a ajudar os pais, por exemplo, na preparação da refeição: seja a pôr ou a recolher o que está na mesa, lavando a loiça, etc.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta a assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras de sala de aula, participação ativa e organizada, atenção e concentração, comportamento e o respeito pelos outros.

2.2.2. Aula 2 – O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição

A segunda aula da unidade letiva realizou-se no dia 17 de novembro de 2018. Teve como sumário: “O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.”

As metas de aprendizagem a alcançar são duas: pretende-se o amadurecimento da sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade, e o mundo e, também, a construção de chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. Assim, os objetivos a atingir são dois: perceber a importância da dimensão simbólica e descobrir a dimensão simbólica da refeição na cultura judaico-cristã.

Seguindo o mesmo modelo inicial da primeira aula, os primeiros momentos servem para acolher os alunos e registar o sumário no quadro e nos respetivos cadernos diários.

Seguidamente, apresento, em suporte PowerPoint, alguns símbolos aleatórios, mas de conhecimento comum, de modo a definirmos em conjuntos, o que é um símbolo e a sua importância. Assim, apresento os símbolos das três religiões monoteístas (Cristianismo: Cruz; Judaísmo: Estrela de David; e Islamismo: Lua Crescente com a Estrela) de modo a descodificarem ou associarem o símbolo ao seu significado. Com esta pequena tarefa introdutória, a estratégia de ensino é a dos alunos perceberem que os símbolos remetem para uma dupla realidade: a concreta e a abstrata.

Posto isto, e no momento seguinte da aula, para uma melhor consolidação de conhecimentos, proponho a realização de um jogo intitulado “Bingo da Sorte”²⁰⁹.

²⁰⁹ Este jogo foi criado de forma original, havendo, apenas, algumas pequenas adaptações, em relação ao jogo tradicional, com os conteúdos programáticos da disciplina de EMRC.

O principal objetivo do jogo é a dos alunos descobrirem, a partir do significado simbólico-religioso dos alimentos mais representativos da cultura judaico-cristã, a importância da alimentação/refeição como dádiva de Deus. Em diálogo com os alunos, e antes de dar início ao jogo, realço a importância da alimentação na nossa vida, como necessidade biológica, e como ponto de encontro e de confraternização, fazendo a ponte com a matéria da aula anterior. Prosseguindo, sublinho que, de acordo com a Bíblia, os alimentos são uma dádiva de Deus e as refeições um espaço de relações entre pessoas e de ação de graças.

Dadas estas informações, o jogo decorreu conforme planeado: os alunos foram divididos em quatro grupos, de cinco elementos. Com recurso ao manual do 6º ano e/ou fotocópias do mesmo, referentes ao “significado simbólico-religioso do alimento e da refeição”, os alunos tinham alguns minutos de exercício de leitura e de memorização dos diversos significados bíblicos dos alimentos ali patentes. Após este exercício, foi-lhes pedido para fechar o manual e/ou entregar as fotocópias, e entreguei-lhes, a cada um dos quatro grupos, um tabuleiro com os cinco símbolos estudados e espalhados pelo mesmo: o pão, o azeite, o vinho, a água e o cordeiro. Tinha na minha posse diversos mini-cartões com os respetivos significados dos símbolos estudados pelos alunos. À medida que ia sendo lido o conteúdo patente no mini-cartão, os elementos de cada grupo teriam de dizer “bingo” e, caso soubessem associar o significado ao símbolo, ser-lhes-ia entregue esse mini-cartão para ser colocado em cima da respetiva figura do tabuleiro. O jogo terminou quando um dos grupos completou o preenchimento do tabuleiro com os mini cartões. O grupo vencedor foi premiado com 2 rebuçados oferecidos a cada elemento. Os restantes grupos, que participaram também de forma excelente, foram premiados com um rebuçado por cada elemento do grupo.

No geral, foi perceptível que os objetivos a atingir foram conseguidos, pois cada um dos alunos sentiu-se enriquecido com esta atividade, querendo inclusive continuar a jogar na aula seguinte. No entanto, por razões de planificação, não foi possível, mas muito bem aceitável.

Nesta aula foi tido em conta, para fins de avaliação, a assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras de sala de aula, comportamento, respeito pelos outros, atenção e concentração, curiosidade e envolvimento, capacidade de síntese e memorização, capacidade de trabalhar em grupo/cooperação, participação ativa e organizada.

2.2.3. Aula 3 – O significado do comércio justo

No dia 21 de novembro do mesmo ano, foi lecionada a terceira aula. Teve como sumário: “Revisão da matéria da aula anterior. O significado do comércio justo.”

As duas metas de aprendizagem a alcançar pretendem criar-lhes uma chave de leitura da pessoa, da vida e da história, bem como amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Os objetivos a atingir são os seguintes: redescobrir a dimensão simbólica da refeição na cultura judaico-cristã e refletir sobre a importância justo.

Iniciou-se a aula com a habitual receção aos alunos e com o registo do sumário no quadro e nos respetivos cadernos diários.

Com a intenção de consolidar o conhecimento obtido, foi feita uma revisão da matéria da aula anterior. Para tal, com recurso a imagens, em suporte PowerPoint, procurou-se esmiuçar, com maior clareza e precisão alguns conceitos pouco familiarizados pelos alunos, tais como: “Aliança”; a “Antiga e a Nova Aliança”, com base no vetero e neo-testamentos. De seguida, o professor lembrou que, de acordo com a Bíblia, os alimentos são uma dádiva de Deus e que, para o povo judeu e para os cristãos, os alimentos têm uma forte dimensão simbólica, sendo que a refeição assume um importante destaque na vida e na relação com Deus. Após estas referências, foi entregue a cada um dos alunos uma ficha com um “banco de palavras” para ser preenchida de acordo com os símbolos apresentados e estudados na última aula (pão, azeite, vinho, água e cordeiro). Após a sua realização, foi feita a respetiva correção.

No momento seguinte da aula, sem perder também o fio-à-meada, realçou-se a importância da alimentação, referindo que a produção de alimentos é uma questão pertinente na atualidade, pois, apesar da produção de alimentos ser suficiente para todos, existe muita fome. Neste sentido, em suporte PowerPoint, foram-lhes apresentadas imagens que remetem para a questão da igualdade e da justiça social. Depois de “provocá-los” e de ouvir as suas opiniões relativamente às imagens, levei-os a concluir que todos nós temos o direito à igualdade, mas nem sempre é feita justiça. Pois a justiça é criar mais e melhores condições de igualdade, de acordo com as condições de cada um.

Dando continuidade a esta linha de pensamento, e no diálogo com os alunos, foi mencionado que, na troca de bens e serviço (definição de comércio), tem de haver sempre justiça. O comércio justo é, neste sentido, a forma de garantir que os produtos

recebam uma quantia monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto, de modo a impedir a injustiça social.

De forma conclusiva, e já remetendo para a próxima aula, salientei que quando há uma injusta distribuição de alimentos, criam-se injustiças sociais, como a pobreza e a fome. E será esta a temática que iremos analisar.

2.2.4. Aula 4 – A fome e a injusta distribuição de bens

Esta aula decorreu no dia 28 de novembro de 2018. Teve como sumário: “A fome e a injusta distribuição de bem.”

Após a lecionação das primeiras três aulas, em que demos relevo à importância da alimentação e da refeição, como também ao seu significado simbólico-religioso, refletimos um pouco mais sobre o comércio justo, nomeadamente, as suas consequências: as questões da pobreza e da fome.

Para esta aula, as metas de aprendizagem pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo e criar-lhes uma chave de leitura da pessoa, da vida e da história. Os objetivos a atingir permite-lhes refletir sobre a importância do comércio justo e reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens. Assim, os conteúdos desenvolvidos passam por analisar o direito à alimentação (artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos), situações gerais e concretas sobre a fome, a subnutrição, o desperdício de comida e as causas da fome.

A aula iniciou com a receção aos alunos, o registo do sumário no quadro, por parte de um aluno, e nos respetivos cadernos diários.

Retomando a definição de comércio justo, já abordada na aula anterior (forma de garantir que os produtos recebam uma quantidade monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto de modo a impedir a injustiça social), foi-lhes lembrado que há uma injusta distribuição de alimentos e, apesar da produção de bens ser suficiente para todos os seres humanos, existindo por isso fome e pobreza no mundo. É importante os alunos constatarem esta ideia, no sentido de perceberem e terem consciência de que a experiência que fazemos do mundo não corresponde ao mundo de todas as pessoas, tendo em conta que há quem viva em extrema pobreza, passando fome e carecendo dos bens mais essenciais para uma vida digna.

Dando continuidade ao diálogo, e recorrendo ao artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mostrou-se que o direito à alimentação é um direito inalienável de todos os seres humanos que deriva do direito à vida. De igual modo, afirmou-se que a sobrevivência e a saúde, por exemplo, dependem do acesso à alimentação. No entanto, quando o acesso à alimentação é restringido, deparamo-nos com a fome e a subnutrição. E, embora haja recursos alimentares suficientes para responder às necessidades de todas as pessoas, isso não acontece. Por isso, a fome é um dos maiores flagelos da humanidade, nos dias que correm.

Em seguida, socorrendo-me do suporte PowerPoint, apresentei algumas imagens alusivas à falta e ao desperdício de comida. Com este exercício, os alunos mostraram-se sensíveis e conscientes perante a indiferença de muitos de nós, num mundo onde, por muitas vezes, sobeja quantidades de comidas. Aproveitando o momento, referi que muitas vezes falta-nos, embora não parece e não o demonstramos, a atenção para com o sofrimento de quem não tem o essencial para viver dignamente. Por vezes, falta-nos estender mais vezes a mão e abrir o coração, optando por um estilo de vida mais sóbrio, mais equilibrado e consciente. Mesmo assim, no mundo onde vivemos e que constantemente frequentamos, como por exemplo, em casa e na escola, podemos ter gestos mais conscientes, evitando desperdícios, tendo um espírito ecológico.

No momento seguinte da aula, foi-lhes entregue uma ficha de exercício, de correspondência de colunas, de modo a que pudessem perceber e entender que as causas da fome tanto podem ser de origem natural como da responsabilidade humana. Após isto, fizemos a respetiva correção em conjunto.

Já quase a terminar a aula, comecei a distribuir de forma aleatória um chocolate (mini KitKat) apenas a alguns alunos, propositadamente. E levantei a questão:

- Será que fui justo com todos?

Prestando atenção às suas reações, criou-se um momento de diálogo. Dos que não receberam, responderam que não era justo, o que já era de esperar. Assim, aproveitei para acalmar os ânimos e dizer-lhes que a pobreza e a injusta distribuição de bens são uma realidade, pois muitas pessoas têm acesso aos bens primários, como a habitação, a educação, a saúde e a alimentação. Todavia, muitas outras pessoas não têm esse acesso, quando na realidade todos os seres humanos deveriam ter as condições essenciais da vida. Percebendo esta ideia, e na intenção de demonstrar uma justa distribuição, entreguei/distribuí um chocolate a quem não tinha recebido.

A avaliação formativa foi feita com base na assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras de sala de aula, comportamento, atenção e concentração, participação ativa e organizada e respeito pela opinião do outro.

2.2.5. Aula 5 – Instituições que procuram combater a fome

A quinta aula deu-se no dia 5 de dezembro do mesmo ano letivo. Como sumário tínhamos planejado o seguinte: “Instituições que procuram combater a fome.”

As metas de aprendizagem planejadas a alcançar pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo e promover o bem comum e o cuidado do outro. Os objetivos a atingir nesta aula são: identificar instituições vocacionadas para o combate contra a fome, reconhecer o valor da solidariedade, aprender o conceito de voluntariado e dar sentido prático à partilha.

Como o habitual, os primeiros momentos destinaram-se ao acolhimento dos alunos, o registo do sumário por parte de um aluno no quadro e os restantes nos respetivos cadernos diários. Verifiquei, também, se todos os alunos trouxeram o material necessário para a aula.

Com o objetivo de dar seguimento ao desenvolvimento da temática, encetei um diálogo com os alunos, no qual fiz algumas questões da matéria anterior, que resultou numa breve síntese. Entretanto, foi referido que a fome e a pobreza são realidades presentes na nossa sociedade, provocadas, sobretudo, pela indiferença de muitos seres humanos.

Assim, com recurso ao PowerPoint, apresentei a importância de algumas instituições que lutam contra a fome, nomeadamente organizações não governamentais (ONG), como a FAO e o Banco Alimentar Contra a Fome. Referi que estas contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações desfavorecidas e auxiliam em caso de emergência.

Concebidas as ideias principais acerca destas instituições, no momento seguinte, procurei demonstrar o valor da solidariedade, como também a definição do conceito de voluntariado. Para tal, referi que muitas das pessoas que fazem parte destas instituições desenvolvem um trabalho à base da solidariedade e do voluntariado, com o intuito de ajudar o próximo sem esperar nada em troca. Neste sentido, e após definirmos “solidariedade” e “voluntariado” foi-lhes entregue uma ficha de exercícios na qual se

pedia para identificarem e ficarem a conhecer os princípios subjacentes ao voluntariado. Após a realização deste exercício, realizou-se a respetiva correção.

Já no momento final da aula, foi-lhes disponibilizado um enunciado para ser entregue aos encarregados de educação, com o objetivo de criarmos um mini-cabaz a ser oferecido a uma instituição de cariz social, na quadra natalícia. A instituição a quem achamos por bem doar foi o “Banco da Esperança”, localizado no centro do Porto. Uma vez que esta instituição se localiza próximo do local onde moro, facilitou-me a sua entrega. Com a realização deste “projeto” foi possível aos alunos ganharem alguma experiência prática de solidariedade, como também despertar a sua consciência para o envolvimento prático na sociedade e nas diversas comunidades. Relativamente ao enunciado, é descrito aos encarregados de educação dos alunos que, caso possam e queiram ajudar, na próxima aula poderiam trazer, por exemplo: uma peça de roupa, um quilo de arroz, ou pacote de bolachas, um enlatado, etc. Assim, estaríamos, nem que fosse da forma mais simples possível, a contribuir com um pouco de nós e daquilo que temos com aqueles que têm menos do que nós. Seria, digamos, mais uma “luz de natal” na vida destas crianças.

Foi tido em consideração para efeitos de avaliação formativa os seguintes parâmetros: assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras de sala de aula, comportamento, atenção e concentração, participação ativa e organizada e respeito pela opinião do outro.

2.2.6. Aula 6 – Ser pão para os outros através da partilha

Chagámos ao fim deste percurso de lecionação, portanto, à sexta e última aula desta unidade letiva, no dia 9 de janeiro de 2019, após duas semanas de interrupção letiva devido às férias de Natal.

Para esta aula tivemos como sumário: “Ser pão para os outros através da partilha.”

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo e promover o bem comum e o cuidado do outro. Os objetivos a atingir são os seguintes: perceber a importância da partilha material bem como da própria pessoa, reconhecer que ser pão é servir os outros de acordo com os carismas próprios de cada uma e, dar sentido prático à partilha.

Como em todas as aulas, fez-se o acolhimento amistoso aos alunos, foi registado o sumário, por parte de um aluno, no quadro e nos respetivos cadernos diários.

Posto isto, fez-se uma recapitulação dos conteúdos da aula anterior, na qual chamei a atenção para a importância das instituições vocacionadas para o combate contra a fome, como foram os casos da FAO e o Banco Alimentar Contra a Fome. Ainda assim, revimos a grande relevância de determinadas pessoas exercerem a solidariedade e o voluntariado junto de quem mais necessita, ou seja, ajudando o próximo sem esperar nada em troca.

No momento seguinte, com recurso ao vídeo-projetor, projetei dois vídeos alusivos ao tema da partilha (designados por “Emoções e Sentimentos” e “Anúncio do Ano”). Logo a seguir à visualização dos mesmos, e na troca salutar de impressões por meio do diálogo, perguntei aos alunos se denotaram semelhanças e/ou diferenças entre um e outro vídeo. As respostas, naturalmente, foram diversas, mas com muito sentido crítico. O grande objetivo, portanto, foi os alunos perceberem a importância que a partilha tem na vida. Partilha esta que pode ser material, na troca de qualquer tipo de bens materiais que tenhamos em abundância (ou não) com quem tem mais necessidades ou passa necessidades, devido à sua condição de pobre. Além desta concessão, sublinhámos a importância de partilhar “quem somos”, ou seja, a nossa pessoa (o “eu”, como um bem para o outro), através do nosso tempo, estando simplesmente presente, nos bons e nos maus momentos do “outro”. Também através das nossas palavras, de conforto, de carinho e de amizade perante aqueles que se sentem injustiçados, “cansados”, “humilhados”; também por meio da escuta, daqueles que não são ouvidos/escutados com atenção e, que, por vezes, são oprimidos/reprimidos; a importância do sorriso, que tanto pode contagiar e alegrar o dia de quem vive mais infeliz e tristemente; e, essencialmente, por meio do nosso amor, em tudo o que fazemos, a fim de que os outros se possam sentir-se amados e acolhidos por nós.

Sem nos desligarmos da centralidade desta temática, referi que a partilha está relacionada com o serviço. Neste sentido, aproveitei para falar da história de vida de um amigo, como exemplo ou paradigma de serviço e de partilha. Assim, contei-lhes que certo dia, um amigo meu foi fazer voluntariado na casa de saúde do Telhal, em Lisboa, e aí, mencionou ele, sentiu, autenticamente, que partilhou a sua pessoa, o seu ser, ao estar ao serviço dos doentes mentais que ali estavam. Ele realmente sentiu que estava a partilhar algo de especial com pessoas especiais, e disse que aquilo realmente era servir o próximo, partilhando o que era com aqueles que são o que são.

Com base neste testemunho, acrescentei que este tipo de serviço e de partilha depende do carisma de cada um, isto é, depende dos dons e das qualidades de cada um, postas a render, ao serviço do bem comum. Deste modo, aproveitei para os provocar dizendo-lhes que cada um, descobrindo o seu carisma, poderia partilhar a sua pessoa e o que tenha de mais precioso com as outras pessoas. Isto é ser “pão” para os outros.

De modo conclusivo, e em jeito de despedida, entreguei a cada um dos alunos um coração, em cartolina, dizendo-lhes que aquele coração simbolizava cada um, o seu carinho, ou amor ou apreço e, por isso, convidei-os a partilharem-no (oferecê-lo) com alguém especial, de quem gostassem imenso. Depois, que reparassem na reação dessa pessoa, para verem se gostou ou não.

A avaliação formativa desta aula passou por observar e registar a assiduidade e pontualidade, cumprimento das regras de sala de aula, comportamento, responsabilidade, atenção e concentração, participação ativa e organizada e respeito pela opinião dos outros.

2.2.7. Aula 7 – A importância da alimentação no dia-a-dia e na perspetiva cultural

Como já foi mencionado, esta sétima aula surgiu por necessidade de ser assistida e avaliada pela professora orientadora, Doutora Isabel Varanda. Esta teve lugar na turma D, do 6º ano, na mesma escola, no dia 25 de abril de 2019. Foi uma aula introdutória à Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”, visto que tinham terminado a Unidade letiva anterior, número 2 (“Jesus, um Homem para os Outros”). Uma vez já termos, também, introduzido os alunos do 6º A nesta matéria, esta permitiu-me aperfeiçoar algumas nuances e apostar numa didática pedagógica diferente, embora as metas de aprendizagem, os objetivos a atingir e os conteúdos a desenvolver estivessem sempre em conformidade com o programa.

Desta feita, esta sétima aula teve como sumário: “Introdução à Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”. A importância da alimentação no dia-a-dia e na perspetiva cultural.”

As metas de aprendizagem a alcançar pretendem amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo e promover o bem comum e o cuidado do outro. Os objetivos a atingir são: refletir sobre o que realmente é

importante na vida de cada um, reconhecer a importância da alimentação e da refeição e reconhecer a alimentação como elemento cultural.

Foram aproveitados os primeiros momentos para o acolhimento aos alunos com uma breve apresentação do professor e dos alunos, uma vez não nos termos conhecido. A seguir, foi escrito o sumário no quadro e cada um dos alunos registou-o nos seus cadernos diários.

De modo a captar a sua atenção, comecei por me recorrer à dinâmica “filosofia da vida”, utilizando um recipiente vazio que foi sendo preenchido, por ordem, com os seguintes objetos: 1º - bolas de papel; 2º - fósforos; 3º - areia; e, em 4º - chávena de café. Passei, depois, a explicar o sentido da atividade. Referi que o recipiente representava a vida (de cada um de nós); as bolas de papel coloridas, as coisas mais importantes da vida (a educação, a proteção/segurança, a família, a habitação, a alimentação...), pois são coisas que, mesmo que perdêssemos tudo o resto, a nossa vida continuaria a estar cheia; os fósforos são outras coisas importantes, mas que pertencem a um plano secundárias, como o trabalho, ter um carro, uma casa completamente equipada, um telemóvel ou computador da última geração, etc.; a areia é tudo o resto, as pequenas coisas ou os acessórios. Assim, podemos concluir, acontece na vida. Se gastamos tempo e a nossa energia com as coisas pequenas, nunca teremos lugar para as coisas que realmente são importantes. Logo, é preciso prestar atenção ao que realmente importa, estabelecer prioridades na vida.

De forma a fazer uma ponte entre esta atividade com a apresentação da Unidade Letiva “A Partilha do Pão” sublinhei, de entre as coisas mais importantes, a alimentação na nossa vida e no nosso dia-a-dia.

Prosseguindo, e na interação com os alunos, referi que a alimentação está presente nas três dimensões da pessoa humana. Uma, a biológica: sublinhando a sua necessidade essencial à nossa sobrevivência. Outra, a sociocultural: quando comemos em família ou em grupos sociais e culturais aos quais pertencemos. E ainda, a espiritual: como consciência de uma dádiva divina, e consciência moral.

Neste âmbito, foi apontado no quadro três exemplos de provérbios populares relacionados com a alimentação (patentes na nossa cultura portuguesa) a serem completados pelos alunos. Assim, pretende-se que percebam o valor moral e expressões que contêm ensinamentos e regras sociais. Os provérbios apresentados para serem completados foram: “Tem mais olhos... (que barriga)”;

“Quem não trabuca (trabalha)... (não manduca – come)”;

e “De grão a grão... (a galinha enche o papo)”. Depois, procurámos em conjunto, perceber o seu significado.

Prosseguindo, foi-lhes dito que a alimentação é tão importante que, segundo cada país, continente e cultura, ela ganha expressões e modos de confeccionar diferentes, fruto, também, da sua localização geográfica, modos de viver e dos bens neles disponíveis. Para uma melhor compreensão deste panorama, entreguei-lhes uma ficha de atividades, na qual tinham de fazer corresponder uma série de pratos aos respectivos continentes. Seguiu-se, depois, a sua correção no quadro, onde fui chamando um a um para fazer as correspondências com as imagens em tamanho maior já afixadas no quadro, mas encontrando-se de forma aleatória.

Para concluir a aula, propus a visualização de um vídeo (“6 estranhos sentam-se juntos, no escuro, para conversar”), com o propósito dos alunos perceberem melhor como estar à volta da mesa pode ser um momento cultural, de encontro, de conhecimento, de confraternização e de evitarmos certos preconceitos em relação aos outros quando não os conhecemos. Aproveitei, também, para referir que a refeição está igualmente presente nos momentos mais festivos e celebrativos da vida, como num aniversário, num casamento, etc.

Para efeitos de avaliação formativa tive em consideração a assiduidade e pontualidade, o cumprimento das regras de sala de aula, participação ativa e organizada, atenção e concentração, comportamento e respeito pelos outros.

Terminada a descrição detalhada de cada uma das aulas apresentadas, referentes à Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”, seguem-se os planos/grelhas de aula lecionados.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio

Ano letivo 2018/2019



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 1/6

Ano:6º | Turma: A

Data: 7 de novembro de 2018

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Introdução à Unidade Letiva “A Partilha do Pão”. A importância da alimentação e da refeição.			<ul style="list-style-type: none">- Acolhimento aos alunos- Breve apresentação do Professor e dos alunos-Registo do Sumário	Quadro e giz; Caderno diário e caneta.	10 min.	
– Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	Reconhecer a importância da alimentação e da refeição.	A importância da alimentação no nosso dia-a-dia. A refeição como experiência de encontro e de festa	<p>O professor inicia a aula com a receção aos alunos e com o registo do sumário. De seguida faz a apresentação da Unidade Letiva: “A Partilha do Pão”, explicando a importância da alimentação no nosso dia-a-dia, sublinhando a sua necessidade biológica, essencial à nossa sobrevivência, mas também a refeição como momento de confraternização e de encontro.</p> <p>Em seguida, o professor questiona os alunos acerca da refeição: pergunta-lhes o que acham de importante no momento da refeição; se há diferença entre comer em casa ou fora; com isto, pretende-se que os alunos percebam, sobretudo, que a refeição em casa é, ou pelo</p>	Computador; Videoprojector; Diálogo com os alunos;	5 min.	Assiduidade e pontualidade;

	Reconhecer a alimentação como elemento cultural	O sentido ético-axiológico da refeição	<p>menos deve ser, um momento de aconchego, familiar, de intimidade onde se partilham sentimentos, pensamentos, amizade e carinho de uma forma mais especial.</p> <p>Refere ainda que a mesa é um local de festa, como por exemplo: na celebração de um aniversário, de um casamento, no convívio com amigos, etc.</p> <p>Fazendo apelo às virtudes e às qualidades de cada um, salienta a importância de termos gestos de generosidade e de ajuda em casa, ajudando de diversas formas e modos os pais, de forma a não sermos egoístas.</p>		10 min	Cumprimento das regras de sala de aula;
		A evolução dos costumes alimentares	<p>Apresentando, em PowerPoint, imagens alusivas à passagem do nomadismo à sedentarização, o professor pergunta aos alunos se denotam algumas diferenças entre uma e outra época. É importante que os alunos percebam que as realidades nem sempre foram as mesmas e que, com o passar dos tempos, o mundo vai evoluindo, assim como a alimentação e a forma de confeccionar os alimentos.</p>	PowerPoint: “Nomadismo e Sedentarização”; (Anexo 1)	5 min.	Participação ativa e organizada;
			<p>Para terminar, o professor propõe a realização de um jogo intitulado: “memoriza o alimento”. O objetivo do jogo é partilhar a abundância e a vastíssima riqueza de alimentos que o ser humano tem ao seu dispor. Hoje, a diversidade de alimentos é maior do que outrora devido aos diferentes progressos do ser humano em diversos âmbitos.</p> <p>Neste sentido, o jogo desencadeia-se da seguinte forma: o primeiro aluno inicia dizendo o nome de um alimento, o segundo aluno terá de memorizar e dizer o nome do primeiro alimento do colega anterior e dizer um novo alimento. O terceiro colega memoriza os dois primeiros alimentos e tem de os dizer pela mesma ordem que se iniciou e dizer um novo alimento, e assim</p>	Jogo: “Memoriza o alimento”	10 min.	Atenção e concentração;
						Comportamento

			<p>sucessivamente até algum colega não conseguir memorizar o alimento. O Jogo termina quando todos os colegas não conseguirem memorizar os alimentos, exceto um (que é o vencedor).</p> <p>Em jeito de conclusão, o professor reforça a importância de ajudar os pais, sensibilizando cada aluno a ajudar em casa os pais, por exemplo, na preparação da refeição: seja a pôr ou a recolher o que está na mesa, lavando a loiça, etc.</p>		5 min.	Respeito pelos outros;
--	--	--	---	--	--------	------------------------

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 2/6

Ano: 6º | Turma: A

Data: 14 de novembro de 2018

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos	Quadro e giz;	5 min.	
SUMÁRIO: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.			- Registo do Sumário	Caderno diário e caneta.		
A – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Perceber a importância da dimensão simbólica	O que é um símbolo e a sua importância	O professor inicia a aula com a receção aos alunos e com o registo do sumário. De seguida apresenta aos alunos, em suporte PowerPoint, alguns símbolos aleatórios, mas de conhecimento comum, de modo a poderem descodificar ou associar ao seu significado. Com esta pequena tarefa introdutória pretende-se que os alunos percebam que os símbolos remetem para uma dupla realidade: a concreta e a abstrata.	Computador; Videoprojector; PowerPoint: "Símbolos" (Anexo 2)	10 min	Assiduidade e pontualidade;
B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da	Descobrir a dimensão simbólica da refeição na cultura judaico-cristã	A importância da alimentação/refeição como dádiva	Posto isto, o professor propõe a realização de um jogo intitulado: "Bingo da Simbologia". O objetivo principal do jogo é os alunos descobrirem o significado			Cumprimento das regras de sala de aula;

<p>vida e da história.</p>		<p>de Deus</p> <p>O simbolismo bíblico do pão, do azeite, do vinho, da água e do cordeiro.</p>	<p>simbólico-religioso dos alimentos mais representativos da cultura judaico-cristã.</p> <p>Assim sendo, o professor realça a importância da alimentação na nossa vida, como necessidade biológica, e como ponto de encontro e de confraternização, fazendo ligação com a aula anterior.</p> <p>Seguidamente, refere que de acordo com a Bíblia os alimentos são uma dádiva de Deus e as refeições um espaço de relações entre pessoas e de ação de graças.</p> <p>O jogo decorre da seguinte forma: os alunos encontram-se divididos em grupos de 4, cada qual com 5 elementos. Com recurso ao manual do 6º ano, mais precisamente nas páginas referentes ao “significado simbólico-religioso do alimento e da refeição” terão alguns minutos para fazer a leitura dessas páginas e memorizar os diversos significados dos alimentos ali patentes.</p> <p>Depois, é-lhes pedido para fechar o manual e é entregue a cada grupo um tabuleiro com os 5 alimentos estudados e espalhados pelo mesmo: o pão, o azeite, o vinho, a água e o cordeiro.</p> <p>O professor terá consigo diversos mini-cartões com os vários significados estudados pelos alunos.</p> <p>À medida que é lido o mini-cartão, os</p>	<p>Diálogo com os alunos.</p> <p>Manual do 6º ano/fotocópias do manual (Anexo 3)</p> <p>Tabuleiro de cartão plastificado com imagens: pão, azeite, vinho, água e cordeiro; (Anexo 4))</p> <p>Mini-cartões</p>	<p>5 min.</p> <p>25 min.</p>	<p>Respeito pelos outros</p> <p>Atenção e concentração;</p> <p>Curiosidade e envolvimento;</p> <p>Capacidade de síntese e memorização;</p> <p>Capacidade de trabalhar em grupo/cooperação</p>
----------------------------	--	--	---	---	------------------------------	---

			<p>elementos de cada grupo terão de dizer “bingo” e caso saibam associar o significado ao símbolo ser-lhes-ão entregue o mesmo mini-cartão para ser colocado em cima da figura do seu tabuleiro. O jogo termina quando todos os símbolos do tabuleiro forem preenchidos pelos mini-catões. Os vencedores terão como prémio 2 rebuçados por cada elemento do grupo. Os Restantes, pela participação, recebem um rebuçado</p>	<p>plastificados; (Anexo 5)</p> <p>cola;</p> <p>Rebuçados. (Anexo 6)</p>		<p>Participação ativa e organizada;</p>
--	--	--	---	--	--	---

B – Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	Refletir sobre a importância do comércio justo	A diferença entre igualdade e justiça	<p>ser preenchida de acordo com os símbolos apresentados (pão, azeite, vinho, água e cordeiro) e é feita a respetiva correção.</p> <p>Prosseguido, o professor realça importância da alimentação referindo que a produção de alimentos é uma questão pertinente na atualidade, pois, apesar de produção de alimentos ser suficiente para todos, existe muita pobreza. Neste sentido, é mostrado aos alunos duas imagens, em suporte PowerPoint, que remetem para a questão da igualdade e da justiça social. O objetivo deste exercício é os alunos perceberem que todos temos o direito à igualdade, mas que nem sempre é feita justiça. Pois a justiça é criar mais e melhores condições de igualdade de acordo com as condições de cada um.</p>	<p>“símbolos: pão, azeite, vinho, água e cordeiro; banco de palavras (Anexo 8)</p> <p>. PowerPoint “Igualdade e Justiça” (Anexo 9)</p>	5 min.	Atenção e concentração;
		O significado do comércio justo	<p>Dando continuidade a esta linha de pensamento, o professor refere que na troca de bem e serviços (comercio) tem de haver sempre justiça. O comercio justo é, neste sentido, a forma de garantir que os produtos recebam uma quantia monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto de modo a impedir a injustiça social.</p> <p>De forma conclusiva, e remetendo já para a próxima aula, o professor salienta que quando há uma injusta distribuição de alimentos criam-se injustiças sociais, como a pobreza e a fome. E será isso que iremos analisar adiante.</p>	Diálogo com os alunos	5 min.	Participação ativa e organizada;
					5 min.	Respeito pela opinião do outro.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 4/6

Ano: 6º | Turma: A

Data: 28 de novembro de 2018

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A fome e a injusta distribuição de bens			- Acolhimento aos alunos - Registo do sumário	Quadro e giz; Caderno diário e caneta.	5 min.	
A – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	Refletir sobre a importância do comércio justo	O direito à alimentação (artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos)	O professor inicia a aula com a receção aos alunos e com o registo do sumário. Retomando a definição de comércio justo (forma de garantir que os produtos recebam uma quantia monetária justa pelo seu trabalho e pelo seu produto de modo a impedir a injustiça social), é lembrado que, quando há uma injusta distribuição de alimentos e apesar da produção de bens ser suficiente para todos os seres humanos, existe fome e pobreza no mundo. Recorrendo ao artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o professor menciona que o direito à alimentação é um direito inalienável de todos os seres humanos que deriva do direito à vida. A sobrevivência e a saúde dependem do acesso à alimentação. No entanto, quando o acesso à alimentação é restringido deparamo-nos	Computador; Videoprojector; Diálogo com os alunos;	5 min. 5 min.	Assiduidade e pontualidade; Cumprimento das regras de sala de aula; Comportamento;

B – Criar uma chave de leitura da pessoa, da vida e da história	Reconhecer situações sociais nos quais esteja patente a injusta distribuição dos bens	A fome e a subnutrição	com a fome e a subnutrição. Embora haja recursos alimentares suficientes para responder às necessidades de todas as pessoas, isso não acontece, por isso a fome é um dos maiores flagelos da humanidade.	PowerPoint “falta e desperdício de comida”; (Anexo 10)	10 min.	Atenção e concentração;			
		A falta e desperdício de comida	De seguida, o professor com recurso ao suporte PowerPoint, apresenta algumas imagens alusivas à falta e desperdício de comida. Com este exercício procura-se consciencializar os alunos para indiferença patente no mundo. Muitas vezes falta-nos a atenção para com o sofrimento de quem não tem o essencial para viver dignamente. Refere, ainda, que em casa e na escola, por vezes desperdiçamos de forma inconsciente, o que não deve acontecer.				Ficha “Causas da fome”; (Anexo 11)	10 min.	Participação ativa e organizada;
		As causas da fome	Após isto, o professor distribui uma ficha de exercício de correspondências de colunas, de modo a que os alunos possam perceber que as causas da fome tanto podem ser de origem natural como da responsabilidade humana. Segue-se a respetiva correção.						
A pobreza e a injusta distribuição de bens	No momento seguinte da aula, o professor distribui de forma aleatória um chocolate a alguns alunos, e levanta a seguinte questão: “Será que fui justo com todos os alunos?” Prestando atenção à reação dos alunos cria-se um momento de diálogo. Com esta atividade o professor aproveita para salientar que a pobreza e a								

			<p>injustiça distribuição bens são uma realidade, pois muitas pessoas têm acesso aos bens primários, como habitação, educação, saúde e alimentação, ao passo que muitas outras não têm, quando todos os seres humanos, na verdade, têm o direito às condições essenciais da vida. No final, o professor, de modo a fazer uma distribuição justa, entrega um chocolate a quem não tinha ainda recebido.</p>			
--	--	--	--	--	--	--

B – Promover o bem comum e o cuidado do outro	Reconhecer o valor da solidariedade Aprender o conceito de voluntariado	A solidariedade e o voluntariado	<p>Alimentar Contra a fome. O professor refere que estas contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações desfavorecidas, prestam ajuda humanitária e auxiliam em caso de emergência.</p> <p>No montante seguinte da aula, o professor refere que muitas das pessoas que fazem parte destas instituições desenvolvem um trabalho à base da solidariedade e do voluntariado, com o intuito de ajudar o próximo sem esperar nada em troca. Neste sentido, e após definir “solidariedade” e “voluntariado”, o professor entrega uma ficha de exercícios nos qual pede aos alunos para identificarem e ficarem a conhecer os princípios subjacentes ao voluntariado. De seguida, é feita a correção.</p>	Ficha “Princípios do voluntariado” (Anexo 14)	15 min.	Atenção e concentração; Participação ativa e organizada;
	Dar sentido prático à partilha	Partilhar um pouco daquilo que temos “a mais” com quem tem “menos”	De modo conclusivo, o professor entrega a cada um dos alunos um enunciado para entregar aos encarregados de educação, no sentido de criar u minicabaz de turma, para oferecer a uma instituição que tenha necessidade nesta época natalícia. A Instituição a ajudar será a do “Banco da Esperança”, localizada no Porto. Com esta atividade, pretende-se que os alunos possam adquirir alguma experiência prática de solidariedade. No enunciado é simplesmente referido que cada um dos alunos, caso possam e queiram, podem	Enunciado aos Encarregados de Educação “Criação de um minicabaz solidário de Natal para entregar à instituição Banco da Esperança” (Anexo 15)	5 min.	Respeito pela opinião do outro.

			trazer na próxima aula, por exemplo, uma peça de roupa a mais, um quilo de arroz, um pacote de massa, açúcar, um enlatado ou umas bolachas, etc. Assim, estaremos, nem que seja de forma simples, a contribuir com um pouco de nós para com aqueles que têm menos do que nós.			
--	--	--	---	--	--	--

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 6/6

Ano: 6º | Turma: A

Data: 9 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos	Quadro e giz;	5 min.	
SUMÁRIO: Ser Pão para os outros através da partilha			- Registo do sumário	Caderno diário e caneta.		
A – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo			A aula inicia-se com o acolhimento do professor aos alunos e com o registo do sumário no quadro e nos cadernos diários. Fazendo uma breve recapitulação da matéria da aula anterior, o professor chama a atenção para a importância das instituições vocacionadas para o combate contra a fome, como são os casos da FAO e o Banco Alimentar Contra Fome, e para a grande relevância de determinadas pessoas que exercem a solidariedade e o voluntariado junto de quem mais necessita, ou seja, ajudando o próximo sem esperar nada em troca.	Computador	5 min.	Assiduidade e pontualidade;
B – Promover o bem comum e o cuidado do outro	Perceber a importância da partilha material bem como da própria pessoa	A Partilha:	No momento seguinte da aula, o professor projeta 2 vídeos alusivos ao tema da partilha. E, em diálogo com os alunos, procura perceber as semelhanças e as diferenças entre ambos os vídeos. Esta atividade tem como objetivo os alunos perceberem a importância da partilha.	Videoprojector		
				Vídeos – sobre a Partilha: “Emoção e	2 min.	Cumprimento das regras de sala de aula;
					3 min.	Comportamento;

		<ul style="list-style-type: none"> - Material; - Da própria pessoa: <ul style="list-style-type: none"> - do seu tempo; - das suas palavras e da escuta; - do seu sorriso; - do seu amor. 	<p>Partilha esta que pode ser material, na troca de qualquer tipo de bens materiais que temos em abundância (ou não) com quem tem mais necessidades ou passa necessidades. Como também pode ser partilhando a nossa própria pessoa (o “eu”, como um bem para o outro), através do nosso tempo, estando simplesmente presente, nos bons e maus momentos do “outro”; através de palavras de conforto, de carinho e de amizade perante aquele que se sente injustiçado; por meio da escuta, daqueles que não são ouvidos/escutados e que por vezes são oprimidos/reprimidos; também por meio do sorriso, que tanto pode contagiar e alegrar o dia de quem vive mais infeliz e tristemente; e, essencialmente, com muito amor, em tudo o que fazemos, de modo a que os outros se possam sentir amados e acolhidos por nós.</p> <p>De seguida, o professor refere que a partilha está relacionada com o serviço. Durante este momento o professor aproveita para falar da história de vida de um amigo, como um exemplo, que certa vez esteve a fazer voluntariado na casa de Saúde, no Telhal, em Lisboa, partilhando a sua pessoa ao estar ao serviço dos doentes mentais. Ele realmente sentiu que estava a partilhar algo de especial com pessoas especiais, e disse que aquilo realmente era servir o próximo. O professor acrescenta ainda que este tipo de serviço e de partilha depende do carisma de cada um, isto é, de acordo com os dons e as qualidades de cada, podemos pô-los a render e a estar ao serviço do bem comum. Assim também vós (alunos) descobrindo o vosso carisma podeis</p>	<p>Sentimento”; “Anúncio do Ano” (Anexo 16)</p> <p>Diálogo com os alunos</p>	<p>15 min.</p>	<p>Responsabilidade;</p> <p>Atenção e concentração;</p>
	<p>Reconhecer que ser pão é servir os outros de acordo com os carismas próprios de cada um</p>	<p>O serviço ao próximo</p> <p>A diversidade de carismas</p>		<p>História de vida</p>	<p>10 min.</p>	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Respeito pela opinião do outro.</p>

	Dar sentido prático à partilha	Partilhar o coração com os demais	<p>partilhar a vossa pessoa e o que tendes com as outras pessoas. Isto é ser “pão” para os outros.</p> <p>Para concluir, o professor entrega a cada aluno um coração em cartolina, dizendo que aquele coração simboliza o nosso carinho, ou amor ou apreço e, por isso, convida a todos os alunos o partilharem-no (oferecê-lo) a alguém especial, que goste imenso. Depois, pede que reparem na reação da pessoa, para verem se gostou ou não.</p>	Coração em cartolina (Anexo 17)	5 min.	
--	--------------------------------	-----------------------------------	---	---------------------------------	--------	--

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão
Aula n.º 7/7

Ano:6º | Turma: D
Data: 29 de abril de 2019
Tempo previsto: 45 min

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Introdução à Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”. A importância da alimentação no dia-a-dia e na perspetiva cultural.			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos - Breve apresentação do Professor e dos alunos -Registo do Sumário no quadro e nos cadernos diários pelos alunos. 	<p>Quadro e giz;</p> <p>Caderno diário e caneta.</p>	8 min.	
– Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	Refletir sobre o que realmente é importante na vida de cada um	Estabelecer prioridades na vida	<p>Com recurso à dinâmica “filosofia da vida”, o professor utiliza um recipiente vazio que irá ser preenchido, por ordem, com os seguintes objetos: 1º bolas de papel; 2º fósforos, 3º areia e, finalmente, chávena de café. De seguida, o professor passa a explicar aos alunos o que pretende com esta atividade. Assim sendo, refere que o recipiente representa a vida (de cada um de nós). As bolas de papel coloridas, as coisas mais importantes da vida: que corresponde às necessidades básicas (a educação, a proteção/segurança, a família, a habitação, a <u>alimentação...</u>). São coisas que, mesmo que perdêssemos tudo o resto, a nossa vida estaria cheia. Os fósforos são outras coisas importantes, mas secundárias, como o trabalho, ter um carro, uma casa completamente equipada, um telemóvel ou um computador, etc. A areia é tudo o resto, as pequenas coisas ou os acessórios. Assim acontece na vida. Se gastamos o nosso tempo e a nossa energia com as coisas pequenas, nunca teremos lugar para as coisas que realmente são importantes. É necessário prestar atenção ao que realmente importa, estabelecer prioridades.</p>	<p>Recipiente;</p> <p>bolas de papel coloridas; fósforos; areia; chávena de café; (Anexo 18)</p>	10 min.	<p>Assiduidade e pontualidade;</p> <p>Cumprimento das regras de sala de aula;</p>

<p>– Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>Reconhecer a importância da alimentação e da refeição.</p> <p>Reconhecer a alimentação como elemento cultural</p>	<p>A importância da alimentação no nosso dia-a-dia.</p> <p>A importância da alimentação nas culturas</p> <p>A refeição como experiência de encontro e de festa</p>	<p>No momento seguinte, o professor faz uma ponte entre a atividade anterior com a apresentação da Unidade Letiva: “A Partilha do Pão”, para tal, sublinha, de entre as coisas mais importantes, a importância que a alimentação tem na nossa vida e no nosso dia-a-dia.</p> <p>O professor alude que a alimentação está presente nas 3 dimensões da pessoa humana: a biológica: sublinhando a sua necessidade essencial à nossa sobrevivência; a social/cultural: quando comemos em família ou em grupos sociais e culturais aos quais pertencemos; e a espiritual, como consciência de uma dívida divina, e consciência moral. Neste âmbito, o professor aponta no quadro 3 exemplos de provérbios populares relacionados com a alimentação (patentes na nossa cultura portuguesa) a serem completados pelos alunos. É uma forma dos alunos perceberem o valor moral e expressões que contêm ensinamentos e regras sociais.</p> <p>Prosseguindo, o professor refere ainda que a alimentação é tão importante que, segundo cada país, continente e cultura, ela ganha expressões e modos de confeccionar diferentes. Fruto também da sua localização geográfica, modos de viver e dos bens neles disponíveis.</p> <p>Para uma melhor compreensão, o professor entrega a cada um dos alunos uma ficha de correspondência, na qual os alunos terão de ligar os pratos típicos a cada um dos continentes. Segue-se a sua correção no quadro.</p> <p>Para concluir, o professor propõe a visualização de um vídeo, com o propósito dos alunos perceberem melhor como estar à volta da mesa pode ser um momento cultural, de encontro, de conhecimento, de confraternização e de evitarmos os preconceitos em relação ao outro.</p> <p>A refeição também está presente nos momentos mais festivos e celebrativos da vida, como num aniversário, casamento, etc.</p>	<p>Diálogo com os alunos;</p> <p>Quadro e giz; Provérbios populares a serem completados: 1 – “Tem mais olhos... (que barriga); 2 – Quem não trabaça (trabalha)... (não manduca (come)); 3 – De grão a grão... (a galinha enche o papo);</p> <p>Ficha de atividades; Imagens dos continentes e dos pratos típicos afixados no quadro; (Anexo 19)</p> <p>Computador; Projetor; Vídeo – “6 estranhos sentam-se juntos, no escuro, para conversar” (Anexo 20)</p>	<p>12 min</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	<p>Participação ativa e organizada;</p> <p>Atenção e concentração;</p> <p>Comportamento</p> <p>Respeito pelos outros;</p>
---	--	--	---	---	--	---

2.3. Avaliação da Unidade Letiva

Concretizada a planificação e a lecionação da Unidade Letiva 3 “A Partilha do Pão”, do 6 ano de escolaridade, na turma A (e turma D), da escola básica 2,3 de Nogueira, faremos uma avaliação das aulas supramencionadas.

Antes de mais, faremos uma abordagem ao conceito de avaliação no geral, tendo em vista uma melhor compreensão deste ponto do capítulo.

Como é do comum conhecimento, avaliar é uma das tarefas mais importantes da função docente, embora, também seja das mais complexas. A avaliação é, essencialmente, “verificar se as aprendizagens estão a ser realizadas, se as competências estão a ser adquiridas e se as metodologias usadas pelos docentes estão a surtir o efeito desejado, monitorizando os respetivos processos de ensino.”²¹⁰ Neste sentido, a sua finalidade é reparar os erros deste processo, procurando, sempre, experiências de aprendizagens que possam ser mais eficazes, conduzindo, por isso, a aprendizagens relevantes. Além disso, é fundamentalmente formativa, embora possamos incluir a sua função sumativa e/ou certificativa.

Neste processo de avaliação deve haver sempre uma procura por parte do docente pelos melhores resultados dos seus alunos. Isto significa que os meios usados devem ser adequados às realidades dos alunos e das turmas, promovendo formas alternativas de trabalho, de acordo com as experiências de aprendizagens mais adequadas, reforço do ensino, estratégias diferenciadas e também um maior envolvimento e responsabilização dos alunos e dos encarregados de educação no processo de aprendizagem.

Sendo que todo o ensino está direcionado para as competências, a avaliação deve incidir sobre estas. Por isso mesmo, a avaliação é um processo contínuo e constante com base nas competências/aprendizagens adquiridas, quer a partir de uma verificação formativa diária, quer a partir de uma confirmação sumativa. As próprias planificações anuais, semestrais, semanais ou diárias, não podem descorar a forma como o professor vai avaliar cada um dos alunos. E essa avaliação deve estar em conformidade com os critérios de avaliação referenciados pelos órgãos de gestão e administração da escola, como também, na articulação destes com os parâmetros específicos da disciplina.

²¹⁰ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014), p. 165.

Desta forma, todas as aulas lecionadas foram planificadas de acordo com o programa de EMRC, sendo sempre feita, à posteriori, uma avaliação reflexiva sobre as mesmas, pelo núcleo de estágio da PES.

As planificações das aulas foram sempre cumpridas, embora reconheçamos que a gestão do tempo para cada um dos conteúdos programados fosse ligeiramente excedido, uma vez que a envolvimento dos discentes, em determinadas temáticas, revelou uma participação mais ativa, sensível e curiosa. Todavia, os objetivos propostos, assumimos que, no geral, forma atingidos.

Após as duas primeiras aulas, foi possível um melhor conhecimento da turma e de cada um dos alunos. Assim, nas aulas seguintes, foi possível planificar de acordo com a realidade da turma. Procurou-se criar estratégias que pudessem trazer maior clareza e coerências na transmissão de conteúdos aos alunos.

Em cada uma das aulas seguimos uma matriz comum, sem grandes alterações. Isto quer dizer que procuramos fazer sempre um acolhimento inicial, com alguns breves momentos de diálogo, de modo a se sentirem ambientados e confortados. Realçamos que, independentemente do curto espaço de tempo de leção, foi possível criar uma ótima relação entre professor-alunos. Depois, fomos sempre pedindo a um(a) aluno(a), que demonstrasse à vontade, para escrever o sumário no quadro, no sentido de motivá-los ainda mais. Os restantes, bem como aquele(a) que tivesse ido ao quadro, transcreviam-no para o seu caderno diário.

Em determinadas aulas foi possível recapitularmos alguns conteúdos menos aprofundados/estudados. Esta tarefa de síntese, foi fulcral, uma vez que a disciplina de EMRC é lecionada durante um tempo letivo por semana, assim foi possível relembrar algum aspeto ou esclarecer alguma dúvida.

No que se refere aos recursos utilizados, tendo em consideração a realidade e o modo de ser da turma, consideramos que o material apresentado foi bem implementado e bem conseguido. Todavia, foi notório uma maior concentração/atenção e curiosidade aquando da utilização de vídeos, apresentações em PowerPoint e o recurso a jogos.

Dos vídeos visualizados e analisados, notou-se que os alunos valorizaram imenso, também por remeterem para um tema mais sensível e solidário, o “Sentimentos e Emoções e o “Anúncio do Ano”²¹¹.

Também se demonstraram muito ativos quando lhes foi apresentado, em suporte PowerPoint, imagens alusivas à falta e desperdício de comida.²¹² Do mesmo

²¹¹ Cf. Anexo 16 – Vídeos sobre a Partilha.

²¹² Cf. Anexo 10 – PowerPoint – “Falta e desperdício de comida”.

modo, acharam pertinente a criação de um mini-capaz para ser oferecido à Instituição “Banco da Esperança”²¹³. Conclui-se, de um modo apreciativo, que são uma turma muito sensível às realidades sociais, pese embora, muitos deles estejam envolvidos em associações ou movimentos de solidariedade/voluntariado, que é muito enriquecedor e pedagógico, tendo em conta o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Teve grande impacto, pela positiva, o jogo “Bingo da Simbologia”²¹⁴, pelo qual foi possível memorizar e aprender de forma lúdica. Todavia, demonstraram ao longo do jogo serem muito competitivos.

Embora não tenhamos destacados todos os restantes recursos utilizados, sentimos que todos eles foram valorizados e apreciados pelos alunos, e ajudaram-nos, direta ou indiretamente, a consolidar conhecimentos.

Relativamente à participação, no geral, desde o início ao fim das lecionações, foi ativa e ordenada, embora houvesse momentos pontuais de uma ligeira participação desordenada. Todavia, a participação e o interesse demonstrados enquadravam-se sempre dentro da temática ou conteúdos abordados. Paralelamente a isto, alguns alunos demonstraram conhecimentos transversais e interdisciplinares, o que permitiu maior fluidez na transmissão e aquisição de conhecimentos.

Em cada uma das aulas procurou-se estar o mais solícito possível para esclarecer dúvidas, embora essas não fossem notórias por parte dos alunos.

No término de cada uma das aulas procurou-se fazer uma síntese daquilo que foi abordado, antecipando também o tema da aula seguinte.

Para efeitos de avaliação formativa, uma vez que não se realizou nenhum tipo de avaliação sumativa, tivemos em consideração, invariavelmente, através da observação direta, a assiduidade e pontualidade, o cumprimento das regras de sala de aula, o comportamento, a participação ativa e organizada, a atenção e concentração e o respeito pelos outros.

Sublinha-se a importância da experiência da Prática de Ensino Supervisionada para o enriquecimento do professor estagiário, como um momento “ponte” para o futuro.

Ainda dentro deste ponto, queremos sublinhar que o grupo da disciplina de EMRC, no Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, organiza em cada ano escolar uma atividade que seja de articulação disciplinar com as atividades propostas no Plano de Atividades Anual.

²¹³ Cf. Anexo 15 – Enunciados aos Encarregados de Educação.

²¹⁴ Cf. Anexos 4 e 5 – Tabuleiros e cartões

No ano letivo de 2018/2019 organizou-se esta atividade que engloba o tema principal do Agrupamento: “O Mundo”, que pretende ser um mundo às cores (ver figura 5), transformando a escola num ambiente global, onde se trabalha a diversidade e a multiculturalidade numa mesa só. Por conseguinte esta atividade intitula-se a “Mesa da Partilha”.

Um MUNDO às CORES!



Figura 5 - Um Mundo às cores

No âmbito da comemoração do dia da “Mesa da Partilha”, celebrado na escola EB 2/3 de Nogueira, no dia 5 de abril de 2019, o Núcleo de Estágio de Educação Moral e Religiosa Católica dinamizou uma atividade. O Núcleo é responsável por promover uma atividade para o hall-de-entrada da escola, (ver figura 6) funcionando esta como acolhimento a toda a comemoração.



Figura 6 – Mobiles dos Países

Através da proposta, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a diversidade cultural e gastronómica dos países representados na escola pelos alunos das diferentes nacionalidades (treze nacionalidades). Com recurso a mobiles, devidamente escalados, forneceram-se dados importantes sobre as características de cada país.

Ao mesmo tempo, o Núcleo de Estágio de Educação Moral e Religiosa Católica também apresentou dois temas fundamentais e transversais a

todas as sociedades: o desperdício alimentar (ver figura 8) e a fome no mundo (ver figura 9).



- dicas para reduzir o DESPERDÍCIO ALIMENTAR:**
- ▶ Planear as refeições e elaborar uma lista de compras antes de ir ao supermercado;
 - ▶ Consultar o prazo de validade de todos os produtos, escolhendo os de prazo mais alargado;
 - ▶ Utilizar a fruta amolecida para preparar batidos de fruta ou fruta cozida/assada;
 - ▶ Utilizar as sobras de peixe ou carne, para preparar uma salada ou um empadão;
 - ▶ Aproveitar sobras de hortícolas para confeccionar uma sopa ou um esparregado;
 - ▶ Fazer torradas para o pequeno-almoço ou lanche com o pão do dia anterior;
 - ▶ Cozinhar apenas as quantidades necessárias para o número de pessoas que irão consumir a refeição;
 - ▶ Guardar as sobras das refeições para o dia seguinte.
- A COMIDA NÃO É LIXO!**

Figura 8 – Desperdício alimentar



Figura 9 – A fome no mundo

3. Síntese

É grande a tarefa de mobilizar o conhecimento adquirido para a otimização do processo de ensino-aprendizagem e, ainda, estimular a capacidade de construir dispositivos de planificação, de gestão, de estratégias, de recursos e de avaliação, promotores da melhoria dos processos e dos resultados educativos.

A planificação, a lecionação e a avaliação são, na realidade, um corpo de conhecimentos pedagógicos. Perante todo este processo, que deve ser bem planeado e delineado, poderemos colher os “frutos”, a pequeno, médio e longo prazo. Embora, por vezes, não vejamos esses frutos, temos consciência de que as coisas bem programadas facilitam e ajudam o trabalho, bem como o alcance dos objetivos pretendidos.

Estamos convencidos que todo este trabalho realizado constitui uma mais-valia para o nosso crescimento como aprendizes e futuros docentes da disciplina de EMRC.

CONCLUSÃO

Este é o momento de fazer um balanço da experiência da PES, que teve o seu desenrolar ao longo do ano letivo 2018/2019.

O primeiro aspeto a ser colocado na “balança” é o da expectativa. Quando iniciámos este percurso, obviamente que os primeiros pensamentos ou interrogações a virem ao de cima foram: Será que conseguiremos? Porventura não será isto mais do que aquilo que possamos e que consigamos? Claro que surgiram outros *quid's*, mas estes foram os que mais “pesaram”.

Entretanto, com o desenrolar de toda a PES, as respostas, ainda que turvas, foram-se aclarando aos poucos. Contribuiui, e muito, os esforços, imaginários, pessoais e coletivos. O apoio e conforto incansáveis, e também com toda a sua sapiência e paciência, do acompanhamento permanente da Orientadora de estágio, a Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, igualmente, toda a dedicação, a coesão e disponibilidades assíduas de todos os colegas constituintes do núcleo de estágio, bem como todas as palavras e gestos de candura e todas as sugestões construtivas da orientadora cooperante, a professora Eugénia Monteiro.

Independentemente das dificuldades e dos dias, das horas, dos minutos e dos segundos afincados e da distância da família, dos amigos e de determinadas rotinas, graças à dedicação e perseverança transpirantes, todos os momentos pensados e repensados para a preparação das planificações e para as lecionações das aulas, dos deslocamentos cansativos e custosos, valeram a pena. E valeu a pena, porque simplesmente foi enriquecedor. Foi enriquecedor todo o trabalho desenvolvido, as experiências e trocas de saberes e de saberes adquiridos, os relacionamentos construídos e vincados, entre muitos outros aspetos.

Embora tenhamos traçado um caminho a percorrer, e que julgamos ter sido percorrido, sabemos perfeitamente que não é o único nem o mais perfeito, embora tenhamos consciência de que a vida é feita de recuos e de reparações, estando sempre abertos a críticas e a sugestões para um melhor progresso. Todavia, as responsabilidades nunca foram descuradas.

O trabalho de carácter mais científico deste relatório, em última instância, tem em mira uma contribuição e uma preocupação pelas questões de Ensino Escolar da Religião, nomeadamente ao que se refere à educação integral da pessoa, do desenvolvimento da personalidade humana e do sentido de dignidade e respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais, bem como a formação do carácter e da

cidadania, preparando o educador e o educando para uma reflexão consciente sobre os valores morais, espirituais e sociais.

A Educação Moral e Religiosa Católica, como parte integrante do sistema educativo, constitui uma parcela importante de referência moral e religiosa da vida para o crescimento das crianças e jovens, uma vez que permite uma visão do mundo equilibrada e aberta ao diálogo com mundividades alternativas.

Hodiernamente, é importante o aprofundamento do conhecimento religioso para compreendermos os fenómenos sociais. Aliás, todo este nosso estudo, tem por base esta perspetiva. A religião, mais do que outra coisa, é um fator de relação entre pessoas, de busca por um maior conhecimento do transcendente (Deus), da descoberta do valor do outro, na promoção da concórdia e da paz entre todos.

Assim sendo, a preocupação pelos que vivem em condições de pobreza (e seja qual for o tipo de pobreza com que nos deparamos) nunca nos devem tornar apáticos, indiferentes, mas sim cheios da misericórdia divina, a qual nos empurra a ser solidários com os outros e a estarmos atentos a tantas outras realidades sociais existentes.

Apostar num estilo de vida sóbrio, é apostar na responsabilidade de cuidarmos de nós e dos outros e das coisas. Hoje, a nossa casa comum encontra-se deteriorada e esgotada a vários níveis. Por isso, todos os esforços ético-práticos, com base numa educação sóbria, podem e fazem a diferença. E aquilo que nos custa mais, ao fim e ao cabo, tem mais sabor. Descobrir realmente que algumas coisas são supérfluas e dar valor ao que realmente importa, é das melhores e maiores descobertas, mesmo no século XXI, onde o paradigma que reina é o da oferta e o do consumo. Dar espaço para contemplar o outro, o mundo e o transcendente proporciona um ar mais limpo e mais puro.

O trabalho de carácter mais prático deste Relatório, isto é, a lecionação da PES, permitiu-nos uma evolução significativa de aula para aula, quer em termos de diferenciação pedagógica, quer em termos de operacionalização de conteúdos. Todas as estratégias, com recursos diversificados, permitiram captar a atenção dos alunos, possibilitando-lhes uma aprendizagem diversificada, atrativa e dinâmica. Em todas as aulas foi possível notar o empolgação dos alunos, não só pelas dinâmicas utilizadas, mas também pelo gosto de querer aprender mais.

Tendo conhecido melhor os alunos e a turma, tentámos ao longo das aulas, utilizar as TIC para projetar e visualizar imagens e vídeos para uma maior consolidação de conhecimentos, adaptar jogos com os conteúdos lecionados, fichas formativas e dinâmicas práticas, disponibilizando materiais didáticos adequados às tarefas, lançando

questões e ajudando-os a consolidar conhecimentos anteriores através de recapitulações/sínteses ou do esclarecimento de dúvidas. Por isso, a monitorização das aprendizagens em cada aula foi feita com a alegre e confiante capacidade apresentada.

Ressalta-se a fascinante capacidade dos vários discentes conseguirem relacionar matérias e conhecimentos transversais e multidisciplinares. Além disso, fica o sentimento de apressamento pelo fato de ser uma turma sensível às realidades sociais, apostando na solidariedade e no voluntariado na comunidade local.

Por fim, apenas dizer que, hoje em dia, ser professor não é apenas transmitir informações e conhecimentos, como porventura se fazia, mas, mais do que isso, é ser alguém que esteja presente, que dê testemunho na vida, que saiba ouvir e escutar, educar e acompanhar e perceber o contexto sociocultural onde está inserido para poder adaptar as suas práticas.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA SAGRADA, 5º ed., (Fátima: Difusora Bíblica, 2008).

1) Documentos do Magistério da Igreja

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993).

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: A Igreja no Mundo Atual. (Braga: Editorial A.O.,1965).

FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o Cuidado da Casa Comum* (Prior Velho: Paulinas, 2015).

FRANCISCO, *Primeira Escola dos Valores Civis*. In L'osservatore Romano (Vaticano, 2018).

JOÃO PAULO II, *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu da Religião Católica na Escola Pública* (In L'Observatore Romano, ed. Semanal em português, 1991).

JOÃO PAULO II, *Discurso ao Encontro Nacional da Escola Católica na Itália* (L'Observatore Romano, 24-12-1991).

PIO XII, Carta Encíclica *Sempiternus Rex Christus* – Sobre o XV Centenário do Concílio Ecuménico de Calcedónia (Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1951).

2) Sitiografia – Documento do Magistério da Igreja

BENTO XVI, *Angelus* de 16 de Setembro de 2007, Texto disponível online em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2007/documents/hf_ben-xvi_ang_20070916.html, consultado a 16-02-2019.

BENTO XVI, *Audiência Geral* de 11 de Maio de 2011, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110511.html, acedido em 14/02/2019.

BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, consultado em 1-06-2019.

FRANCISCO, *Audiência Geral*, de 19 de Junho de 2019, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20190619_udienza-generale.html, consultado em 30-05-2019.

FRANCISCO, *Discurso aos representantes dos meios de comunicação social* (Roma, 2013), Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html, consultado em 2-05-2019.

FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Letitia*, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, consultado em 2-06-2019.

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o_a_uma_economia_da_exclus%C3%A3o, consultado em 2-05-2019.

FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, de 25 de março de 2019, n. 246, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html, consultado em 1-05-2019.

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 19 de Março de 2018, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#O_gnosticismo_atual, consultado em 14-02-2019.

FRANCISCO, *Misericordiae Vultus* de 11 de Abril de 2015, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html, consultado em 16-02-2019.

FRANCISCO, Mensagem para XXIX Jornada Mundial da Juventude “*Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu*”, de 13 de Abril de 2014, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, consultado em 30-05-2019.

FRANCISCO, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, de 7 de junho de 2013, Texto disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html, consultado em 1-05-2019.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, Texto disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html, consultado em 3-06-2019.

JOÃO PAULO II, *Homilia do Domingo da Divina Misericórdia* de 22 de Abril de 2001, Texto disponível online em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2001/documents/hf_jp-ii_hom_20010422_divina-misericordia.html, consultado em 16-02-2019.

PAULO VI, *Gravissimum Educationis*, Texto disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html, consultado em 2-06-2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#A%20proximidade%20gratuita%20de%20Deus, consultado em 14-02-2019.

3) Dicionários

Colin Brown, *Pobre*. In Lothar Coenen, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Shown (São Paulo: Vida Nova, 2000).

Ermanno Ancilli; D. Pablo de Maroto, *Pobreza*. In Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum – *Dicionário de Espiritualidade*. Tradução Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite (São Paulo: Paulinas e Loyola, 2012).

LAROUSSE CULTURAL, *Grande dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa* (São Paulo: Nova Cultural, 1990).

P. Cabra, *Pobreza*. In L. Borriello e E. Caruana, *Dicionário de mística* (São Paulo: Paulus, 2003).

Rogério Almeida, *Pobre*. In Peter Eicher, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia* (São Paulo: Paulus, 1993).

4) Educação

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo – Triénio 2016-2018*. (Braga: AESAS, 2015).

Direcção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais/Articulação com o Perfil dos Alunos – 6º Ano/2º Ciclo do Ensino Básico* (julho de 2018).

Ministério da Educação/Direcção-Geral da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Editorial do Ministério da Educação e da Ciência, 2017).

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos Básicos e Secundários* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2007).

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014).

5) Bibliografia complementar

António José da Rocha Couto, *Pentateuco – Caminho da Vida Agraciada*, 2º ed. revista, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005).

Alexandre Freire Duarte, *A misericórdia com os demais a partir da misericórdia com Deus*. In *Revista Humanística e Teológica – O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016).

Carlos Maria Antunes, *Só o Pobre se faz Pão* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013).

Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, *Economia ao Serviço do carisma e da Missão*. Tradução Pe. João Chaves (Prior Velho: Paulinas, 2018).

Enzo Bianchi, *A misericórdia na Bíblia*. In *Revista Humanística e Teológica – O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016).

Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2012).

Joaquim Azevedo, *I Congresso das Escolas Católicas – Escola Católica e a Integração aos Sistemas Educativos* (Fátima, 2013).

José Eduardo Borges de Pinho, *A Igreja, casa da Misericórdia*. In *Revista Humanística e Teológica – O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016).

José Pedro Lopes Angélico, *Horizonte teológico e racionalidade teológica – Uma reflexão teológico-fundamental sobre a misericórdia*. In *Revista Humanística e Teológica – O Princípio da Misericórdia*. (Porto, 2016).

Juan Martin Velasco, *Religião e Dimensão Humana de Transcendência*, in *Communio*, 6 (1989/1).

Walter Kasper, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e a chave da vida cristã*, 1ª ed., tradução de Beatriz Luiz Gomes. (Cascais: Lucerna, 2015).

6) Sitiografia geral

António Aleixo, *O Poeta Popular*, Texto disponível online em <https://pt.toluna.com/opinions/4108837/Ant%C3%B3nio-Aleixo-o-Poeta-Popular>, consultado em 30-05-2019.

Carta da Congregação para a Educação Católica, *O Apostolado do Ensino Religioso nas Escolas Católicas*, Texto disponível em <http://www.educris.com/v2/100-santa-se/888-carta-da-congregacao-para-a-educacao-catolica-o-apostolado-do-ensino-religioso-nas-escolas-catolicas>, consultado em 1-06-2019.

Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da fé, *Ser Professor de EMRC*, Texto disponível em <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>, consultado em 1-05-2019.

Comissão Episcopal, Nota Pastoral Sobre a EMRC *Alicerce da Convivência Social* de 20 de Maio de 2003, Texto disponível online <http://www.educris.com/v2/102-comissao-episcopal/904-nota-pastoral-sobre-a-emrc-alicerce-da-convivencia-social---2003> consultado em 1-05-2019.

Comissão Episcopal, Nota Pastoral *A EMRC na Escola Pública: Um Contributo para a Civilização e para a Cultura* de 11 de Maio de 2001, Texto disponível online em <http://www.educris.com/v2/102-comissao-episcopal/901-nota-pastoral-a-emrc-na-escola-publica-um-contributo-para-a-civilizacao-e-para-a-cultura---2001>, consultado em 1-05-2019.

Conferência Episcopal Portuguesa, *A Educação Moral e Religiosa Católica: Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade*, Texto disponível online <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/891-a-educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade> consultado em 1-05-2019.

Congregação para a Educação Católica, *As Pessoas Consagradas e a sua Missão na Escola*, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20021028_consecrated-persons_po.html, consultado em 2-05-2019.

Congregação para a Educação Católica, *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica Orientações para a Reflexão e a Revisão*, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html, consultado em 1-05-2019.

Congregação para a Educação Católica, *Educar juntos na escola católica missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos*, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20070908_educare-insieme_po.html#*, consultado em 1-05-2019.

GRAMÁTICA, disponível online em <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-misericordia/>, consultado em 17-02-2019.

Sagrada Congregação para a Educação Católica, *A escola Católica*, Texto disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html, consultado em 1-05-2019.

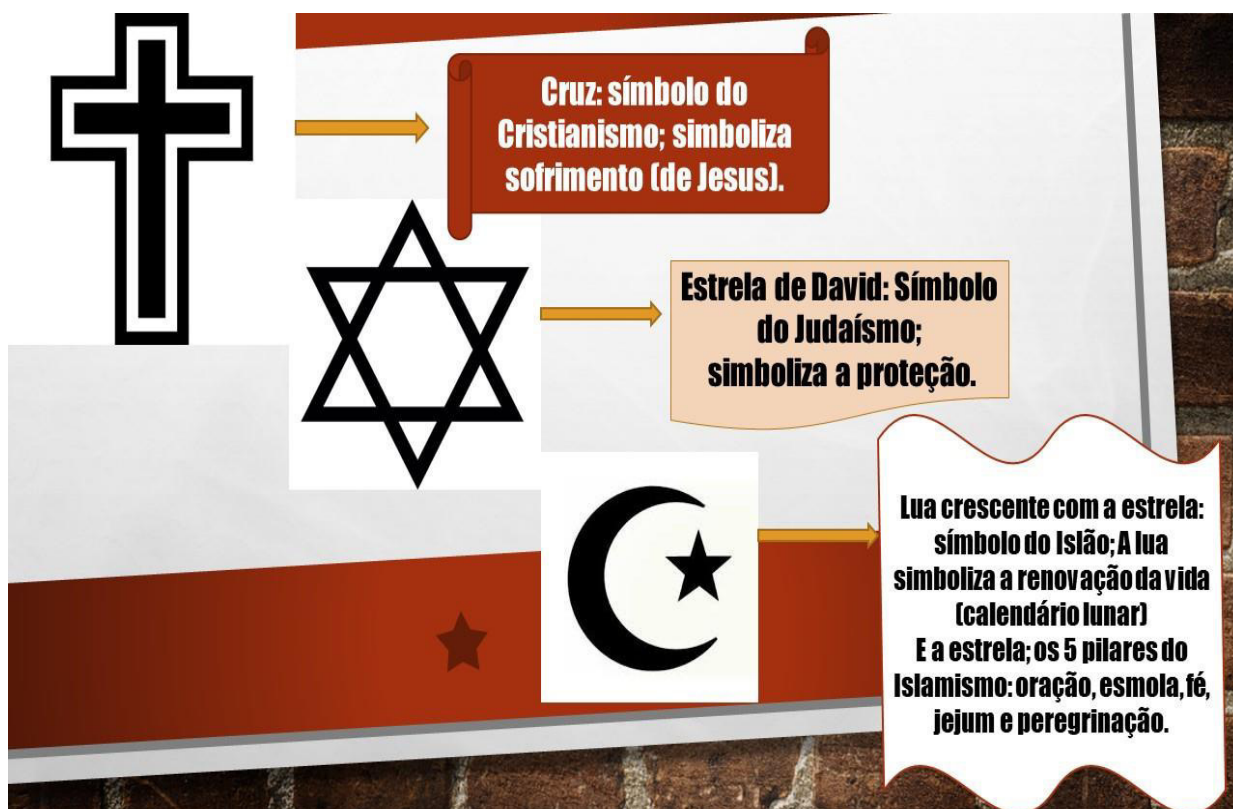
ANEXOS

Anexo 1



Anexo 1 – PowerPoint: Nomadismo vs Sedentarismo

Apresentação em PowerPoint de imagens alusivas à passagem do nomadismo à sedentarização, nas quais são notórias algumas diferenças entre uma e outra época. Realça-se que as realidades nem sempre foram as mesmas e que, com o passar dos tempos, o mundo vai evoluindo, assim como a alimentação e a forma de confeccionar os alimentos.



Anexo 2 – PowerPoint: Símbolos

Apresentação, em suporte PowerPoint, de alguns símbolos aleatórios, mas de conhecimento comum, descodificando ou associando ao seu significado. Realça-se que os símbolos remetem para uma dupla realidade: a concreta e a abstrata

A abundância de alimento é sinal da bênção divina. A terra prometida por Deus ao seu povo surge, no livro do Génesis, como um local paradisíaco e abundante em alimentos («onde corre o leite e o mel»). Nos momentos de sofrimento, o povo vive na esperança da realização da promessa, segundo a qual virá um tempo de conforto, de paz e de abundância de viveres.

O PÃO



O pão (*léhem*) é o símbolo do alimento essencial. No Antigo Testamento, o pão ázimo (sem fermento) representava as privações do povo hebreu escravizado no Egito. O maná é o pão caído do céu para alimentar o povo hebreu durante a travessia do deserto do Sinai. Representa a compaixão de Deus para com o seu povo.

A história da dádiva do Maná ao povo de Israel, no momento da travessia do deserto a caminho da terra prometida, encontra-se em Ex 16. Não se sabendo ao certo o que será, o Maná é uma substância granulosa, provavelmente produzida pela secreção do tamarisco (fruto da tamarqueira). De acordo com o texto bíblico, parecia-se com semente de coentro, era branco e sabia a bolo de mel. Quando os hebreus viram o acampamento coberto com esta substância ficaram espantados e perguntaram «Que é isto?» (em hebraico *Man hú*). O nome maná provém, pois, da pergunta feita pelos israelitas, apesar de o texto bíblico lhe chamar «alimento» ou «pão». O maná simboliza, portanto, o pão caído do céu para alimentar o povo. No Novo Testamento, Jesus, o alimento dos que nele acreditam, é identificado com o novo maná, o Pão de Deus descido do céu.

Nos evangelhos, Jesus, o novo maná, o pão da vida descido do céu, alimenta uma grande multidão de pessoas, depois de multiplicar alguns pães e alguns peixes.

Um dia, os discípulos de Jesus pediram-lhe que os ensinasse a rezar. Jesus ensinou-lhes a oração do Pai-Nosso. No início da segunda parte, esta oração faz referência ao pão quotidiano, símbolo do alimento diário necessário à sobrevivência de cada pessoa: «Dá-nos cada dia o pão de que precisamos...» (Lc 11, 3).

Figura 1 – Fotocópia da página relativa ao símbolo do Pão

O AZEITE



O azeite é um dos principais produtos da terra prometida e é sinal de bênção divina. Simboliza a alegria, a fraternidade, a riqueza e a abundância. O azeite servia para curar feridas, para temperar os alimentos e para iluminar. No Antigo Testamento, os reis, os profetas e os sacerdotes de Israel eram ungidos com azeite, para significar a bênção de Deus para o exercício de uma missão importante.

Nas celebrações cristãs, o azeite está presente nos sacramentos do batismo, na confirmação ou crisma, no sacramento da ordem (sacerdotes) e no sacramento da unção dos enfermos. No Novo Testamento, o rito da unção exprime a presença do Espírito Santo, com vista a uma missão. Jesus Cristo, o Messias, é o ungido, o escolhido de Deus.

A oliveira, árvore que produz a azeitona, a partir da qual é produzido o azeite, simboliza a paz e a reconciliação nas tradições judaica e cristã.

O VINHO



O vinho é frequentemente associado ao sangue. Na tradição bíblica, simboliza a alegria. No Evangelho de São João, é um dos elementos principais, a par com o pão, da celebração eucarística.

A videira era considerada uma árvore sagrada pelos povos do Médio Oriente. O povo hebreu é influenciado pela cultura dos povos que o rodeiam e adapta os seus símbolos.

Na simbologia bíblica, a videira, tal como a oliveira, é uma árvore messiânica e a vinha, tal como o vinho, representam a vinda do reino de Deus.

Figura 2 – Fotocópia da página relativa aos símbolos do Azeite e do vinho

A ÁGUA



Facilmente percebemos a importância da água no nosso dia a dia: na higiene matinal que nos refresca e revigora, no gole de água fresca que nos reconforta quando a sede aperta, na limpeza das nossas casas ou na frescura do jardim regado. E parece-nos tudo tão fácil, basta abrir a torneira! Se visitamos uma igreja, a água benta, da pia batismal, convida-nos à interioridade, à presença de Deus. Aqui, ela assume um valor sagrado, ganhando outro sentido. De fonte da vida física transforma-se em fonte da vida espiritual.

A água está vinculada à ideia de ser a fonte da vida. Ela apresenta-se como purificadora na maioria das religiões, incluindo o Hinduísmo, Cristianismo, Judaísmo, Islamismo e Xintoísmo.

Noutras culturas, por exemplo, para os índios Carajás (Brasil), o rio Araguaia é sagrado, porque entendem que a sua origem como povo está no fundo das suas águas. Na Índia, a população, em especial os crentes do Hinduísmo, entendem que é preciso mergulhar no rio Ganges, o seu rio sagrado, para receber a "gota da eternidade".

Índios Carajás (http://www.carajas.org/wiki/index.php?title=Índios_Karaj%C3%A1s)

A água é muitas vezes referida na Bíblia, livro sagrado do Judaísmo e do Cristianismo. Nela, surge enquanto elemento presente na criação — são as águas da criação. Quando todas as coisas foram criadas, a água já existia; foi, portanto, o elemento primordial a partir do qual tudo foi feito. Mas a Bíblia também alude à água noutros contextos, nomeadamente, a água enquanto elemento indispensável à prosperidade, por exemplo na agricultura e na pesca, como elemento necessário à vida e como elemento purificador. Também surge ligada à presença de Deus. Os seres humanos são os únicos seres capazes de refletir sobre a importância da água. Nas diferentes culturas, são atribuídos à água significados simbólicos. É uma representação universal de fertilidade, de fecundidade e de purificação. A água é também utilizada nos ritos comunitários de várias religiões e culturas. **Simboliza, habitualmente, a purificação da pessoa e a sua admissão num determinado grupo.**



O batismo cristão usa a água como sinal sacramental fundamental. Jesus refere-se à **vida nova** que se recebe no batismo, na conversa que tem com Nicodemos, um fariseu, membro do Sinédrio.

A água na Bíblia...



Sim, tenho muita água na Bíblia!

Quê Maria, tens água na Bíblia?!

Maria, como foste deixar que isso acontecesse? Deixa-me ver como ficou! Imagino como deve estar esse papel! Que desastrada, nem parece coisa tua!

Miguel, eu estou a fazer uma pesquisa na Bíblia, para ver se há referências à palavra "água"... é só isso!

Outro significado importante da água no Cristianismo é o da **água viva**, como Jesus se intitula a si próprio (João 4,1-42), no diálogo com uma samaritana, de modo que ela não volte a ter sede; por outras palavras, alcance a vida eterna.

Figura 3 e 4 – Fotocópias das páginas relativas ao símbolo da água

O CORDEIRO



O cordeiro é o símbolo mais antigo da Páscoa, é o símbolo da aliança feita entre Deus e o povo judeu na páscoa da antiga lei. No Antigo Testamento, a Páscoa era celebrada com os pães ázimos (sem fermento) e com o sacrifício de um cordeiro como recordação do grande feito de Deus em prol de seu povo: a libertação da escravidão do Egito. Assim o povo de Israel celebrava a libertação e a aliança de Deus com o seu povo. Moisés, escolhido por Deus para libertar o povo judeu da escravidão dos faraós, comemorou a passagem para a liberdade, imolando um cordeiro.

Para os cristãos, o cordeiro é o próprio Jesus. Cordeiro de Deus, que foi sacrificado na cruz pelos nossos pecados, e cujo sangue nos redimiu: ao morrer, destruiu a morte, e ao ressuscitar, restituiu a vida. É a nova Aliança de Deus realizada por Seu Filho, agora não só com um povo, mas com todos os povos.

Cristo ressuscitado (2013), Gafanha da Encarnação.



Figura 5 – Fotocópia da página relativa ao símbolo do cordeiro



Figura 1 - Tabuleiro de cartão plastificado com imagens: pão, azeite, vinho, água e cordeiro



Figura 1 – Mini-cartões plastificados



Figura 1 – Rebuçados

Anexo 6 – Um reforço: Os vencedores do jogo foram premiados com 2 rebuçados por cada elemento do grupo. Os Restantes, pela participação, recebem 1 rebuçado.





Anexo 7 – PowerPoint: Aliança, Antiga e Nova Aliança

Apresentação PowerPoint, pela qual procura-se esmiuçar alguns conceitos pouco familiarizados, tais como: a Aliança; a Antiga e a Nova Aliança.

Ano Letivo: 2018/19 – 6º Ano, Turma: A
O significado simbólico-religioso do Alimento

Pão → O Pão é o símbolo do alimento . No Antigo Testamento, o maná (pão caído do céu) alimentou o povo hebreu durante a travessia do Sinai. Representa a compaixão de Deus para com o seu povo. No Novo Testamento, é o novo maná, que alimenta uma grande multidão.



deserto, Jesus, essencial

Azeite → O Azeite serve para curar , para temperar os e para . No Antigo Testamento, os reis, os profetas e os sacerdotes eram com o azeite, para significar a bênção de para o exercício de uma missão importante. No Novo Testamento, Jesus Cristo, é o , escolhido por Deus.



Iluminar, alimentos, feridas, Deus, unguentos, unguento

Vinho → O vinho é frequentemente associado ao . Na tradição bíblica simboliza a . Para além do pão, o é dos principais elementos da celebração eucarística.



Alegria, vinho, sangue

Água → A Água é um bem essencial do nosso . Ela está associada à ideia de ser a fonte da vida. Ela apresenta-se como na maioria das religiões. Na Bíblia, a água surge enquanto elemento presente na . Simboliza, habitualmente, a purificação da pessoa e a sua admissão num determinado .



Criação, grupo, dia-a-dia,

Cordeiro → O Cordeiro é o símbolo mais da Páscoa, é o símbolo da feita entre Deus e o seu povo judeu na Páscoa da Antiga lei. Recorda a do povo de Deus da escravidão do Egito. Para os cristãos, o “cordeiro” é , que foi imolado na cruz.



Libertação, Jesus, antigo, aliança

Anexo 8 – Ficha de trabalho: “banco de palavras” para ser preenchida de acordo com os símbolos apresentados (pão, azeite, vinho, água e cordeiro). Serve a mesma para consolidar conhecimento.



Anexo 9 – PowerPoint: Igualdade vs Justiça

Apresentação PowerPoint de duas imagens que remetem para a questão da igualdade e da justiça social. Realça-se que o direito à igualdade, embora nem sempre é feita justiça. Pois a justiça é criar mais e melhores condições de igualdade de acordo com as condições de cada um.



Anexo 10 – PowerPoint: Falta e desperdício de comida

Apresentação em PowerPoint de algumas imagens alusivas à falta e desperdício de comida. Consciencializa-se para indiferença patente no mundo. Muitas vezes falta-nos a atenção para com o sofrimento de quem não tem o essencial para viver dignamente. Realça-se, também, que em casa e na escola, por vezes desperdiçamos de forma inconsciente, o que não deve acontecer. Apostar num estilo de vida sóbrio é ter consciência de poupança.

Causas da Fome

A fome ocorre devido a **causas naturais**, bem como de **causas que dependem da responsabilidade humana**.

De acordo com as colunas apresentadas, faz corresponder os elementos da coluna A aos da coluna B.

A	B
<p data-bbox="365 775 628 808">1 – Causas Naturais</p> <p data-bbox="301 972 692 1043">2 – Causas que dependem da responsabilidade humana</p>	<ul data-bbox="842 736 1283 1196" style="list-style-type: none">a) Guerra entre populações;b) Grandes inundações;c) Conflitos armados;d) Terramotos;e) Cidades sem acesso a bens de consumo;f) Desertificação;g) Egoísmo e ambição,h) Manipulação de preços;i) Seca;j) Desempregok) Trabalho mal remunerado

Bom trabalho!

Anexo 11 – Ficha de trabalho sobre as causas da fome

Distribuição de uma ficha de exercício de correspondências de colunas, para uma melhor compreensão de que as causas da fome tanto podem ser de origem natural como da responsabilidade humana.



Figura 1 – Mini KitKat

Anexo 12 – Distribuição, aleatória, de um mini chocolate a alguns alunos, sendo levantada a questão: “Será que fui justo com todos os alunos?”

Prestando atenção às diversas reações, salienta-se que a pobreza e a injustiça distribuição bens são uma realidade, pois muitas pessoas têm acesso aos bens primários, como habitação, educação, saúde e alimentação, ao passo que muitas outras não têm, quando todos os seres humanos, na verdade, têm o direito às condições essenciais da vida. No final, de modo a fazer uma distribuição justa, entrega-se um mini chocolate aos restantes que não tinham recebido.

INSTITUIÇÕES VOCACIONADAS AO COMBATE DA FOME



ONG

Organizações Não Governamentais




**Associações criadas pela sociedade civil, à margem do Estado
E distinguem-se das outras por não terem fins lucrativos**

FAO

ORGANIZAÇÃO PARA ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA:

NO COMBATE À FOME, FOMENTA A PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS, REGULAÇÃO DA PESCA E PROCURA INVESTIR NAS FONTES DE ENERGIA RENOVÁVEL





Banco Alimentar
contra a fome

BANCOS ALIMENTARES CONTRA A FOME

- **LEMA: APROVEITAR ONDE SOBRA PARA DISTRIBUIR ONDE FALTA.**
- **PRETENDE EVITAR O DESPERDÍCIO DE ALIMENTOS, FAZENDO-OS CHEGAR ÀS PESSOAS QUE TÊM FOME.**
- **RECEBE TODO O GÉNERO DE ALIMENTOS, OFERTAS DE INDUSTRIAS AGROALIMENTARES**
- **REALIZA CAMPANHAS DE SOLIDARIEDADE NAS SUPERFÍCIES COMERCIAIS, RECOLHENDO ASSIM DÁDIVAS DAS PESSOAS**
- **O TRABALHO DOS BANCOS ALIMENTARES ASSENTA NOS PRINCÍPIOS DA SOLIDARIEDADE E DA PARTILHA E É EXERCIDO POR VOLUNTÁRIOS.**

Anexo 13 – PowerPoint: FAO e Bancos Alimentares Contra a Fome

Com recurso ao suporte PowerPoint, apresenta-se a importância de algumas instituições que lutam contra a fome, nomeadamente organizações não governamentais (ONG), como a FAO e o Banco Alimentar Contra a fome. Refere-se que estas contribuem para a defesa da qualidade de vida das populações desfavorecidas, prestam ajuda humanitária e auxiliam em caso de emergência.

Princípios do voluntariado

O **voluntariado** é exercido por pessoas que se preocupam em ajudar o próximo sem esperar nada em troca.

De acordo com as alíneas apresentadas sublinha quais são os princípios que orientam o voluntariado.

- a) Solidariedade
- b) Preguiça
- c) Cooperação
- d) Egoísmo
- e) Gratuidade
- f) Irresponsabilidade
- g) Participação
- h) Comodismo
- i) justiça

Anexo 14 – Ficha de exercícios sobre os princípios do voluntariado

Aquando da definição de “solidariedade” e de “voluntariado”, realiza-se a ficha de exercícios nos qual serve para identificar e ficar a conhecer os princípios subjacentes ao voluntariado.

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio

Ano letivo 2018/2019



Excelentíssimo/a Encarregado de Educação, antes de mais, quero saudar e desejar-lhe um santo e feliz Natal. Todo nós sabemos que o Natal é uma época de “luz”, de conforto, de aconchego e de partilha. No entanto, sabemos que nem todos, sobretudo os mais desfavorecidos, não têm um Natal tão “iluminado” como a maioria das famílias. Neste sentido, no âmbito da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica estamos a criar um mini cabaz com a Turma 6º A, para partilhar com a Instituição “Banco da Esperança”, localizada no Porto, que acolhe meninos carenciados. É uma forma de demonstramos a nossa solidariedade e carinho para com eles. Desta forma, tendo em conta as possibilidades de cada um, e caso aprove, gostaríamos que cada aluno trouxesse, na próxima aula, algo simples para contribuir, para que o Natal destes meninos seja mais risonho, como por exemplo, uma peça de roupa mais antiga e/ou menos usada dos vossos educandos, um enlatado, um pacote de bolachas, ou um quilo de arroz ou de açúcar, sal ou massa, etc.

Desde já, agradecemos a intenção e generosidade e por partilhar um “pouco de si” com quem menos tem.

Um bem-haja pelo seu gesto de solidariedade.

O Professor de EMRC,

5 de novembro de 2018

Anexo 15 – Enunciado aos Encarregados de Educação

Procurou-se apelar à solidariedade, no sentido de criarmos um míni-cabaz de turma, para oferecer a uma instituição que tenha necessidade, na época natalícia. A Instituição a ajudar seria a do “Banco da Esperança”, localizada no Porto. Pretende-se adquirir alguma experiência prática de solidariedade. No enunciado referimos que cada um dos alunos, caso pudesse e quisessem, podiam trazer na aula seguinte, por exemplo, uma peça de roupa a mais, um quilo de arroz, um pacote de massa, açúcar, um enlatado ou umas bolachas, etc. Assim, estaríamos, nem que seja de forma simples, a contribuir com um pouco de nós com aqueles que têm menos do que nós.



Figura 1 – Vídeo: Emoções e Sentimentos



Figura 2 – Anúncio do Ano

Anexo 16 – Vídeos sobre a Partilha: “Emoção e Sentimento” e “Anúncio do Ano”

Os vídeos retratam situações de partilha, o da figura 1 foi consultado a 7 de janeiro de 2019 e pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=5vpgzfa5FBQ>, e o da figura 2, foi consultado a 8 de janeiro do mesmo ano, e pode ser consultado em <https://www.youtube.com/watch?v=yQucy1zpDn4>.



Anexo 17 – Coração em cartolina

Entrega-se um coração em cartolina, que simboliza o carinho, ou o amor ou o apreço e convida-se a partilhá-lo (oferecê-lo) a alguém especial, que goste imenso. Depois, pede-se para reparar na reação da pessoa, para ver se gostou ou não.





Anexo 18 – Recipiente; bolas de papel coloridas; fósforos; areia; chávena de café

Com recurso à dinâmica “filosofia da vida”, utilizou-se um recipiente vazio que foi sendo preenchido, por ordem, com os seguintes objetos: 1º bolas de papel; 2º fósforos, 3º areia e em 4º uma chávena de café. Com esta dinâmica referimos que o recipiente representa a vida. As bolas de papel coloridas, as coisas mais importantes da vida: que corresponde às necessidades básicas (a educação, a proteção/segurança, a família, a habitação, a alimentação...). São coisas que, mesmo que perdêssemos tudo o resto, a nossa vida estaria cheia. Os fósforos são outras coisas importantes, mas secundárias, como o trabalho, ter um carro, uma casa completamente equipada, um telemóvel ou um computador, etc. A areia é tudo o resto, as pequenas coisas ou os acessórios. Assim acontece na vida. Se gastamos o nosso tempo e a nossa energia com as coisas pequenas, nunca teremos lugar para as coisas que realmente são importantes. É necessário prestar atenção ao que realmente importa, estabelecer prioridades.

Agrupamento de Escolas
Alberto Sampaio

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ALBERTO SAMPAIO
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
6º ANO
UNIDADE LETIVA 3: A PARTILHA DO PÃO



Nome: _____ Nº: _____ Data: ____/____/____

1. Liga as imagens que representam os pratos típicos ao seu continente correspondente.



SUSHI



CACHUPA



FAST
FOOD



HORTALI
ÇAS,
FRUTA,
LEGUMES
E AZEITE



BIFE DE
CANGURU,
PESTO
VERDE E
ROMÃ

OCEANIA



EUROPA



ÁFRICA



AMÉRICA



ÁSIA



Anexo 19 – Ficha de atividade

Refere-se que alimentação é tão importante que, segundo cada país, continente e cultura, ela ganha expressões e modos de confeccionar diferentes. Fruto também da sua localização geográfica, modos de viver e dos bens neles disponíveis.

Para uma melhor consolidação de conhecimento entregamos a ficha de correspondência, para associar os pratos típicos aos Continentes.



Anexo 20 – Vídeo: 6 estranhos sentam-se juntos, no escuro, para conversar

Com a visualização do vídeo realça-se que estar à volta da mesa pode ser um momento cultural, de encontro, de conhecimento, de confraternização e de evitarmos os preconceitos em relação ao outro. O vídeo foi consultado a 28 de abril de 2019, e pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=QObVgzPkdNY>.

